

O Retorno de um Estranho

The Return Of The Stranger

Kate Walker



Sofisticação e sensualidade em cenários internacionais.

Açoitado pelos ventos das colinas que no passado foram o seu lar, Heath, um homem solitário e amargurado, jura se vingar da mulher que terminara de destruir os últimos vestígios de seu coração...

Lady Katherine Charlton jamais esquecera o ajudante do estábulo de punhos fortes e coração amargurado com o qual convivera durante a infância. Agora o rebelde estava de volta, e disfarçava o ódio com uma polidez forçada. Quando dez anos de escândalos e segredos foram revelados, o desejo mais sombrio de Heath tomou forma no exato momento em que beijou Kathy com violência e paixão. E então ele teve toda a certeza de que sua vingança seria consumada... e Kathy lhe pertenceria!

Eles são poderosos e somente a inocência de uma mulher poderá domá-los!





ISBN 978-85-398-0186-2

HARLEQUIN
2011

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.
Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a
transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com
pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE RETURN OF THE STRANGER

Copyright © 2011 by Kate Walker

Originalmente publicado em 2011 por Mills & Boon Modern Romance

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração eletrônica: ABREU'S SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-36547 2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A.

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186/ 2195-3185/ 2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

Ele voltara.

Heath ficou de pé praticamente na metade do caminho entre as duas casas que moldaram o seu passado. Logo acima, no topo da íngreme colina, estava a grande e antiga casa de pedra conhecida como High Farm. Abandonada e precisando de reformas urgente, a casa estava com as janelas destruídas, o jardim revolto e parecia sombria e nada acolhedora, especialmente com o vento soprando entre as árvores ao seu redor. Logo abaixo, no vale, estava Grange, elegante e bem cuidada, com sua grama verde, seus canteiros de rosas, e bem ao lado da casa grande, construída com pedras douradas, havia uma piscina azul que brilhava sob o sol.

Ele crescera em uma dessas casas, mas nunca fora capaz de chamá-la de lar. Passara grande parte da infância e adolescência por lá, mas nunca pertencera àquele lugar. Sempre se sentira um intruso. E quando o homem que o levou até lá morreu, todos os traços de aconchego ou "família" se dissiparam.

A outra casa sempre fora uma desconhecida para ele, que nunca pôde sequer passar pela porta, muito menos entrar em qualquer um dos cômodos elegantes e luxuosamente decorados. Uma única vez cruzou o limiar, chegando apenas ao vestibulo, para logo depois ser arrastado para fora pelo colarinho de sua camisa, sentindo um joelho contra as suas costas e sendo atirado entre os cascalhos úmidos do lado de fora da propriedade, com o rosto batendo com força no chão.

Ele estava de volta, mas nunca diria que voltara *para casa*.

— Casa! Que bobagem...

Chutou uma pedra que estava à sua frente e ficou observando o caminho que ela fez até parar no meio da grama. Aquele lugar nunca fora o seu lar, nem mesmo quando ele imaginava ser. Dez anos antes, ainda um adolescente paupérrimo, ele virou as costas para tudo aquilo, sendo guiado unicamente pela última traição que sofrera, pela última rejeição, pois fora muito mais forte do que ele poderia agüentar. Ir embora numa noite tão vil foi como ser carregado pelo próprio diabo para o inferno, e a chuva gelada quase o deixou cego ao penetrar em seus olhos, colando seu cabelo à cabeça.

Com a roupa do corpo e alguns trocados que enfiou no bolso, uma quantia tão irrisória que não hesitaria em oferecer a um indigente, ele jurou que um dia voltaria.

Sim, um dia voltaria. Mas antes conseguiria um bom status, riqueza e poder, o que faria com que as famílias Charlton e Nicholls nunca mais o tratassem da mesma forma.

Tinham se passado dez anos, mas finalmente estava pronto. Dizem que a vingança é um prato que deve ser servido frio, e ele teve tempo de se

transformar numa pessoa tão fria quanto o gelo, pronta para exercer sua vingança. Estava tudo no lugar, ele já atirara a primeira carta à mesa, movera a primeira peça do dominó e, em pouco tempo, conseguiria destruir as últimas defesas dos seus inimigos.

Mais uma vez o vento gelado soprava entre o seu cabelo, batendo na sua testa franzina e nos seus olhos. Ao afastar os fios do rosto, sentiu a marca da ferida em sua bochecha e abriu um sorriso carrancudo ao lembrar-se de quem a provocara e por quê.

Antes que a semana terminasse, Joseph Nicholls se arrependeria do que fizera... e de muitas outras coisas.

E a irmã de Joseph? E Kat?

— Katherine...

Pensar nela fora um erro. Ele balançou a cabeça, tentando afastar as memórias que se levantaram a partir de tal pensamento. A verdade é que essas memórias deveriam estar enterradas no fundo de sua mente para sempre.

Tinha coisas a fazer, planos para pôr em ação. E não deixaria a lembrança da menina que destruíra o pouco que restava do seu coração afastá-lo do seu propósito, que já estava a ponto de alcançar. Mais tarde, a veria novamente, claro. Como poderia voltar a Hawden e não ficar cara a cara com ela? Não poderia ir embora sem antes exorcizar o terrível legado que ela plantara em sua alma, as terríveis feridas que abrira no seu corpo e rosto, causadas por seu irmão e seu marido.

Teria de vê-la mais uma vez antes de ir embora definitivamente de Hawden Valley. Porém, antes, tinha outras coisas a fazer, outras memórias a apagar, crueldades e injustiças a vingar. Estava pronto para mostrar às famílias que o trataram como algo sem qualquer importância que elas já não tinham qualquer poder sobre ele. Na verdade, ele voltara com todo o poder em suas mãos.

Katherine Nicholls... ou melhor, Katherine Charlton... poderia esperar um pouco mais. Mas precisava vê-la, para fechar a porta onde esteve parado por tantos anos. E sabia que só dependeria dele. Seria a última coisa a fazer antes de limpar o pó de Hawden das suas botas. Uma última olhada para trás e iria embora dali para sempre.

— Tem alguém aqui querendo vê-la, senhora Charlton.

Kat estava atenta aos jornais que tinha à sua frente e, por isso, não ergueu os olhos quando Ellen chegou ao cômodo e não fez mais do que franzir a testa quando a governanta parou na porta, anunciando a visita. Porém, não ouvira a campainha nem qualquer batida na porta, e aquela hesitação, ao notar que Ellen não dissera quem era a tal visita, era estranha. Sem contar com o formalíssimo *senhora Charlton*. A governanta normalmente a chamava de Kat.

Claro que quando Arthur estava vivo tudo era diferente. Ele sempre exigiu a mais extrema formalidade. Mas Arthur estava morto há mais de um ano, e Kat rapidamente se livrara do regime imposto pelo marido.

— Quem é, Ellen?

— Disse vir de Londres — respondeu a governanta, e o seu tom de voz parecia avisar que não era "qualquer um".

Porém, Kat se lembrou de quem deveria chegar ali naquele dia, e o mundo voltou ao seu lugar. Tudo mudara desde a morte de Arthur e os descobrimentos feitos logo após tal acontecimento.

— Faça com que entre, Ellen.

Ela sabia ter demonstrado tensão em sua voz. Afinal de contas, o tal visitante era a advogada de Arthur, a pessoa que carregava nas mãos o futuro de todos os que viviam naquela casa. E o futuro de Ellen estava tão ligado àquele lugar quanto o de Kat, assim como o futuro de todos os empregados da propriedade. Eram tantas as pessoas que trabalhavam para o seu marido... Eis uma das razões que faziam daquele um dia tão importante.

Ao ouvir os passos de Ellen pelo corredor, ela voltou sua atenção aos jornais à sua frente. Se realmente fosse a advogada, rezava para que estivesse trazendo boas notícias. Algo que pudesse ser útil. Algo que aliviasse a tensão e a incerteza que assombravam seus últimos meses. Tanta gente dependia dela, e ela adoraria poder ajudá-los.

A extensão dos problemas que Arthur deixara em suas mãos fazia a sua mente girar. O jogo e as outras malditas formas que ele encontrara para acabar com o dinheiro da família pareciam suficientes, mas os detalhes sobre as dívidas que contraíra não cessavam nunca, como se fosse uma fileira de peças de dominó caindo. E só de pensar em todos aqueles nomes estrangeiros, naquela enorme corporação, a Itabira Corporation, da América do Sul, que estava envolvida nos acordos financeiros... Porém uma coisa era clara: seu marido, agora morto, arruinara tudo, gastara até o último centavo em sua vida secreta, que escondera de Kat desde o seu casamento, e até mesmo antes, ela pensou. A verdade é que nunca chegara realmente a conhecer Arthur Charlton.

O homem com quem se casara, ou o homem com quem imaginara estar se casando, nunca existiu. Caso tivesse suspeitado de metade das coisas que descobriu após sua morte, nunca teria aceitado a proposta de casamento.

Se o visitante fosse realmente a advogada, deveria ter mudado de sexo, pois os passos que Kat ouvia no corredor eram muito mais pesados e fortes que os de Ellen. Eram os passos de um homem, definitivamente. E de um homem poderoso, firme, forte, controlador.

Os passos se detiveram. O silêncio repentino a fez notar que o visitante estava próximo, parado na porta. Antes que tivesse tempo de erguer os olhos, ouviu uma voz,, e o som dela fez com que sentisse um frio intenso na espinha.

— Oi, Kat. Aquela voz...

Sua mente falhou, não permitiu que completasse o pensamento. As palavras não se formavam na sua cabeça. Não poderia ser ele...

— Heath?

O nome foi sussurrado pela sua boca, os jornais caíram de suas mãos sobre a mesa, e ela forçou-se a erguer o olhar, a olhar para a porta aberta. O

homem que estava ali causou tanto impacto em seus sentidos que o seu mundo, o seu sentimento de realidade, foi fortemente abalado.

Oi, Kat. Ela pensava que nunca mais ouviria aquela voz, era como se ele tivesse voltado do mundo dos mortos diretamente para aquela sala, em forma de fantasma. Estava de volta para assombrar o seu presente, como antes assombrara o seu passado.

— Heath!

Era *ele*. O mesmo, embora diferente. Parecia maior, mais musculoso, mais forte, mais sóbrio. Tão diferente e, ao mesmo tempo, tão parecido. O menino selvagem de antes, o jovem com fogo nos olhos, perigo nos punhos e confusão no coração, aquele menino continuava ali. Mas estava escondido, camuflado sob uma camada mais poderosa, mais polida. Uma camada incrivelmente sofisticada. Era um homem muito masculino, incrivelmente sexy.

E ficou parado ali, alto e esguio. Seu cabelo negro, antes sempre revoltado, parecia muito bem penteado. Seu corpo estava envolto num terno cinza-chumbo incrivelmente bem cortado, terno que moldava sua cintura fina e suas pernas longas e musculosas, que, naquele momento, estavam apoiadas no carpete azul e cor de creme, terminando em botas de couro pretas que reluziam contra os tons claros do carpete. Uma camisa branca imaculada intensificava sua pele bronzeada, cor que, sem dúvida, ganhara numa longa temporada num país muito mais quente do que a Inglaterra. Nos ombros, carregava uma capa de chuva preta também perfeitamente cortada... E essa peça de roupa fez com que ela se lembrasse de um ladrão que, há muito tempo, aparecera na sua porta exigindo dinheiro e todas as suas jóias. Mas o que era aquilo numa de suas orelhas com pele tão bronzeada? Um brinco? Era uma esmeralda profundamente verde que brilhava frente à luz tímida que entrava pela janela. Um ornamento fantástico e inesperado, além de exoticamente lindo, assim como o homem parado à sua frente.

— É você...

Em outros tempos, teria ficado muito feliz em vê-lo. Mas isso teria sido naquela época em que eram tão bons amigos. E tal amizade fazia parte do passado, perdera-se para sempre. Julgando pela forma como ele partira, deixando para trás tantas ameaças, Kat notou que ele já não sentia amizade por ela ou por qualquer membro de sua família. E se aquela linguagem corporal hostil, se aquele brilho frio no olhar e se aquela expressão carrancuda diziam algo, era que ele não voltara para uma reunião nostálgica.

E lembrando-se de tudo o que tinham feito juntos no passado, aquele olhar a fazia sentir-se mal, muito mal.

Ouviu sua voz novamente, mas parecia mais distante. Era a voz de um homem. Uma voz profunda, áspera, com um inesperado toque estrangeiro. Uma voz que conhecia, mas que, ao mesmo tempo, nunca ouvira antes.

— Estava esperando outra pessoa? — ele perguntou. A total falta de calor em sua voz a cortou como gelo, fazendo o chão tremer sob os seus pés, sob as suas pernas.

Aquele homem fora parte essencial da sua vida, fora muito mais que um amigo e passara a infância inteira ao seu lado, dividindo a dor pela perda do

seu pai, os problemas do início da adolescência, protegendo-a do seu irmão, sempre tão tirano... E um dia desaparecera. Fora embora sem dar qualquer explicação e nunca tentou fazer contato. Ela chorou essa perda em seu travesseiro durante várias noites, mas tudo indicava que ele se esquecera completamente de Kat. Há dez anos não ouvia nem falar sobre ele.

— Oi, Kat — foi tudo o que ele disse, mas girou o seu mundo de cabeça para baixo.

No entanto, era exatamente isso o que ele tinha pensado fazer. Jurara um dia voltar e acabar com toda a calma por ali.

— Quem mais poderia ser, senhorita Katherine?

Aquele toque de cinismo era novo. Assim como a sua aparência, que não tinha nada a ver com o que ele era antes. O seu Heath nunca fora assim. O Heath que ela conhecera não tinha tamanha sofisticação, não parecia um predador capaz de entrar naquela casa de atmosfera tão civilizada que ela construía. No entanto, ninguém melhor do que ela sabia que as aparências "civilizadas" podem ser muito enganosas.

Porém, mesmo com tanta sofisticação e brilho, ele ainda parecia ser uma criatura selvagem, mas controlada, com olhos atentos, músculos envenenados e membros preparados para lutar ou sair correndo sempre que fosse necessário.

Porém, olhando-o nos olhos, ela não notou qualquer desejo de fuga. O velho Heath estava lá, metido na provocação dos seus olhos dourados, com uma rebeldia que nenhuma roupa sofisticada poderia esconder. Quando ela o encarou, viu um homem com as mesmas feições do seu antigo amigo, mas não conseguiu encontrar qualquer traço do calor que havia entre eles. Heath estava ali, mas o menino que ela conhecera não, e Kat sentia falta dele. A dor que se seguiu foi como uma punhalada no coração.

— *Senhorita Katherine?* — ela repetiu, embora estivesse sem fôlego e trêmula. Ao mesmo tempo que o seu coração acelerava, conseguiu o que queria: imitar um pouco o tom de voz de Heath. — Você sempre me chamou de Kat!

— Você era Kat naquela época.

O seu tom era terrivelmente frio e distante, e os seus olhos pareciam cacos de vidro gélidos naquele rosto moreno. Ele tirou o casaco dos ombros, deixando-o nas costas de uma cadeira próxima, e a repentina transformação de sócia do ladrão em cavalheiro foi um choque que a deixou sem fôlego.

— Mas isso foi há muito tempo — ela disse. — Éramos crianças. Não conhecíamos a vida.

E Heath perguntou a si mesmo: será que ele aprendera alguma coisa em todo aquele tempo? Não deveria ter voltado daquela maneira. Jurara a si mesmo que voltaria por uma única razão e que lidaria *apenas* com os dois homens que transformaram sua vida numa desgraça, que o trataram como um animal e não como um ser humano. Voltaria a Hawden para mostrar-lhes no que se transformara, para revelar o poder que passara a ter sobre eles, para atirar os insultos e a crueldade nas suas caras e depois iria embora, para

sempre.

O plano era perfeito, pelo menos no que se referia a Joseph Nicholls. Quanto a Arthur Charlton, tudo era diferente. Quando soube de sua morte, ele se sentiu como um predador afastado da sua presa. Ao não poder estar cara a cara com o conde, foi tomado pela frustração. E tal frustração o levou ao local que jurara nunca mais voltar.

Estava mais uma vez na presença de Katherine Charlton, que antes fora Katherine Nicholls. A mulher que arrasara o que lhe restava de coração.

— Não, já não somos crianças — ele disse, fazendo que sim. — Há muito tempo.

E aí residia o seu erro. Assim que colocou os pés novamente na Inglaterra, foi assolado por imagens da sua infância e não conseguiu resistir a, pelo menos, uma visita à Grange. Não conseguiu lutar contra a necessidade de ir até lá e ver no que Kat se transformara, ver o que os anos tinham feito a ela.

Seria apenas uma olhada rápida, disse a si mesmo. Só queria ver como ela estava e sairia correndo dali.

Mas tal olhada foi fatal à sua mente, fatal à sua determinação de ir embora de Hawden, de limpar o que restava da poeira daquele local dos seus sapatos. Tal olhar lhe disse que não poderia se afastar de Katherine Charlton. Apenas um olhar e notou que ainda a desejava, ainda a queria mais do que a qualquer outra mulher. Tinha de afastá-la da sua vida, afastá-la física e mentalmente, antes que a fome que o consumira durante todos aqueles anos destruísse sua habilidade de pensar lógica e friamente, como exigia a situação.

Heath sabia que ela continuaria sendo uma mulher atraente. Como poderia ser diferente? Ainda menina, sempre chamou a atenção de todos.

O que ele não sabia é que ela se transformara numa mulher tão linda.

O tempo suavizou o seu corpo, deixando-o mais feminino, com o tipo de curvas que fazem o seu pulso acelerar. Desde a última vez que a vira, sua aparência selvagem se transformara em algo mais refinado, deixando-a com uma aparência de *lady*, sendo pouco mais que uma sombra da Kat que conhecera. Seu cabelo negro e longo, que antes caía solto pelos ombros, estava preso num rabo de cavalo que se movia quando ela mexia a cabeça. Seu rosto ficara mais fino, criando volumosas bochechas sob os azuis, profundos, que pareciam enormes, maiores do que nunca, emoldurados por grossas pestanas negras. Mesmo usando um simples vestido azul de algodão, era claramente a senhora da casa e parecia totalmente integrada àquele local que ele antes só via quando espreitava pelas janelas, pois sua entrada era proibida.

— Sem dúvida alguma, já não somos crianças — disse Kat, sorrindo, embora o seu sorriso não demonstrasse qualquer humor. — E deixamos isso bem para trás.

Heath quase pôde sentir a vibração das suas palavras, o ardor da sua resposta e notou que os seus olhos ficaram mais profundos por conta de uma rejeição raivosa frente a ele.

As palavras cortantes voaram em direção ao seu rosto, pareciam querer

distanciá-la dele, assim como a forma como ela deu um passo para trás. Mas nada disso foi capaz de interromper a atração que se formava entre os dois, culpa do instinto. Ela o encarava com a cabeça erguida, impondo o seu nariz aristocrático, observando-o com superioridade. E os seus pés, vestindo delicadas sandálias azuis, estavam firmemente presos ao chão acarpetado.

— Você não é nenhuma menina, não é mesmo. É uma *lady*.

Algo nos olhos de Kat disseram a Heath que ela entendera o seu recado, entendera que tais palavras não eram um elogio. E ela deveria saber muito bem o que tais palavras escondiam.

Pois somente *ele* fora banido da Grange, lembrou-se Heath, sentindo um gosto amargo na boca. Kat nunca fora banida do que as pessoas chamavam de "casa grande". Naquela noite em que os cães de guarda detectaram a presença deles dois no jardim, agarrando a perna de Kat com seus dentes poderosos, rasgando a sua pele, ela foi levada para dentro, onde foi bem recebida, onde suas feridas foram curadas e onde passou a noite. Mas ele foi obrigado a ir embora, sendo atirado à chuva como se fosse lixo, algo não desejado. E quando voltou à High Farm, Joseph reclamou por ter ousado transpor os portões do seu vizinho aristocrático.

Aquela foi a última vez que ele e Kat estiveram realmente juntos. E tal experiência lhe ensinou o que o dinheiro podia comprar. Entre outras coisas, o dinheiro garantia os cuidados no conforto da Grange. Quando voltou à casa, Kat era uma pessoa diferente. A cada dia ela se afastava mais de Heath, e ali estava ela, ainda reservada, ainda distante, com aqueles olhos azuis e frios demonstrando que o enxergava como um intruso em seu mundo elegante.

Na verdade, ele era mais que um intruso. Em pouco tempo, ela entenderia que suas posições tinham se invertido. Embora Heath estivesse louco para contar-lhe exatamente o homem que era naquele momento, ele sabia que era melhor esperar, guardar a grande novidade para o final.

— Eu cresci — ela disse. E seu olhar era como o gelo, frio e cortante. — Espero que nós dois tenhamos crescido.

Sim, ela crescera. Crescera e se afastara ainda mais dele. Aquela amizade de infância já não existia. Se é que algum dia eles realmente estiveram tão unidos quando ele imaginava. Olhou friamente para ela, como se Kat estivesse gastando o seu tempo com ele.

No entanto, pensar friamente era quase impossível. Certa vez, ele desejara aquela mulher com uma força incontrollável, com todo o ardor do seu coração de menino. Mas ela virará as costas para Heath, decidindo entregar-se a um homem com o dinheiro e a posição que almejava. No entanto, Heath já não era aquele menino solitário. E os sentimentos que Kat despertava nele não tinham nada a ver com os que experimentara na infância. Estavam muito mais próximos do desejo puro e selvagem de um homem maduro, um homem calejado pela vida e pela experiência.

Um homem que desejava a mulher que tinha à sua frente com uma força que não parava de crescer há dez anos, mesmo que tentasse negar tudo isso.

Jurara para si mesmo que daria apenas uma boa olhada e depois iria embora. E realmente acreditava que poderia fazer isso, mas antes de ver a

mulher em que ela se transformara. Uma mulher que, em apenas alguns segundos, conseguira despertar uma fome incontrolável em Heath, algo de que ele não poderia se livrar facilmente nem controlar por muito tempo.

Voltara buscando se vingar do seu irmão e do seu marido, que escapara, morrendo inesperadamente. Mas a verdade é que continuava tendo assuntos a tratar com a senhora Charlton. Negócios cuja gravidade ele se negara a enxergar até aquele momento.

— Muita água passou por baixo da ponte desde a última vez que nos vimos — ele disse. — Tudo mudou. Sem dúvida.

Um desconforto mental deixou Kat sem palavras. Ela não sabia muito bem como se comportar na frente daquele homem... Um homem que *era* e, ao mesmo tempo, *não era* Heath. Certamente, não era o Heath que ela conhecia.

A frieza nos olhos dele dizia tudo. E algo no tom da sua voz fazia o sangue de Kat gelar nas veias. Ela não estava lidando com o Heath que conhecia ou com nada parecido. As novas linhas de expressão no seu rosto, que nunca poderiam ter sido causadas por sorrisos, contavam uma história particular.

— Afinal de contas, o que poderia permanecer igual após tanto tempo? — ela perguntou, endurecendo o tom de voz para se aproximar da expressão de Heath. — Você não merece boas-vindas após dez anos de silêncio e ausência. Imagino que nunca tenha pensado em mim.

— Talvez eu tenha pensado um pouco mais em você do que você em mim, *senhorita Katherine*.

Cínico, ele brincava com a forma como o irmão de Kat exigia que a tratasse. O Heath atual, homem que obviamente conseguira alcançar algo grande em sua vida, nunca a trataria por *senhorita Katherine*, mesmo que seu irmão o obrigasse. Ele encarava o mundo de frente, olhando-o nos olhos. E, tratando-a assim, parecia capaz de derreter uma camada da sua pele, expondo as entranhas de Kat.

— Talvez deva te chamar de *lady* Charlton...

— Esse é o meu sobrenome!

O nervosismo fez com que ela levantasse a voz, usando um tom que lhe pareceu frio e distante. Um tom digno do próprio Arthur Charlton. E, ao notar isso, ficou com raiva de si mesma. Mas tudo o que queria era alcançar o tom usado por Heath. Se ele não voltara como amigo, só poderia ter voltado como inimigo, e ela sentiu uma imediata necessidade de se proteger daquele homem que era um quase completo estranho. Ele prosperara, isso era evidente. Mas prosperara de que maneira, cm que sentido?

— Você sabe que eu me casei então?

Ela não podia imaginar como Heath interpretaria sua pergunta. Mas a verdade é que ele não tinha idéia de como fora a sua vida desde que partira. Não tinha idéia do vazio que deixara no seu coração e das formas loucas como ela tentou preenchê-lo.

Heath fez que sim lentamente, com expressão gélida, como se o seu rosto tivesse sido esculpido em mármore. Seus olhos eram opacos e não

deixavam transparecer nada.

— Sim, fiquei sabendo e queria lhe dar os parabéns. Mas nunca imaginei que o seu marido a deixaria viúva antes da hora. Acho que serei obrigado a trocar os parabéns por condolências.

— A morte de Arthur foi um choque para todos nós.

O que mais ela poderia ter dito? No fim das contas, era verdade, uma verdade que ela escondia desde o momento em que a polícia chegou à Grange com a má notícia. Outra verdade era que passara grande parte do tempo escondendo a realidade do seu casamento para si mesma. E o esforço para não deixar que ninguém enxergasse o que acontecia por detrás das elegantes e respeitadas portas da "casa grande" se transformara em algo primordial em sua vida. Afinal, a sua posição a protegia de coisas muito piores.

Ela fora reduzida a nada após o casamento com Arthur. União que toda a vizinhança, toda a região, considerava como o "casamento da década", mas que logo provou ser uma mentira amarga, do começo ao fim. Casamento que ela sempre tentou levar adiante, até ser traída com a descoberta da vida secreta de Arthur.

— E mudou muita coisa — ele disse.

— Mudou? Como?

Heath não respondeu, começando a caminhar pela sala, pisando no carpete de forma pesada, reavivando a imagem do predador que a invadira minutos antes. De pé ao lado das grandes janelas, ele demonstrava interesse pelo que tinha à sua frente, pelo jardim, pela piscina ao lado da casa e pelos campos onde ovelhas pastavam tranquilamente, mesmo com a chuva que caía.

De onde ele ficou parado, sob a luz que vinha da janela, ela podia ver as marcas na pele de sua bochecha, a fina ferida que corria pelo seu rosto. E ao lembrar-se de quem causara tal ferida, Kat ficou nervosa.

A marca fora causada por uma patada de cavalo, de um cavalo que o seu irmão Joseph atirou sem piedade em cima de Heath, em mais uma de suas atitudes irracionais. Com aquele ataque, Joseph demonstrou a força de seu ciúme, gerando um ato de violência que a deixou horrorizada.

Heath voltara para confrontar-se com o seu irmão? Só de pensar numa briga entre os dois ela sentiu um frio na espinha que a fez tremer.

Aquela história de que um dia viria para *dar-lhe os parabéns* já fora um golpe duro contra os seus nervos. Significava que há muito tempo planejava a sua volta. E se ele tivesse voltado antes, teria sido diferente?

Kat foi tomada por uma lembrança amarga. Lembrou-se do momento em que chegou à igreja do vilarejo, quatro anos antes, no dia do seu casamento, e de ter ficado parada na entrada, com o órgão tocando as notas familiares da *Marcha Nupcial*. E lembrou-se de ter dado uma olhada em volta, buscando um rosto familiar, um rosto duro. Permitindo-se um único momento de...

De esperança?

Claro que Heath não estava por lá. Seu irmão e Arthur o trataram como um cão. Ele nunca seria testemunha do casamento entre as duas famílias. E

pensar que Heath foi o único que a alertou para o perigo da família Charlton. Caso tivesse escutado o que Heath dizia, ela teria economizado umas boas dores de cabeça.

— De que maneira isso mudou as coisas? — ela perguntou, empregando um tom que exigia uma resposta.

— Não é óbvio? — perguntou Heath, girando o corpo lentamente, quase dançando, até postar-se de frente para ela. — Você é a dona de tudo isto.

Um gesto da sua mão forte abarcou toda a casa, o jardim e as terras além da janela.

— A pequena *senhorita Kat* conseguiu tudo o que queria. A casa grande, o status, a vida elegante...

Heath proclamava as palavras, fazendo-a contrair o corpo. Tudo o que ele dizia a fazia reviver as memórias da última vez que o vira, da raiva que nascera nele e que mais tarde se transformou em rejeição total. O gosto amargo que Kat sentiu ao notar o quão longe estava de ter *conseguido tudo o que queria* fez com que explodisse.

— Eu *não* consegui tudo o que queria!

Se ele ao menos soubesse que o que ela vivera nunca fora um casamento convencional. Se soubesse que o homem que preencheria o vazio deixado na sua vida, no fim das contas, demonstrou ser um terrível tirano e que a transformação aconteceu no exato momento em que ela pôs a aliança no dedo, no dia do seu aniversário de 21 anos. Se soubesse que a casa grande se transformara numa espécie de prisão odiosa, que aquela vida elegante não passara de uma mentira...

— O meu marido morreu!

— Eu sei... E vim até aqui para me encontrar com ele, com o seu marido.

— Por quê? O que você queria com Arthur?

— Nós tínhamos... negócios a discutir.

A ênfase na palavra "negócios" fez com que Kat sentisse um frio na espinha. Seus últimos e vários "encontros de negócios" sempre resultaram em problemas.

— Que tipo de negócios?

— Nada relevante agora.

A expressão de Heath era tão opaca que ela não poderia imaginar o que se escondia por trás daqueles olhos.

— Não acredito que Arthur quisesse fazer qualquer tipo de negócio com você. Ele nunca comentou nada sobre isso.

— E o seu marido falava de negócios com você? Havia algo por trás daquela pergunta? Kat notara um toque sombrio no tom da sua voz.

— Na verdade... não.

Arthur nunca conversava sobre nada com ela. Lançava ordens, insistia

em como as coisas deveriam ser feitas. Em poucas semanas de casada, ela descobriu que não passaria de um troféu nas mãos do marido. Tudo o que ele queria era uma mulher que parecesse elegante ao seu lado e a exibiria como se fosse um tesouro ou uma joia. Além de exigir que organizasse festas para a sociedade.

Ela sabia que tais festas eram importantes para o marido. Sabia que a imagem que apresentavam ao mundo era perfeitamente estudada para tapar a realidade, como uma espécie de cortina de fumaça. A verdade é que ele nunca quis uma esposa, pelo menos não no sentido real da palavra. O casamento deles dois era falso como as "relíquias" que mantinham em casa, peças que na verdade não passavam de cópias, pois as originais tinham sido vendidas há muito tempo.

— Não... Arthur não agia assim — ela disse.

— Era o que eu imaginava.

Tal resposta a deixou nervosa, e Kat se lembrou da declaração de que tinha negócios a tratar com Arthur. Que conexão ele poderia ter com Arthur?

Ela estava com a pergunta na ponta da língua, mas foi interrompida por passos rápidos que anunciavam uma nova visita. Sabendo de quem se tratava, achou melhor não perguntar nada naquele momento.

CAPITULO DOIS

A porta se abriu e a figura magra e loira da cunhada de Kat entrou na sala. Isobel voltava do Centro da cidade, onde fizera algumas compras. Tinha meia dúzia de bolsas elegantes nas mãos, e os seus olhos brilhavam, eram os olhos de quem acabara de dar uma boa violentada no cartão de crédito.

Kat suspirou, pensando que teria de conversar seriamente com Isobel. Obviamente, a jovem não entendera — ou não queria entender — a gravidade da situação. Sendo sincera, Kat nem sabia como os cartões continuavam funcionando. Mas não seguiriam assim por muito tempo. Quando os seus credores notassem a gravidade da situação, surgiriam muitos pedidos de pagamentos.

Mas não conversaria sobre isso na frente de Heath. Isobel era muito parecida com Arthur, sempre determinada a seguir em frente, sem escutar ninguém. Forçou-se a manter a calma, chegou a sorrir para Isobel, embora todos os seus nervos gritassem em protesto contra os atos da cunhada.

— Foi muito divertido! — disse Isobel. — A Lacey já está com a nova coleção de verão, são coisas lindas e...

Sua voz falhou ao notar o homem alto e moreno parado ao lado da

janela, que a observava em silêncio.

— Oi! — ela cumprimentou, levantando o tom da voz com um sorriso radiante, que fez o coração de Kat bater pesado, pois reconhecia aqueles sinais tão característicos.

Isobel vira alguém que lhe parecia interessante. Isso era óbvio. E o homem que despertava o seu interesse era simplesmente Heath. Na verdade, Kat não deveria se surpreender. Comparado aos meninos desleixados e magricelos com os quais sua cunhada costumava sair, Heath era um verdadeiro homem. Ele parecia preencher todos os cantos da sala com sua presença, seus olhos profundos pareciam queimar tudo ao seu redor. E as suas sobrancelhas arqueadas, o seu sorriso...

Meus Deus, quando ele sorria sua expressão era outra, e Kat sentiu seu estômago revirar, como se estivesse a bordo de um navio que balançava fortemente entre as ondas. Era incrível notar que aquela era a primeira vez que a boca de Heath se abria numa espécie de sorriso e que o seu rosto soturno demonstrava qualquer traço de calor... Pelo menos, desde o momento em que ele aparecera naquela sala, sem avisar.

— Oi, Isobel.

O sotaque que notara nas palavras de Heath parecia se acentuar, deixando-o com um tom mais exótico, mais estrangeiro.

— Você me conhece? — ela perguntou, intrigada e com um sorriso no rosto que demonstrava curiosidade e provocação.

— Claro que sim. Você é a jovem Isobel... Agora bem crescidinha...

— E você, quem é?

Isobel piscou os olhos e suas longas pestanas numa espécie de flerte, e Kat sentiu uma dor aguda no coração ao notar que Heath respondia com outro sorriso tímido.

Era ainda mais chocante notar que, quando sorria, Heath parecia tão diferente, tão devastadoramente sexy, e ao notar tudo isso, o coração de Kat parecia a ponto de explodir no peito. Porém tal nervosismo misturava-se com outra coisa, algo mais complicado de ser digerido. No fundo da sua mente, embora tenha tentado enterrar tais memórias para sempre, ainda podia ouvir o eco da voz de Arthur, com seu tom selvagem e mortal: *Você ainda sonha com aquele... cigano. É isso o que você quer...*

— Não está reconhecendo? É o Heath — disse Kat de repente.

— Heath? — perguntou sua cunhada. — Que Heath?

Kat ficou surpresa ao ver que era incapaz de responder a essa pergunta. Na verdade, não sabia como descrevê-lo. Kat não pensara em *nada* desde o momento em que ele chegara ali, desde o momento em que voltara à sua vida.

— Heath Montanha — ele respondeu, com os olhos escuros pregados em Isobel.

Mas a verdade é que Isobel não passava de uma criança de onze anos quando ele foi embora do vilarejo e só despertara para a vida muito tempo depois. Aliás, transformara-se numa loira maravilhosa, cheia de curvas e muito

sensual. Ao seu lado, Kat se sentia muito alta e desengonçada, como nos tempos de adolescente, quando não se sentia bem em lugar algum, exceto ao lado de Heath.

Sentiu um gosto amargo na boca ao se lembrar de que Heath estava sempre ao seu lado, que era o seu melhor amigo, que a apoiava. Heath, porém, nunca se sentiu mal quando adolescente. Ria das meninas que se achavam o máximo, não fazia qualquer esforço para agir de forma mais convencional ou se vestir bem. E foi exatamente essa necessidade de se sentir melhor e mais feminina que atraiu Kat para o lado dos Charlton, para o que eles significavam na sociedade em que viviam. E isso acabou empurrando-a para um "casamento dos sonhos", uma união que deveria oferecer-lhe tudo o que ela sempre quis.

Um "casamento dos sonhos" que abriu as portas a um pesadelo privado.

— Heath Montanha? — perguntou Kat. Mas ele não se chamava Heath Nicholls?

Claro, isso deve ter sido a primeira coisa que ele fez ao fugir daquele vilarejo: livrar-se do nome da família à qual nunca pertenceu realmente, para, dessa forma, se livrar dos homens que haviam transformado sua vida num inferno.

— Que nome mais exótico! Qual a sua nacionalidade?

Isobel flertava abertamente, usando um tom de voz mais lascivo, sorrindo e encarando aqueles olhos profundos e observadores.

— Sou brasileiro.

— Você foi para o Brasil? Por quê? — perguntou Kat, incapaz de evitar a curiosidade.

— Por que não? Você mesma me disse que o meu pai poderia ter sido o imperador da China, certo?

As memórias do passado a atingiam como lâminas afiadas, e ela se lembrou do exato momento em que criou um ancestral imaginário para Heath, de quando criou um pano de fundo poderoso e rico para a sua vida, algo que poderia defendê-lo frente à tirania de Joseph e Arthur. Naquela época, os dois estavam do mesmo lado, e Kat imaginava que nada poderia interpor-se entre eles.

— Você ainda se lembra disso?

— Claro que me lembro — ele respondeu, enfatizando as palavras e fazendo com que ela sentisse um frio na espinha.

Do que mais ele se lembraria? Aliás, *como* ele se lembraria das coisas...

— Eu adoraria conhecer o Brasil.

Isobel estava determinada a atrair a atenção de Heath. E como bem sabia Kat, isso não seria nada complicado, pois sua cunhada sempre teve a habilidade de deixar os homens gravitando ao seu redor. Homens que nunca olhavam para Kat. Aliás, a verdade é que homens como o atual Heath nunca olhavam para ela.

Seu próprio marido nunca a olhou dessa forma. Nem mesmo no dia do seu casamento, quando todas as mulheres têm o direito de se sentir bonitas. Assim que ficaram sozinhos, ele criticou sua aparência e começou a tentar mudar tudo sobre ela. Demorou um tempo para que Kat entendesse o porquê disso tudo.

— O Rio de Janeiro... O sol... O mar... O samba...

Isobel deixou o seu corpo se mover ao ritmo de uma música imaginária.

— Kat, você não acha que deveria oferecer um drinque à sua visita? Há quanto tempo ele está por aqui sem que você tenha oferecido nada?

— Eu estava de saída.

Só de pensar na cunhada reclamando da sua falta de hospitalidade frente a uma visita que, quando criança, sempre dera com a porta na cara naquela mesma casa, fazia com que ela se sentisse muito mal. E ele, sem dúvida, sentia o mesmo.

Certa vez, prometera a si mesma que quando fosse rica e alcançasse uma posição confortável, receberia Heath com os braços abertos. Mas tanta coisa acontecera desde então...

— Eu poderia pedir que nos sirvam um chá se você quiser...

As palavras mal saíram de sua boca e ela já podia notar como deveriam soar aos ouvidos de Heath. Vendo a forma como os seus lábios se curvaram, ela percebeu o que ele tinha em mente. Acabara de agir como uma *senhora*, como uma avó que oferece um chá e não como uma jovem de 25 anos de idade. Mas a verdade é que, há muito tempo, deixara de se sentir jovem.

— Chá? — ele repetiu brincando. — Típico inglês...

— Bem... eu sou... quer dizer, nós somos ingleses — respondeu Kat, defensivamente, em tom cortante e fazendo cara feia.

— Mas eu não passo de um vira-lata, certo?

Os seus olhos estampavam um claro desafio, um desafio e uma chacota cínica, algo que fez os pelos da nuca de Kat ficarem eriçados.

— Não foi isso o que eu quis dizer!

— Por que não? É a verdade. O meu sangue é misturado, como você sempre suspeitou... Não sou puro inglês como você e a sua família.

Mais uma vez, ela se lembrou de quando especulavam sobre quais seriam os ancestrais de Heath, sobre que pano de fundo exótico poderia ter criado aquelas feições tão dramáticas.

— Você descobriu algo sobre o seu passado?

— Descobri. E o seu marido teria adorado saber que realmente não tenho nada a ver com a aristocracia, como ele sempre pensou.

Heath não diria nada mais, não daria mais detalhes. Deixou isso claro no tom de sua voz. Não tinha qualquer intenção de contar à Kat sobre o que descobrira.

— Então vamos ou não tomar um chá?

O tom petulante de Isobel fez com que Heath piscasse os olhos lentamente antes de olhar em outra direção, na direção da sua cunhada.

— Acho que não — ele respondeu. — Peço desculpas, mas não posso ficar mais tempo por aqui, tenho negócios a resolver.

Enquanto se desculpava, ele pegou o casaco, que atirou sobre os ombros da mesma forma como o levava ao chegar ali e girou o corpo em direção à porta. Pela segunda vez, mencionara os "negócios" e sem dar maiores explicações. Mais uma vez, Kat sentiu um arrepio na espinha.

Voltarei algum dia. E você verá que tudo poderá ser posto de cabeça para baixo.

Com medo de, que ele sumisse da sua vida, como já fizera uma vez, e que nunca mais voltasse, ela pediu:

— Heath... espere...

Ele estava quase na outra ponta do corredor e, até então, não olhara para trás nenhuma vez. Mas finalmente parou e girou o corpo lentamente.

— Você ainda não me disse por que veio aqui. O que está fazendo aqui?

— Você quer saber por que vim à Grange hoje? Acho que a resposta é bem óbvia.

— Pois não me parece — ela respondeu, com voz trêmula, envergonhada.

Heath abriu outro breve sorriso, um sorriso gélido, sem qualquer traço de calor.

— Vim aqui para te ver, claro. Por que outra razão teria vindo?

— Veio aqui para...

— Para te ver, *lady* Katherine — ele repetiu, e suas palavras soavam como um rio de gelo, fazendo a pele de Kat ficar arrepiada. — Para olhar mais uma vez para o seu rosto e depois ir embora... Desta vez, para sempre.

CAPÍTULO TRÊS

Aquele fora o plano desenhado, como Heath bem sabia.

Dissera a si mesmo que veria como ela estava e que depois sumiria dali. Jurou que espanaria o pó da Grange dos sapatos e que voltaria à sua vida — uma vida de êxito e poder, muito diferente e muito distante da que um dia tivera em Yorkshire. Caso o marido de Kat estivesse vivo, poderia ficar mais tempo, pois adoraria destruir todos os seus planos, completando sua vingança. Seria ótimo ver Arthur Charlton e Joe Nicholls rebaixados ao mesmo ponto que um

dia o rebaixaram. Porém Nicholls já sabia por que ele estava ali, sabia que tinha perdido tudo, e até aquele momento, Heath achava que essa informação seria suficiente.

Mas isso foi antes de ficar cara a cara com a nova Katherine. Ao vê-la, ao ver a maravilhosa mulher na qual se transformara, ao sentir seu coração acelerado, seu sangue correndo nas veias, seu corpo trincando de desejo, ele notou que não poderia simplesmente virar as costas e ir embora.

Ele sempre imaginou como seria estar acima dela, mas ao vê-la, notou que isso não passava de uma ilusão. Ele nunca poderia "estar acima" daquela mulher. E não tinha nada a ver com vingança, mas sim com paixão, com um desejo sexual que o consumia por dentro pelo mero fato de saber que Katherine Nicholls existia.

Se um dia a desejou quando menina, antes que tivesse se transformado naquele vulcão de beleza, naquele momento, era como se ele fosse morrer caso não a levasse para a cama, pelo menos uma vez. Queria saber o que seria fazer amor com ela, como seria sentir o peso do seu corpo sobre o dele, o seu corpo abrindo-se para ele, queria ouvir os seus gritos de deleite ao chegar ao clímax.

E ela chegaria ao orgasmo, quanto a isso não havia dúvida. Nenhuma mulher poderia olhá-lo da forma como ela o olhou no momento em que entrou naquela sala sem que entre eles fosse construída uma conexão primitiva de desejo. O que Heath sentia nas entranhas do seu corpo aparecia refletido nos olhos de Kat. Suas pupilas estavam tão dilatadas que engoliam todo o profundo azul da íris.

E Heath notou que não poderia seguir em frente com o seu plano original, que não poderia simplesmente ir embora. O seu desejo por Kat era forte demais. O que ele queria era que *ela o desejasse* tanto quanto ele a desejava.

E que ela reconhecesse isso. Dessa forma, as antigas feridas poderiam ser curadas.

Você está dizendo que eu sinto desejo por Heath? Você está de brincadeira!, ela dissera a Arthur Charlton, e o tom ácido das suas palavras ainda queimavam na memória de Heath. *Você... acha que eu olharia para ele? Ele não tem dinheiro, não tem trabalho... não tem classe! A família Nicholls pode ter caído em desgraça algumas vezes, mas mantemos o nosso orgulho. Aliás, você acha que alguém neste mundo seria capaz de desejá-lo?*

Heath chegara ali em busca de vingança, mas a sua *vendetta* era contra o irmão e o marido de Kat. Os acordos financeiros ainda não tinham sido revelados, mas quando fossem, proporcionariam-lhe uma grande satisfação mental, um enorme alívio, algo que nunca antes experimentara. Uma satisfação carnal, sensual, quente, o tipo de satisfação que o deixava excitado frente ao que estava por vir.

— Você já fez isso antes — disse Kat, com um tom de voz inesperadamente áspero. — Já foi embora uma vez. E eu imaginei que seria para sempre.

— É verdade... Se eu tivesse a cabeça no lugar, teria me mantido longe

daqui.

Sim, ele queria se manter longe dali. Queria destruir todas as conexões com Hawden e a sua vida anterior, mas o destino o interceptara. Os maus negócios que Nicholls e Charlton fizeram com uma das suas empresas, sem saber a quem pertencia, reviveram duras lembranças. E ele, de uma vez por todas, decidiu que era a hora de lidar com os dois homens que tinham transformado sua vida num inferno. Mas resolveu esperar um pouco, pois queria organizar bem o seu plano, aparar as arestas. No entanto, nesse meio tempo, Arthur Charlton deixou-se levar por um estilo de vida sórdido e decadente... E tudo o que lhe restava era Nicholls.

O que Heath não contava era que Kat continuasse tão conectada a ele. Não contava que, com apenas um olhar, fosse impossível ir embora dali.

— Outras coisas me trouxeram de volta a Hawden...

— Que outras coisas?

— Tenho coisas a resolver, você sabe... — disse Heath, sorrindo para ela.

Olhando bem fundo nos olhos de Kat, ele notou que seu plano de vingança se transformara numa faca de dois gumes. Tudo o que devia fazer era contar-lhe por que estava ali. Tinha de jogar na mesa todas as suas cartas, tudo o que planejara tão bem antes de sair do Brasil. Heath tinha todos os detalhes perfeitamente planejados e bem amarrados, não deixando espaço para que nada naquela casa escapasse das suas mãos. Tinha os Charlton e os Nicholls exatamente onde queria tê-los, e tudo o que precisava fazer era exigir o pagamento de suas dívidas...

Mas qual seria a satisfação em usar tudo isso contra Kat? Que tipo de gratificação ele poderia alcançar agindo de forma bruta quando poderia ser muito mais sutil? Não, ainda não era hora de contar-lhe por que estava ali.

Joe e Arthur lhe roubaram dinheiro e posição social. Mas a traição de Kat, a sua rejeição, fora diferente. Fora uma traição de coração, de alma. E Heath lhe mostraria o que uma pessoa sente quando o seu coração é destruído.

Faria com que ela o desejasse tanto quanto ele a desejava. Afinal de contas, se Kat o desejasse naquele momento, seria por conta de sua riqueza, por conta de quem ele se transformara, pois nunca amara o Heath de antes...

Porém não queria obrigá-la a deitar-se na sua cama. Queria que ela viesse por conta própria, carregada pelo desejo, pela falta de controle.

E Kat já estava perdendo o controle, ele notava isso. E estaria perdida quando admitisse o seu desejo. E admitiria. E se aproximaria dele. E ele a tomaria. Mas esperaria, pois nunca forcara qualquer mulher a fazer amor com ele e não queria que ela fosse a primeira.

Antes, ainda jovem, teria deixado tudo de lado e corrido para cima dela, agarrando-a... Mas não era um adolescente. O tempo e a experiência o ensinaram que deveria seguir sua intuição, esconder os seus sentimentos reais. Certa vez, contara à Kat o que sentia por ela, e Kat riu da sua cara. Não arriscaria mais uma vez. Agindo com calma, conseguiria o que queria e muito

mais.

— Coisas... coisas a resolver... — disse ela, imaginando ter dado um passo para trás. Mas talvez tenha sido um passo meramente mental, pois não se moveu fisicamente — Com quem?

Ela sabia a resposta. Se Heath fora até lá para *resolver algumas coisas*, só poderia ser com os dois homens que o trataram tão mal no passado. Mas até que ponto iria sua sede de vingança? Quem mais estaria incluído nela?

Mais uma vez, o rosto de Heath foi tomado por um sorriso cruel, e os seus olhos permaneciam gélidos.

— Você não sabe? Com o seu irmão... E também com o seu marido, caso estivesse vivo.

— E comigo?

— Eu já disse que... só queria te ver mais uma vez.

E dessa vez, o seu tom foi suave, quase gentil. Mas não havia gentileza naqueles olhos escuros, na forma como a sua boca se movia, sem qualquer traço de sensualidade.

— E agora que já me viu, o que tem a dizer? — Ela não sabia por que perguntava isso. Não sabia o que gostaria de ouvir como resposta.

Nesse momento, o sorriso de Heath se transformou em algo mais feroz, acabando com todo o controle civilizado que impusera a si mesmo ao entrar naquela sala. Sob a sua nova camada civilizada e sofisticada, ainda vivia aquela criatura selvagem e indomável que ela conhecera. Aquele espírito que não se dobrava a ninguém.

— Eu já disse que... estou indo embora. Sinto muito se não posso aceitar o seu chá.

O seu tom poderia ser mais ferino, o efeito do tapa na cara, mais cruel?

— E não vai voltar?

Só de pensar em perdê-lo novamente, ela sentia um rombo no coração.

— Isso depende...

— De quê?

— De você.

— O que eu tenho a ver com isso?

Ele moveu a cabeça, impaciente, e a esmeralda no lóbulo da sua orelha lançou um brilho pela sala. Tal movimento deixou bem claro o quanto ele estava irritado.

— Imaginei que isso fosse óbvio. Você me quer de volta... Aceitaria caso eu ficasse por aqui?

Ela adoraria poder responder imediatamente à sua pergunta. Adoraria que ele voltasse a ser o mesmo Heath de antes, o Heath que ela gostaria de ter de volta. Porém aquele homem parado à sua frente era outro. Assim como ela não era a mesma Kat que fora quando criança.

— Acho que não.

Ela hesitara. O seu rosto demonstrava certa dúvida, como se tivesse sido obrigada a repensar sua resposta.

Porém, o que mais poderia ter dito? Ao olhar bem nos olhos dele, vira algo muito diferente, algo que não conhecia. Nunca experimentara nada parecido em todo o tempo que esteve próxima a Heath. Olhou para o seu rosto bem talhado, para os seus olhos escuros e profundos, notou o brilho escuro que havia lá dentro e sentiu... Medo.

Sim, medo foi o que ela sentiu, um medo que percorria todo o seu corpo, deixando marcas em todos os seus nervos. Um sentimento estranho, avisando que algo estava por vir, algo que traria perigo e trevas à sua vida e que nasceria daquele homem que um dia fora seu amigo. E que obviamente já não era mais.

— Vou embora para que possam tomar o seu chá tranquilamente.

Heath começou a girar novamente o corpo, como se tivesse tomado a resposta de Kat como uma rejeição. Porém, com tanta coisa acontecendo no interior do seu corpo, ela não poderia permitir que Heath fosse embora daquela forma, num momento em que havia tanta animosidade entre eles. Tudo o que ela queria era encontrar as palavras corretas.

— Não...

Ela queria se aproximar e detê-lo, mas ao mesmo tempo, recebia avisos dizendo que não deveria fazer isso. Suas pernas pareciam se trançar, seus pés não sabiam para onde ir, era como se todo o seu corpo lutasse contra a sua mente.

De repente, várias coisas aconteceram ao mesmo tempo, e ela não conseguiu registrar nada a tempo.

E deu um passo em falso, cambaleando sobre o piso de ladrilho, e o seu corpo deu um impulso para a frente no exato momento em que Heath olhou para trás. Ela estava a ponto de cair de cabeça no chão, mas os instintos de Heath reagiram rapidamente, e ele a tomou nos braços, segurando o seu peso antes que atingisse o chão.

Ela ainda estava cambaleante, tanto que bateu com força no peito de Heath, e os seus seios se chocaram contra as costelas dele, sua cabeça bateu pesado contra o coração. E Kat sentiu o cheiro do seu corpo, um cheiro de limão, um cheiro que a envolvia, que fazia a sua cabeça girar. E a força de Heath era tudo que a mantinha de pé, e os seus olhos se enevoavam... E o seu corpo tremeu por inteiro, como uma forte pulsação.

Por alguns poucos segundos, ela sentiu que Heath se distanciava o máximo que podia dela, embora sem se afastar fisicamente, e notou que os corpos deles dois estavam tensos, em choque. Ela sabia que deveria se afastar, mas não tinha forças para fazê-lo. Ao mesmo tempo, sentiu que o perigo estava por perto, o perigo misturado a uma sensação de familiaridade. As duas sensações se chocavam, fazendo o coração de Kat bater descompassado e sua mente seguir em direções opostas. Foi tomada pela indecisão, ficou paralisada, incapaz de pensar, incapaz de respirar.

Mas ele diminuiu a força do seu toque, descendo as mãos para um ponto em que a pele de Kat estava exposta, já que o vestido que usava era de manga curta, e ela sentiu o calor das palmas de Heath sobre sua pele massageando-a, livrando-a daquela sensação de choque. A tensão amainou, o seu coração se tranqüilizou um pouco, e ela conseguiu relaxar contra o corpo dele.

— Kat...

Ouviu a voz de Heath, sentiu o calor do seu hálito entre o seu cabelo e abriu um sorriso. Um sentimento de alívio brotou no interior do seu corpo. Talvez ela estivesse entendendo tudo errado. Mas a verdade é que mal reconhecera aquele ato de gentileza e, pouco depois, toda a tensão voltava, ainda mais forte, mas por outro motivo.

— Katherine...

A distância, ouviu novamente a sua voz. Uma voz masculina, profunda, áspera, com um certo sotaque estrangeiro inesperado. Uma voz que ela conhecia, mas que, ao mesmo tempo, nunca ouvira antes.

Seria aquele o verdadeiro Heath? Seria o seu amigo de infância? A sua companhia naqueles dias livres e selvagens? Sim, aquele homem se parecia com ele. Mas também era bem diferente. Seus olhos já não tinham o aspecto rebelde de antes, mas sim um toque de frieza refinada, calculada.

— Heath...

Era como se ela estivesse treinando a melhor forma de pronunciar o seu nome. Como se nunca tivesse dito antes, como se ele fosse um completo estranho. E também como se fosse um homem que a envolvesse por completo, deixando-a sem fôlego.

De certa forma, ela conseguiu erguer os olhos, e vendo-o tão de perto, era impossível não notar algumas alterações. Notou as linhas de expressão que o tempo marcara no seu nariz e boca, sentiu a barba que crescia em seu queixo, notou os fios brancos entre o seu cabelo preto. Daquele ângulo, e em contraste com a sua pele morena, a ferida que Joe lhe causara parecia bem maior, culpa de um bronzado que ele trazia da sua temporada no Brasil.

Mas foi, então, que ela parou de pensar. Foi, então, que algo mudou. Ela não conseguiria explicar o que aconteceu. Notou apenas que o ar parecia ficar mais denso à sua volta, repleto de uma eletricidade sensual que queimava os seus pulmões, chegando a todas as suas terminações nervosas.

— Eu... — ela tentou falar, mas a descarga elétrica tomara conta do seu cérebro, e as palavras não se encaixavam.

— Você o quê?

Ela viu aquela boca linda e sexy se movendo, quase sorrindo. Mas, no momento seguinte, Heath a segurou com mais força, e os seus dedos cruéis penetravam a pele dos braços de Kat. Ela ficou presa contra o seu corpo e notou que os seus lábios se aproximavam.

Por um momento, tudo se transformou num louco delírio, que percorria as suas veias, queimando-a. O mundo girava à sua volta, e ela perdia todo o sentido de realidade. Ela queimava, se desintegrava, perdia o controle de si

mesma. Estava fora da própria mente e do próprio corpo.

Ele nunca a beijara antes. Ela nunca sentira o gosto dos seus lábios, apenas da sua bochecha, e somente uma vez. A amizade deles dois nunca chegara a tanta intimidade. Davam-se as mãos e se abraçavam muita vezes, mas nunca se beijavam. Pelo menos, não como um homem beija uma mulher. E ela nunca fora beijada daquela forma antes. E não poderia imaginar que se sentiria daquela maneira...

Nunca experimentara aquela sensação. Aquele jorro de calor e poder, aquela pressa...

Aquele... desejo? Desejo... *sexual!*

Seria tal sensação o que parecia carcomer o seu estômago, lançando fogo em seus nervos? Era como se uma pulsação forte tomasse conta da área entre as suas pernas, fazendo com que ela ficasse tensa, que o seu corpo se agitasse e a sua mente se perdesse em uma enorme confusão e desorientação.

Seriam essas as sensações? Era aquilo o que uma mulher deveria sentir por um homem? Era aquilo o que não havia no seu casamento? Será que Arthur tinha razão quando dizia que ela nunca se portara como uma verdadeira mulher... até aquele momento?

Só de pensar nisso, ela tremeu, ficou com medo, seu coração disparou. Sua mente parecia a ponto de se partir em duas, sem saber se deveria se atirar nos braços do amado, aos seus beijos, conseguir mais carícias, mais... Porém, por outro lado, havia a necessidade de se livrar dele, distanciando-se o máximo possível.

— Heath...

Ela murmurou o seu nome contra os lábios dele, como se fosse um protesto, mas o resultado foi adicionar novos toques de perigosas sensações eróticas àquele encontro. O gosto da sua pele contra a dela era inebriante, sensual, e o movimento dos seus lábios abrindo-se para ele, deixando que a língua de Heath tomasse conta do interior da sua boca, a atormentava...

Aquilo era exagerado. Muito íntimo. Não que ela quisesse. Na verdade, bem que tentou se afastar, livrar-se dos seus braços, mas ele mudava de posição, pressionava o corpo de Kat contra o seu. Mantinha uma das mãos pousada com força entre o seu cabelo, agarrando aqueles fios escuros e movendo sua cabeça em vários ângulos, deixando-a exatamente onde queria que estivesse... e beijando-a.

Mas, desta vez, o beijo fora bem diferente. Se o primeiro fora o beijo de um conquistador, um beijo de dominação, de poder, aquele era surpreendentemente gentil. Era um beijo de sedução, de tentação. Lento e sensual, provocante, excitante, um beijo que parecia roubar a alma de Kat, destruir os ossos das suas pernas, arrancando toda a força que ela ainda mantinha intacta no interior do seu corpo. Ela baixou um pouco a guarda. Aproximou-se um pouco mais. Tanto que podia sentir a força e o calor do corpo de Heath sob as suas roupas.

Aquelas roupas que ele nunca usara antes. Roupas caras. As roupas de

outro homem. De um homem tão diferente daquele que ela conhecera que, só de pensar, ela tremia, seus nervos trincavam... Não o conhecia. Mas ainda assim, ele era muito familiar...

O seu corpo parecia clamar pelo dela, despertando-o de uma forma como ninguém jamais fizera antes.

E o dela também parecia clamar pelo dele, pois Kat estava tão perto que podia sentir uma forte pressão contra a sua perna, apoiada à pélvis de Heath.

— Kat! Do interior da sala de estar, a voz impaciente de Isobel chegou até eles.

— O que vocês estão fazendo?

O choque congelou os pensamentos de Kat, deixando-a completamente paralisada, com a boca presa à de Heath, a mente perdida no atordoamento sensual que tomara posse de tudo. E de repente, notou que voltavam ao presente, que Heath paralisava tudo, afrouxava a tensão sobre o seu corpo, uma tensão que, segundos antes, dava a entender que os dois já não eram dois espíritos distintos, mas apenas um.

Durante alguns segundos, o mundo parecia suspenso, fora de foco, e todo o sentido de realidade parecia perdido. Mas, então, Isobel voltou a falar, com um tom ainda mais petulante e descontente.

— Kat, quero tomar o meu chá.

A distância, Kat ouviu o sorriso repentino de Heath, um sorriso cínico, vindo de algum ponto nebuloso no interior do seu corpo. E o humor que a deixara presa a ele desapareceu completamente. Heath ergueu a cabeça, deu um passo para trás, distanciando-se dela, deixando-a de volta no chão. E só naquele momento, ela se deu conta de que esteve suspensa por alguns momentos, com os dedos mal tocando o piso de lajota decorativa.

Com um suspiro repentino, ela foi novamente tomada pela realidade e caiu em cheio no mundo, mas num mundo que já não parecia o mesmo. Um mundo que parecia virado de cabeça para baixo e de dentro para fora, e Kat imediatamente notou que nada voltaria a ser como antes.

O que acontecera com ela? Que mulher era aquela que entrara em ebulição nos braços de Heath? Não poderia ser a mesma Kat de sempre...

Sem pensar, ela passou as mãos pelo cabelo, tentando arrumar os fios revoltos. O elástico que prendia o seu rabo de cavalo desaparecera, estaria caído em algum ponto escondido do chão. Teria de se contentar com as próprias mãos para se livrar dos nós criados pelos poderosos dedos de Heath. O seu vestido também estava amarrotado, preso nas coxas, e ela passou nervosamente as mãos pelo tecido, tentando restaurar algo de decência. Em todo esse tempo, não ousou levantar os olhos na direção de Heath, pois não queria comprovar o que sabia que estava acontecendo: ele estava com os olhos pregados nela.

E Heath esperou, soturno e silencioso, como se fosse uma sombra às margens da visão de Kat, enquanto ela lutava para dar um jeito na sua aparência, sem fazer qualquer comentário, sem se mover. Simplesmente observando. Quando já não tinha mais o que fazer, foi impossível não encará-

lo. E, mesmo sem querer, ela ergueu os olhos. Imediatamente, foi como se estivesse perdida na imensidão da sua mirada. O foco de Heath era intenso, suas pálpebras estavam meio fechadas, como se tentassem esconder a força do seu olhar por trás dos cílios pesados e grossos. Um sorriso tímido tomava conta da sua boca sensual, seus lábios ainda guardavam o jorro de sangue criado pela pressão do beijo que compartilharam. Mas aquele sorriso não tinha nada de calor, era um sorriso de triunfo, que fazia as pontas dos seus lábios se curvarem. Era o sorriso de um predador que observava a sua presa, guardando uma distância segura.

E no fundo da sua mente, ecoando de forma fria e cruel, Kat voltou a ouvir as palavras que Heath lhe dissera pouco tempo antes:

Tenho coisas a resolver, você sabe...

Ao serem pronunciadas pela primeira vez, tais palavras já tinham soado terrivelmente perigosas, mas pareciam muito piores naquele instante. Como ela pôde deixar que tudo aquilo acontecesse... com Heath? Com o mesmo Heath que voltara para *resolver algumas coisas* e que dissera isso abertamente. Aquele beijo faria parte do seu plano de vingança? Não, ele não poderia ter fingido sua ereção, mas o que estaria escondendo por trás de todos aqueles atos?

Como explicar que, após tanto tempo, ela tivesse voltado a sentir o que é ser uma mulher... E nas mãos daquele homem... Um homem em quem não poderia confiar, um homem que lhe fizera sentir um grau de sensualidade inédito na sua vida, algo que nunca sentira ao lado do marido.

— Se você soubesse há quanto tempo eu queria fazer isso...

A voz de Heath saiu baixa, áspera e tão inesperada que a deixou outra vez nervosa.

— Esperei por isso durante anos...

— E terá de esperar o mesmo tempo para repetir o que acabou de fazer — ela respondeu, sem conseguir raciocinar direito, sentindo tremores que eram fruto do redemoinho de emoções que tomara conta do seu corpo, deixando o seu tom de voz mais frio e cortante do que planejava.

Se alguma vez na vida Kat imaginara que sua realidade tivesse sido alterada, naquele momento era como se tivesse perdido completamente o controle. Como Heath fora capaz de dizer aquilo? Teria realmente pensando nela antes? Teria...?

Só de pensar no seu antigo amigo e protetor enxergando-a daquela forma, pensando nela naqueles termos, Kat perdeu completamente o eixo.

O tom de Heath era cínico, e a sua sobrancelha negra estava erguida, como se questionasse as palavras de Kat.

— Está falando sério, *lady Katherine*?

Triunfo. Predador. Presa. Coisas a resolver. Ao ouvir a pergunta de Heath, todas as palavras que invadiram a mente de Kat voltaram a assombrá-la.

— Você está pretendendo dizer que não queria fazer o que fez? Que

não ficou completamente envolvida? Que não sentiu prazer? Peço desculpas...

Kat piscou os olhos ao notar a mudança de tom no fim da fala de Heath, o que ficou ainda mais forte com uma incrível mudança de entonação. Até mesmo sua expressão se alterara, fazendo com que o olhar de contemplação desse lugar a outro mais brando, mais suave... permitindo até mesmo um sorriso.

Ele estaria realmente *pedindo desculpas*! Isso parecia impossível. Porém, quando sua visão clareou, ela notou que Heath já não lhe encarava, mas observava algo que estava atrás dela. Isobel, claro.

— Peço desculpas por te fazer esperar — ele murmurou num tom mais suave. — Mas eu e a senhorita Katherine tínhamos algumas coisas a conversar.

Como era possível que um mesmo rosto abrigasse tantas emoções ao mesmo tempo, especialmente quando todas eram falsas? A sua boca estampava um sorriso, mas ela notou que a curva nos lábios de Heath era mantida com absoluto controle, lutando contra uma tensão nos músculos de sua mandíbula, deixando claro que não sorria verdadeiramente. Sua cabeça estava virada em direção à cunhada de Kat, mas algo na sua posição, um ângulo qualquer, uma pequena inclinação para o lado, dizia que sua atenção estava voltada para ela, que a observava com o canto dos olhos, querendo notar a sua reação. E certo brilho nos seus olhos escuros deixava claro que todas as suas ações e expressões eram cuidadosamente calculadas para obter o efeito desejado.

Antes, Heath não costumava manter os seus sentimentos tão bem mascarados. O seu sorriso só surgia quando estava verdadeiramente feliz, e isso não era nada freqüente nos últimos tempos em que estiveram juntos. Quando estava chateado, os seus olhos ficavam ainda mais profundos e os seus lábios nunca se curvavam. O ódio que sentia pelo irmão de Kat e por Arthur era uma espécie de máscara colada ao rosto de Heath, uma máscara brilhante que não deixava espaço para nada além de uma expressão de fúria, como se ele tivesse se transformado numa fera. O seu coração estava sempre estampado no rosto.

Naquele momento, porém, a sua expressão era limpa e polida. Expressava uma coisa e, ao mesmo tempo, deixava claro que o que verdadeiramente sentia era o completo oposto.

E uma tensão latente no corpo de Heath revelava mais um detalhe, algo que Kat não queria interpretar, pois não era mais que um reflexo do que ela sentia na própria pele, um reflexo do desejo que aquele beijo e aquele toque, embora brevíssimos, tinham conseguido despertar no interior do seu corpo e que viajavam por todas as suas veias.

E só de pensar que ele poderia estar sentindo o mesmo fez com que ela tremesse, embora não fosse capaz de dizer se o tremor era fruto de terror ou maravilha.

— Vou deixá-las para que possam tomar o seu chá com toda a tranquilidade.

Como ele fora capaz de transformar uma frase tão banal em algo

potencialmente perigoso? E como fora capaz de deixar de lado todo o calor de momentos antes em troca de um tom sem emoção e uma expressão branda?

— Se realmente não pode ficar...

Essas palavras educadas eram fruto de anos tentando fazer sempre o que Arthur queria, da forma como ele insistia.

— Estão me esperando em outro lugar.

— Você vai dormir em Hawden? — ela perguntou. Kat não reconheceu a própria voz. Era mais profunda do que antes, um pouco mais áspera. Seria a voz da Kat que ela nunca conhecera?

— Não — ele respondeu, balançando a cabeça e olhando diretamente para ela, com aspecto frio e calculista. — Vou ficar em High Farm. O seu irmão me convidou quando eu liguei para lá...

— Não! Isso não! Joe nunca...

— Você acha mesmo que não? — perguntou Heath num tom de gozação. — Mas Joseph insistiu que eu não deveria dormir em nenhum outro lugar.

— Você é quem sabe... — disse Isobel, dando de ombros delicadamente —, mas aviso que High Farm está em ruínas desde que Kat saiu de lá. Ninguém cuida de nada. Seria bem mais confortável se você...

— Tenho certeza de que Heath ficará bem em High Farm — disse Kat, interrompendo-a, temendo a sugestão que sua cunhada estava a ponto de fazer.

— Claro que sim — ele concordou, com deliberada ironia. — Afinal de contas, já estive em lugares bem piores.

O olhar de Heath era uma espécie de convite para que ela comentasse qualquer coisa, mas Kat preferiu não arriscar. Claro que ele conhecera coisas muito piores. No passado, não podia sequer entrar naquela casa, muito menos dormir num dos seus quartos. Desde a morte do seu pai, sua vida se restringia a um pequeno galpão sem eletricidade que havia nos fundos de High Farm. Kat foi tomada pela culpa ao se lembrar de que, aos quinze anos, não fora capaz de persuadir Joe a mudar de idéia quanto a isso. E nunca entendeu por que Heath concordara com a situação, por que nunca lutou e por que agüentou os excessos do seu irmão. Demorou muito até que finalmente virasse as costas a eles.

— Acredite em mim, o seu irmão me recebeu de forma muito diferente desta vez.

Ele girava o corpo ao falar, depois saiu da casa, sem olhar para trás. Vendo aquele homem alto e poderoso indo embora, Kat notou que os seus pensamentos estavam trocados, confusos, chocando-se uns com os outros.

— O seu irmão... — dizia Isobel, em tom alto, e Kat percebeu que Heath poderia ouvi-la do lado de fora. — Como eles dois se conheceram?

— Heath morou em High Farm. Trabalhava nos estábulos.

— Era o menino cigano? Era ele?

Kat fez que sim silenciosamente. E observava, não era capaz de desviar o olhar de Heath, e notou o momento em que ele hesitou por um instante, provavelmente ao ouvir o comentário de Isobel, o assombro em sua voz.

Ela contraiu o corpo, pois sabia como ele deveria se sentir ao ouvir o eco daqueles preconceitos do passado. Porém, naquele momento, o desconforto que a atingia era causado porque sentia medo de Heath e não por querer evitar o seu sofrimento, como antes. Comentários como aquele eram recorrentes no passado, porém, frente ao homem rio qual ele se transformara, só um completo idiota ou alguém que não soubesse a verdade, como Isobel, arriscaria verbalizá-los. *Tenho assuntos a resolver.*

Mais uma vez, essas palavras ecoaram na cabeça de Kat, fazendo-a tremer, apreensiva. Dois homens o tinham feito viajar tanto, vindo de outro continente!, para lidar com uma vingança que era fruto de um ressentimento tão antigo: o seu irmão e o seu marido.

Porém, no caso de Arthur, a morte frustrara a situação, e contra quem Heath direcionaria a sua fúria predatória em busca da satisfação?

Ela pousou a mão na boca, com os dedos pressionando os lábios que ainda guardavam marcas do beijo selvagem de Heath.

Mas o que tal beijo significara? Despertara sentimentos explosivos que ela mal entendia e certamente não experimentara antes, mas Heath permanecia frio e calculista. Aparentemente, não fora atingido pela força daquele beijo. Claro que ficara excitado fisicamente, mas a verdade é que não deixou extravasar qualquer dos sentimentos que costumam acompanhar tal excitação, se é que realmente sentira alguma coisa.

— Quer dizer que *aquele* Heath está de volta? — perguntou Isobel, com um traço de nervosismo e agitação na voz. — Nunca imaginei que apareceria dessa maneira.

Nem eu, pensou Kat.

O dia que ela passara anos esperando finalmente chegara, mas não se parecia em nada com o que fantasiara. O homem que queria rever voltara à sua vida, mas o seu sonho não se realizaria, pois ele se transformara em outro, mais perigoso, mais sombrio, louco para destruir suas presas com as próprias garras.

E aquele homem seguia para High Farm, onde, segundo ele, fora convidado pelo irmão de Kat a passar a noite.

Assuntos a resolver.

Sentiu arrepios de pânico e correu para o telefone, discando rapidamente. Ouvia os toques de chamada:

— Anda, atende!

Batia com o pé no chão, impaciente. E os dedos das mãos não paravam de tamborilar no tampo da mesa. O telefone não parava de topar... até cair na secretária eletrônica.

— Droga, Joe!

Não poderia deixar uma mensagem, não seria capaz de transformar em

palavras todo o medo que sentia, medo que invadia a sua mente como uma tempestade.

— Não entendo como um homem desses pode querer dormir em High Farm...

Isobel perdera o interesse no chá e passara a reunir suas bolsas de compras para levá-las ao quarto.

— Aquele lugar é imundo. Ninguém em sã consciência colocaria os pés lá.

Isobel nunca entenderia as lembranças que suas palavras eram capazes de despertar na mente de Kat, lembranças da época em que vivera em High Farm, da época em que imaginava não pertencer ao mundo do colégio onde estudava, das outras meninas zombando do seu caráter, da sua falta de estilo, das roupas velhas que vestia. High Farm já era imunda naquela época e, sob os cuidados de Joe, ou melhor, sob a sua falta de cuidados, só piorara.

Porém, mesmo morando num local imundo, ela era muito feliz naquela época, muito mais feliz do que vivendo rodeada de todo o luxo e glamour da casa de Arthur. Pois todo aquele glamour, e isso ela só descobriu tarde demais, escondia um coração soturno e uma família muito diferente da sua. A vida era bem mais simples antes.

Heath também parecia bem simples antes.

Ela queria aquela época de volta. Queria a sua vida de volta, a mesma vida que tivera quando criança, antes da morte do seu pai, quando tudo era aconchegante, límpido e inocente. Mas voltar no tempo era impossível, nunca conseguiria reaver sua selvagem inocência.

O menino que antes fora Heath já não existia, assim como a menina que ela um dia fora se transformara em outra mulher. O passar dos anos transformou eles dois para sempre.

E só de pensar na maneira como se sentiu nos braços de Heath, no poder do seu beijo, no impacto que causou nela... Kat se perguntou se realmente queria voltar a ser apenas sua amiga, como antes. A verdade é que, naquela época, nada disso acontecia entre eles... Nada a excitava nem amedrontava tanto.

Mais uma vez, colocou a mão sobre a boca, parecendo sentir o beijo de Heath sobre os seus lábios.... E voltou a sentir o mesmo calor por todo o corpo. Nunca sentira aquilo antes.

Mas, sim, ela sabia o que estava acontecendo. Sendo mulher, reagira a um homem forte, poderoso e sexy. Porém quais seriam os sentimentos de Heath? O que ele quis dizer com aquele beijo? Fora apenas um gesto de poder e possessão ou o desejo sexual notado por Kat poderia sugerir algo mais?

Balançando a cabeça, ela desligou o telefone, sabendo que Joe não atenderia. Teria de ir a High Farm e descobrir o que estava a ponto de acontecer.

Na sala de estar, o relógio do avô começou a bater as horas, e ela notou que tinha se passado apenas uma hora desde a entrada de Heath na Grange.

Sessenta minutos e tudo mudara completamente de figura. Tanto que ela não sabia o que aconteceria a partir daquele momento. Era impossível calcular o que Heath sentia verdadeiramente, o que ele planejava. Na verdade, Kat não sabia que papel ele poderia representar na sua vida futura.

CAPÍTULO QUATRO

Aquele lugar é imundo.

No dia seguinte, enquanto atravessava a estrada esburacada que levava à High Farm, as palavras de Isobel não saíam da cabeça de Kat. E ela não poderia negar que a cunhada dissera a verdade. A casa onde nascera já estava bastante destruída antes. Sua mãe morreu quando ela estava com sete anos de idade, e eles fizeram de tudo para manter a velha e grande casa da fazenda com o pouco dinheiro que o pai ganhava. Mais tarde, após a morte do pai, a jovem esposa de Joe foi morar em High Farm, pois o irmão de Kat tomara as terras para si. Mas Francês era uma mulher com saúde delicada, e sua fraqueza aumentou muito quando ficou precocemente grávida, tendo de lutar contra doenças constantes. Não demonstrava qualquer interesse por arrumar a casa e acabou morrendo logo após o nascimento do filho, por conta de uma doença do coração tardiamente detectada.

A pobre Francês odiava High Farm, pensou Kat. Ela se casara com Joe imaginando tratar-se de um dono de terras com certo status, mas acabou sendo levada para aquela casa destruída e próxima às colinas selvagens. Não era de estranhar que tivesse tentado cultivar amizade com os Charlton e tenha ficado ao lado de Joe quando ele tentava tirar Heath de sua casa e de suas terras. Precisavam daquele quarto para o bebê, foi o que ela disse, e Heath passaria a dormir num galpão fora da casa e só entraria na cozinha para comer.

Só de ver a fazenda escura e abandonada, ela tremeu e apertou o casaco contra o corpo, querendo se proteger do vento. Construída no século XIX, acima da porta principal de carvalho exageradamente ornamentada estava marcada a data: 1875, e posicionada no topo de uma colina que lhe emprestava o nome, em seu tempo, fora a maior casa da região. Construída com pedras locais, tinha janelas estreitas e protegidas por persianas. Lá dentro, como ela bem sabia, essas janelas deixavam entrar muito pouca luz, e a casa tinha um aspecto lúgubre, de poucos amigos. Havia também altas chaminés, uma na cozinha e outra na sala de estar, e Kat se lembrou de que seu pai sempre acendia a lareira da sala no Natal, transformando àquele cômodo frio e quase sem móveis num local muito mais aconchegante.

Porém um sistema de aquecimento central inadequado deixou High Farm muito mais fria, e as árvores que a cercavam eram constantemente

assoladas pelo vento. Por que Heath resolvera ficar ali e não em outro lugar muito mais confortável no vilarejo?

— Joe?

A casa estava escura, era de dia e nenhuma luz fora acesa. O silêncio era opressor, deixando a pele de Kat arrepiada enquanto ela seguia em direção à sala de estar. Queria ter ido no dia anterior, mas a noite fora agitada. Logo após a visita inesperada de Heath, ela telefonou para o irmão, embora não tenha conseguido estabelecer contato, e pouco tempo depois, chegou o advogado. Ele trazia más notícias, que geraram uma conversa desgastante, e Kat terminou tão cansada que resolveu não ir até a fazenda à noite e debaixo de tanta chuva.

Naquela manhã, Joe seguia sem atender ao telefone, e ela não pôde conversar com o irmão antes da viagem.

— Joe?

— Quem é?

Se a voz áspera do irmão não tivesse sido assustadora o suficiente, a forma como ele se levantou de uma poltrona, tentando se equilibrar ao ficar de pé, confirmou todos os seus medos: Joe voltara a beber. E bebia há vários dias seguidos, o que ela pôde comprovar em sua barba por fazer, seus olhos fundos e cansados.

— Ah, é você.

Aquela recepção fria só aumentou a preocupação de Kat, que acendeu a luz, mas logo se arrependeu ao ver o real estado do irmão. Ele não dormira? Suas roupas estavam num estado deplorável.

— Joe... o que aconteceu com você?

— *Ele* aconteceu... — gritou Joe, sem explicar quem era *e/e*, embora Kat não precisasse de qualquer explicação. Todos os medos que tentava guardar no fundo da sua mente se confirmavam.

— Ele quem?

— Quem você acha?

O corpo de Joe balançava com ainda mais força, e ele segurou um dos braços da poltrona para se manter de pé.

— Joe... sente-se.

Com uma das mãos pousada em seu braço, fez com que o irmão se sentasse e sentiu o seu hálito de uísque. Kat sabia que o problema de Joe com a bebida era antigo, mas ele se recusava a aceitar qualquer tipo de ajuda ou conselho. No entanto, a verdade é que nunca vira o irmão numa situação tão ruim.

— Eu disse que ele voltaria. Heath Monta... ou seja lá qual for o seu nome agora...

— Heath esteve aqui?

Ela já sabia disso, o próprio Heath lhe dissera, mas queria conseguir

algumas respostas do irmão.

— Sim. Ele está aqui. Claro que está. Voltou como um maldito carrapato...

— Ah, claro — disse uma voz logo atrás dela, uma voz suave, mas com um toque metálico que a deixou gelada. — Eu sou um carrapato...

Joe olhou para o homem que entrara na sala, mas não conseguiu focar o olhar e murmurou algo enquanto Heath se aproximava. Mas Kat girou o rosto, vendo mais uma vez aquele Heath tão diferente...

Vestindo jeans e camiseta, ele se parecia um pouco mais com o velho Heath, com o menino que ela conhecera, que não tinha roupas chiques, apenas as adequadas ao trabalho na fazenda. Normalmente, tudo o que vestia era jeans e camiseta. No entanto, eram peças bem diferentes das que tinha no corpo naquele momento. O branco imaculado do algodão da camisa marcava as linhas do seu torso, dos seus músculos, dos seus ombros largos e cintura fina, bem definida por um cinto de couro preso à calça. De alguma maneira, aquela calça jeans parecia cara e clássica e não tinha nada a ver com as velhas calças que ele usava no passado, junto a camisetas folgadas e esgarçadas. E aquele antigo Heath jamais vestira umas botas de couro tão suave.

Mesmo naquele ambiente tão escuro, ele conseguia se manter vibrante, vivo. A sua pele bronzeada lhe emprestava um aspecto muito sexy, assim como o brilho do seu cabelo negro e da esmeralda em sua orelha.

— Mas você deveria se lembrar de como esse carrapato costuma funcionar, senhor Nicholls — disse Heath, caminhando pela sala. — Ele sempre cresce o máximo que pode quando encontra espaço. E dessa forma, empurra os demais para a margem, até conquistar tudo.

— Você...

Chocada, deixando entrever o seu nervosismo, Kat conseguiu se levantar, pois permanecer ajoelhada ao lado do irmão não ajudaria em nada. E acabou ficando cara a cara com o intruso que invadira o antigo refúgio da sua família.

— Você está querendo dizer que é o dono de High Farm? O sorriso de Heath foi breve, obscuro e perigosamente frio.

— Não estou querendo dizer, *lady Katherine*... Isso é um fato.

— Não...

Kat balançou a cabeça violentamente, fazendo com que os fios de cabelo dançassem ao redor do seu rosto. Deve ter perdido a cor, pois notara o sangue escapando das suas bochechas.

— Como você é capaz de dizer...

— É verdade... — disse Joe, num tom de voz rascante, baixo e murmurante, mas claro o suficiente para fazer com que Kat ficasse paralisada.

Ela voltou a girar o corpo e olhar para ele, completamente surpresa.

— É verdade — repetiu Joe, afastando os olhos de cima dela. — Ele é

dono de tudo isso aqui.

— Eu te disse que ficaria aqui.

O comentário veio da boca de Heath, num tom calmo e suave, e ao mesmo tempo, ele enfiava as mãos nos bolsos da calça e apoiava o corpo contra uma das paredes, e sua postura negligente não parecia ter nada a ver com o seu olhar ferino.

— Disse que ficaria sim — repetiu Kat atônita. — Mas se esqueceu de dizer que é o dono desta casa e não um convidado do meu irmão.

— Você teria acreditado em mim caso eu tivesse dito isso?

Não, Kat foi obrigada a admitir. Não acreditaria nele. E por que não? Na verdade, a idéia de que Heath Montanha fosse o dono da fazenda de onde um dia fora expulso era bem mais provável do que a de Joe convidando-o para passar a noite ali. Antes, Heath Nicholls lutara para conseguir um pequeno espaço naquela casa, mas o atual Heath Montanha voltara numa situação bem diferente...

— Desde quando? — ela se forçou a perguntar, tentando controlar o nervosismo na voz.

— Desde o mês passado.

Heath não se mexeu, não se afastou da parede, não moveu um único músculo, mas Kat notou que sua atitude mudara ao dizer aquelas palavras, notou que ele parará para observar a sua reação. Ela engoliu em seco e tentou desesperadamente surpreendê-lo, fingindo manter a calma e a compostura.

— Dois meses... Mas você não disse nada quando estive na Grange ontem.

— Ah, eu pensei em dizer — ele respondeu, imediatamente. — Mas achei melhor não. E sabia que logo você descobriria a verdade... E que seria melhor ouvi-la da boca do seu próprio irmão.

— Melhor! — Kat foi traída pelo mau humor, e as palavras escaparam de sua boca com raiva, embora tentasse fazer de tudo para permanecer tranquila. — Como melhor? Você acha que existe uma forma *melhor* de saber que alguém comprou a casa da minha família? Como você conseguiu isso? — perguntou abruptamente. Joseph não lhe dissera nada sobre o negócio. E teria comentado caso se tratasse de uma transação legal e honrada. Uma onda de medo e ansiedade tomara conta das suas veias.

— Num jogo de cartas.

O olhar frio e gélido que acompanhou tal confissão foi como uma faca no seu coração. Ela teve de buscar o encosto da cadeira para não desabar no chão.

— Não... Nunca...

Mas, ao seu lado, Joe fazia que sim com a cabeça, murmurando algo ininteligível. Heath olhou rapidamente para ele, mas logo voltou a encarar Kat.

— Por quê? Você acha que o seu irmão não seria degenerado o suficiente para entrar num cassino? Ou acha que ele é bom jogando cartas?

— Nunca imaginei que ele fosse tão idiota a ponto de arriscar a casa... a fazenda...

O terror da verdade surgiu, de repente, no seu rosto, e ela deixou a cabeça cair para trás, seus joelhos tremeram...

— Que jogada maldita... — disse Joe. — Tudo o que eu precisava era de uma boa carta.

— *Toda* a propriedade? — perguntou Kat.

— Sim, toda — confirmou Heath, com obscura satisfação. — Com tudo o que está aqui dentro, embora não seja muita coisa. E não será suficiente para quitar suas dívidas. Ele vai continuar me devendo.

— Vai mesmo? Joe...?

Mas o seu irmão tinha outras coisas na cabeça.

— Não me sinto bem... Eu vou...

Heath se mexeu antes que ele pudesse terminar a frase e antes que Kat notasse o que Joe queria dizer. Joe se levantou da cadeira e correu para a cozinha, batendo a porta.

Quando Kat correu para junto deles, Joe estava deitado sobre a mesa, e uma toalha úmida era posta sobre o seu rosto e sua camiseta suja.

— Vou colocá-lo na cama — ela disse, mas logo pensou bem e retificou: — Caso ele ainda tenha uma cama por aqui.

— A mesma cama, o mesmo quarto... por enquanto — disse Heath. — Mas eu posso levá-lo até lá.

Enquanto Heath carregava Joe para o andar de cima, Kat notou há quanto tempo não pisava em High Farm. Na verdade, nas suas poucas visitas, nunca subia as escadas e, naquele momento, estava sendo obrigada a ver a ruína em que se transformara aquilo tudo. O quarto e a cama onde Heath deitou Joe estavam sujos e úmidos, o quarto cheirava mal, as cortinas estavam caindo dos paus, e Joe reclamou da pouca luz que entrava pelas janelas.

Para a sua surpresa, Heath fechou as cortinas e, ao mesmo tempo, Kat tentava cobrir o irmão com um lençol.

— Ele precisa dormir um pouco, mas a verdade é que se sentirá péssimo quando acordar.

Kat notou que Heath dizia tudo isso sem se importar muito, na verdade.

Ela ainda tentava tirar os sapatos de Joe quando Heath chegou à porta, indo embora sem olhar para trás. Mas logo voltou. Trazia uma garrafa de água e um copo, que deixou ao lado da cama.

— Caso consiga tomar um pouco de água, talvez se sinta melhor.

— Obrigada — ela agradeceu, tentando tirar os sapatos de Joe.

— Espera...

Um toque quente e suave a paralisou, fazendo com que ela saltasse para trás, em choque. Mas se arrependeu da sua reação ao ver o rosto de Heath, ao ver como a sua linda boca trincava, com um músculo saltando em

seu queixo.

— Deixa que eu...

Incapaz de encontrar qualquer resposta, ela simplesmente apontou para o nó impossível de soltar e deu um passo para trás.

— Certo...

Heath afrouxou os nós, tirou os sapatos de Joe e atirou-os ao chão, caindo com um barulho estranho naquele silêncio sepulcral.

— Obrigada... — disse Kat, mas Heath balançou a cabeça, como quem diz que não precisa.

— Pensei em trazer alguns analgésicos com a água, mas, no estado em que ele está, não seria inteligente. Poderia exagerar na dose, e não quero terminar com um corpo morto nas minhas mãos.

— Eu poderia jurar que você gostaria, já que o odeia tanto. — O choque de ver Joe naquele estado fazia com que ela dissesse tudo aquilo sem pensar duas vezes. — Todos os seus problemas terminariam...

Ela sabia que o que dizia não era certo e notou que cometera um erro terrível ao ver a fúria nos olhos de Heath.

— Estou tão... — ela começou a dizer, mas Heath já virará de costas, começando a atravessar o quarto e seguindo em direção ao corredor. E fez tudo isso tão rapidamente, que deixou claro o nível da sua raiva.

Kat foi forçada a correr atrás dele. E chegou ao topo das escadas quando Heath, descendo os degraus de dois em dois, alcançava o térreo da casa. E parecia determinado a sair. Do lado de fora, por trás das janelas, ela viu o carro de Heath, grande e veloz, e notou que, se pegasse o carro, ele conseguiria fugir rapidamente, e ela não teria chance de alcançá-lo.

— Heath... por favor.

Kat não sabia se ele a escutava nem esperava uma resposta. Mas ele parou. E parou tão rapidamente que ela ficou sem fôlego. A eletricidade que tomara conta dos seus nervos no dia anterior reaparecera. Kat voltou a sentir o calor da pele de Heath e o cheiro de limpeza que exalava.

Suas pernas fraquejaram, sua pele ficara arrepiada, seus ossos pareciam se fundir com o calor que invadia as suas veias. Sua respiração era pesada, fazendo com que ela perdesse o controle.

— Por favor... — ela voltou a dizer, embora não tivesse idéia do que queria pedir.

Com o canto do olho, viu a cabeça morena de Heath caindo para trás e o seu corpo dourado girando. O brilho dos olhos de Heath parecia queimá-la, mas ao mesmo tempo, o corpo de Kat ficou congelado. Ela estava perdida. Mas nunca ficaria tranqüila caso pusesse um freio na língua naquele momento.

— Sinto muito, de verdade.

Ele teria de fazer com que ela acreditasse que aceitara suas desculpas. Não havia outra forma de se manter no controle da situação.

Caso não fizesse isso, teria de correr e abraçá-la, apertá-la contra o seu corpo e colar sua boca na dela.

E ele jurou que não voltaria a fazer isso.

Mesmo notando que o seu sangue começava a pulsar com tanta força que ele tinha dificuldade para pensar. Mesmo vendo que o seu corpo a desejasse com todo o fervor. Mesmo sentindo o cheiro de Kat, aquela mistura de perfume aromático e xampu de limão, um cheiro que o deixava com a boca seca.

A verdade é que ele mal podia respirar e já não via nada à sua frente, exceto o lindo rosto de Kat. Os olhos dela estavam pregados nos seus, e eram olhos enormes, azuis da cor do mar, chocados, mas atentos, olhos que o afogavam, que o arrastavam.

E aqueles lábios rosados, entreabertos, lábios que ele, adoraria tomar como seus, que adoraria abrir com a força do seu beijo, enfiando a língua no interior molhado de sua boca...

Não! Isso não! Ele não seguiria por aí, mesmo que todo o seu corpo o estivesse levando nessa direção. Não seguiria os seus instintos mais primitivos, mais masculinos. Poderia se controlar, claro que sim.

Mas a verdade é que sentira aquele mesmo desejo no único beijo que compartilharam, após dez anos sem se ver. E poderia tê-la naquele momento. Poderia beijá-la, tomá-la contra aquele muro sujo... E poderia jurar que ela não esboçaria qualquer resistência.

Na sua juventude, não teria pensado duas vezes. Jovem, selvagem e louco de desejo, ele só respondia aos instintos, aos desejos. Nunca deixava de aceitar as ofertas de mulheres que o consideravam atraente... E eram muitas. Mas Katherine Nicholls era um assunto completamente diferente.

A *lady* Katherine Charlton era um assunto completamente diferente. Ela o encarava como se o toque de Heath pudesse macular a sua pele e o seu beijo macular a sua boca. Os olhos azuis de Kat se transformavam em safiras cortantes enquanto ela lutava para controlar o desejo que não queria sentir. O desejo que *ele* lhe infligia.

E Heath notara o desejo no beijo de Kat, na forma como o seu corpo se moldara ao dele. E nem a tocara. Mas um dia a tocaria. Um dia faria todo o orgulho que ela sentia se transformar em pó. Um dia ela imploraria pelo seu toque. Se ele aprendera alguma coisa em todos aqueles anos que esteve longe de Hawden, era que não deveria implorar por nada. Aprendera a planejar, analisar e montar uma situação que não deixasse abertura para qualquer resultado além do esperado. Tudo o que tinha de fazer era esperar com calma e frieza, e a espera deixaria o resultado ainda mais satisfatório.

Poderia esperar. E tiraria proveito da espera.

— Seja lá o que o seu irmão pense de mim, a verdade é que não sou um bruto — ele disse, em tom frio, não querendo demonstrar nada mais.

— Eu sei.

Ela parecia envergonhada, suas bochechas ficaram coradas. Trincou os dentes brancos no lábio inferior com força, e ele se aproximou para detê-la,

passando o polegar na carne rosada que ela feria.

— Eu não deveria ter dito isso. Não quis dizer isso...

— Mas talvez, seja uma realidade.

Heath sabia que sua resposta a chocaria, o que ficou claro pela forma como ela deixou a cabeça cair levemente para trás, com o choque estampado nos seus olhos. Ela lutava para controlar sua boca, sua expressão, e Heath sentiu um jorro de satisfação pelo corpo.

Ela estava definitivamente abalada, exatamente como ele queria que estivesse. Porém, ao notar uma possível lágrima no fundo dos seus olhos, Heath se arrependeu, pois não queria que ela se sentisse mal.

— Deus é testemunha de todas as vezes que eu quis ver o seu irmão morto — ele admitiu. — Mas aprendi muita coisa desde aquela época. E uma das coisas é que essa história de que a vingança é um prato que se come frio é verdade. É muito mais saboroso...

Suas palavras pareciam cortar a espinha de Kat, fazendo com que ela tremesse. Mais uma vez, sentiu o enorme peso da perda do Heath que um dia conhecera, do Heath que um dia fora seu amigo... Aliás, teria realmente sido seu amigo? Lembrou-se das atitudes estranhas nos meses anteriores à sua partida, da fria determinação que o fez virar as costas a tudo, desaparecendo da sua vida. Será que alguma vez realmente se preocupou com ela ou simplesmente a usou para preencher os espaços vazios do coração antes de partir para construir sua vida nova e tão diferente?

— Também dizem que a vingança é um veneno para os demais e que acaba voltando ao nosso prato.

— Mas eu aceito o risco.

Mais uma vez ela sentiu uma pontada no coração, e lágrimas brotaram no fundo dos seus olhos.

— Na verdade, vou ser obrigado a tomar o veneno... Pelo menos no período que o carregar comigo.

Como alguém poderia ter uma aparência tão dura e soar tão perdido ao mesmo tempo? Ela queria se aproximar e tomar suas mãos, como fizera tantas vezes quando eram mais jovens. Mas a fria máscara que Heath usava parecia colada ao rosto, uma verdadeira armadura contra qualquer emoção.

— Ah, Heath...

O sentimento de perda a aturdiava, deixava um nó na sua garganta, fazendo com que ela mal pudesse respirar. No entanto, se Heath fosse capaz de notar a forma como ela pronunciava o seu nome...

— Volte para junto do seu irmão, Katherine — ele disse, fazendo um gesto com as mãos, indicando as escadas. — Ele precisa de você.

E Heath não precisava. Ele não disse isso, mas ela entendeu. Tudo nele, sua expressão dura, seus olhos impávidos e seu queixo trincado, davam o recado.

Joe precisava dela, Heath não. Nem mesmo como companhia.

Ela girava o corpo para subir as escadas quando foi tomada por um pensamento. Lembrou-se de uma pessoa. E um sentimento de culpa se somou ao coquetel explosivo que tomava conta do seu corpo. Não queria olhar para trás, não queria voltar a ver Heath, que estava ali, de pé, alto e perigoso, com sua silhueta recortada pelo céu que se abria atrás da porta.

Não queria voltar a sentir o que sentira antes, mas o assunto era importante demais para esquecê-lo.

— Onde está Harry?

Só de pensar que o seu sobrinho de onze anos poderia ver o pai naquele estado partiu o seu coração. Ela sabia como Harry se sentia sem mãe e com um pai que negligenciava a si mesmo. Kat não o vira até então. Onde ele estaria? Escondido?

— Na escola, claro.

— Mas como chegou lá? Ele não pode fazer essa viagem sozinho. Ele...

— Eu o levei.

A resposta de Heath era verdadeira, mas ainda assim, a deixou sem fôlego.

— Você... Você o levou à escola?

— Por que não o levaria? Ele precisava ir à escola e não tinha ninguém aqui para levá-lo. De carro, foram apenas dez minutos.

Um inesperado ato de generosidade de um homem que não tinha por que se preocupar com aquele menino e que poderia odiá-lo por conta do pai que tinha. Afinal de contas, o nascimento de Harry reforçou a insistência de que naquela casa não havia espaço para Heath.

— Foi muita gentileza sua. Obrigada.

— Harry é apenas um menino, não tem nada a ver com isso.

— É verdade... mas...

— Volte para junto do seu irmão, Katherine — ele repetiu. — Ele precisa de você.

E para enfatizar suas palavras, para deixar claro que não havia espaço para contestação, ele virou de costas e saiu pela porta. Pouco depois, Kat ouviu o barulho do motor do carro de Heath e das rodas girando. Ela fora dispensada. Heath precisava tirá-la da cabeça imediatamente.

E isso foi chocante, doeu muito, uma dor profunda, que tocou cada nervo do corpo de Kat.

Um murmúrio de Joe chamou sua atenção e a trouxe de volta à realidade. Ele poderia ser um bêbado idiota, mas era seu irmão e precisava dela. E talvez, apenas talvez, quando estivesse sóbrio, recuperado da terrível ressaca que surgiria no dia seguinte, poderiam conversar e, juntos, pensar no que fariam em seguida.

Joe caiu no sono rapidamente, deitado de costas entre os lençóis sujos e respirando pesado. Não precisaria dela por um tempo. Kat ficou nervosa ao

ver toda a sujeira reunida naquele quarto. Nunca imaginara que Joe chegaria tão fundo. Várias garrafas de uísque estavam alinhadas no tampo de uma cômoda, como uma clara evidência da gravidade do problema.

Se Joe chegara tão baixo, Harry...

Por um momento, Kat cobriu o rosto com as mãos, pois não queria nem pensar nas imagens que vinham à sua cabeça.

Ai, meu Deus, como Harry estaria lidando com isso? Ela não via o sobrinho há semanas, sua mente estava distraída com a morte inesperada de Arthur. Tudo o que podia fazer era rezar para que Joe continuasse bebendo apenas à noite, quando o filho estivesse na cama.

A brutal ironia da situação era que Joe, antes, estivera convencido de que o casamento de Kat com Arthur seria a salvação das duas famílias. Arthur conseguiria o herdeiro que precisava para a sua propriedade, garantindo que ela permaneceria nas mãos da família, e a fortuna pessoal de Joe aumentaria ao se relacionar com a aristocracia. Por isso, fomentou tanto o relacionamento da irmã com os Charlton. Mas tudo dera errado...

O pior é que ela não poderia ajudar. A notícia trazida pelo advogado de Arthur, no dia anterior, era bem pior do que ela imaginava. Já não era a dona da Grange, pois seu marido morto contraíra tantas dívidas que teve de vender a propriedade.

Era como se o silêncio da casa desabasse sobre ela, e as palavras de Heath não a abandonavam: *Volte para junto do seu irmão, Katherine... Ele precisa de você.*

Ele teria notado a rejeição estampada nas suas palavras e a dor que ela causava? Claro que sim, e por isso, as repetira tão deliberadamente.

Foi assim que Heath se sentiu quando Joe o colocou para fora de casa? De volta a High Farm, ela se lembrou perfeitamente daquele dia.

O seu pai morrera há pouco tempo, e Joe voltara da universidade, tomando as rédeas da casa, com um ódio profundo contra Heath. Mal chegou por ali e começou a colocar seus planos em ação:

— O meu pai permitiu que você ficasse aqui — ele disse friamente. — E eu fui obrigado a tolerar a sua presença, querendo ou não. Mas ele já não está por aqui. *Eu* estou no comando, seu cigano!

E abriu a porta, sem se importar com o frio que fazia do lado de fora e que invadia a casa.

— De agora em diante, você vai ganhar o seu dinheiro como qualquer outro empregado da fazenda. E por isso, não tem o direito de morar, comer ou dormir nesta casa.

— Joe... Você não pode! — protestou Kat. Ela precisava dizer alguma coisa. Não poderia ficar parada vendo tudo aquilo.

Joe a ignorou, fazendo um gesto em direção à porta.

— Anda, cigano! Vá embora daqui e não volte a entrar.

— Joe... — ela tentou novamente, mas o olhar feroz do irmão a deteve.

Ela conhecia o seu irmão. Sabia que opor-se só pioraria as coisas. Mas a sensação era terrível. Ela não poderia...

Tremeu só de pensar em como se sentiu naquele momento.

E se lembrou do olhar de Heath. Lembrou-se da raiva fria, da ferocidade da rejeição estampada em seus olhos. Talvez tenha arriscado lutar contra o irmão, mas aproximar-se de Heath teria sido diferente. Ele não queria sua proteção. Orgulhoso, ele considerava aquela uma batalha pessoal e lutaria para vencê-la sozinho.

O silêncio era opressor, e Kat ficou com medo de que um mísero som pudesse destruir tudo. Sentiu um nó no estômago, e o seu coração bateu com força ao ver a expressão tensa da Heath, seu corpo forte e alto, seu queixo erguido, desafiador. Ela curvou o corpo, preparando-se para a inevitável explosão, mas ficou chocada e assustada ao notar que nada acontecia.

Heath ficou simplesmente olhando para o seu irmão, com os olhos fixos no rosto pálido de Joe, que parecia analisar o tapete com grande e estranho interesse. E Heath finalmente girou o corpo, desaparecendo na noite fria. E Joe fechou a porta com força.

Naquele momento, ao ter uma pequena mostra do que era se sentir rejeitada, somada à idéia terrível de que já não era dona da sua própria casa, que alguém ficaria com tudo o que lhe pertencia, Kat finalmente entendia um pouco o que Heath sentira naquele dia.

No entanto, ele parecia ter conseguido a vingança perfeita, virará a mesa em cima de Joe e de sua família. Era o novo dono de High Farm, o único senhor por ali. E, assim como Joe o chutara para fora da casa, Kat não duvidava que Heath planejasse fazer o mesmo.

CAPITULO CINCO

Kat já deveria ter ido embora, foi o que pensou Heath ao voltar a High Farm, estacionando o carro. Joseph deveria estar fora de perigo, dormindo, de ressaca. Ela teria desistido e voltado para casa, voltado à civilização da Grange, onde poderia brincar de *Senhora da Propriedade* por mais algum tempo.

Pelo tempo que *ele* decidisse, pois Heath já pedira aos seus representantes que não revelassem o seu nome como comprador da Grange e de todas as outras propriedades que antes pertenciam a Arthur Charlton, que vendera para financiar seu vício pelas drogas. A verdade é que Arthur deixou escapar toda a sua fortuna em extorsões e chantagens, para que ninguém nunca descobrisse sua vida secreta. *Lady Katherine* talvez já tivesse descoberto tudo e deveria estar desesperada tentando manter o escândalo sob

controle.

Na verdade, Kat deveria ficar grata ao saber que havia alguém disposto a sanar suas dívidas, mesmo que para isso tivesse de entregar a Grange. Mas ele esperaria o momento certo para contar a verdade... E esse momento viria logo após ter conseguido o que queria com a viúva do conde Charlton.

Num primeiro momento, ela se aproximaria de um homem que não existia, cairia nos braços do novo dono de High Farm, que ganhara a propriedade no jogo. O outro Heath viria à tona mais tarde, quando chegasse o momento.

O cheiro de algo sendo cozinhado, algo quente e apetitoso, atingiu Heath assim que ele entrou pela porta. Comida? Era a primeira vez que sentia cheiro de comida naquela casa. Na verdade, ficara chocado ao ver como Nicholls fora capaz de destruir High Farm.

Seguindo o rastro da comida até a cozinha, ele se assustou ao ver Kat de pé junto ao fogão, com o cabelo preso e as mangas dobradas, preparando alguma coisa. Seu rosto estava vermelho por conta do calor e havia um avental preso ao seu corpo esguio. Mas a verdade é que aquela peça de algodão vermelho não era capaz de diminuir a beleza das suas formas tão femininas. Heath teve de lutar contra uma onda de desejo e excitação que imediatamente tomou conta do seu corpo, uma mistura de prazer e dor em partes iguais.

— Quer dizer que o seu irmão agora tem uma cozinheira? — ele perguntou, tentando disfarçar seus sentimentos reais.

— Joe continua dormindo — ela respondeu, com os olhos fixos na panela. — E mal se mexeu na cama. Mas acho que Harry vai precisar de algo para comer quando voltar do colégio. Estou preparando uma sopa de vegetais, pois foi tudo o que encontrei na dispensa.

A curva dos seus lábios e a forma como ela moveu o nariz demonstrou sua desaprovação pelo estado da casa.

— Não tive tempo de fazer compras — ele disse, com um tom de voz de quem não está nem aí para o assunto.

Heath poderia ter contratado uma equipe de limpeza e decoração para dar um jeito na casa e também uma cozinheira para preparar tudo o que ele quisesse. Poderia ter comprado móveis novos para todos os cômodos, mas caso fizesse isso, teria revelado todo o seu poder antes do previsto. Naquele momento, preferia esperar e observar. E saberia a hora exata de dar sua cartada final.

E essa hora não demoraria muito a chegar, ele pensou, abrindo um sorriso tímido e notando que Kat estava com a atenção cuidadosamente focada na preparação da sopa. Aliás, estava muito focada. Exageradamente focada.

Ela lutava para não olhar na sua direção. Lutava para demonstrar certa indiferença à sua presença, quando, na verdade, mal podia se agüentar frente àquele intruso que parecia tomar conta do seu mundo.

— Tenho coisas mais importantes a fazer do que arrumar a casa que o seu irmão passou uma década destruindo.

— O quê, por exemplo? Mais jogos de cartas? — A dureza no tom de

sua voz demonstrou toda a tensão que ela tentava esconder. — Mais fortunas a roubar? Mais vidas a arruinar?

A risada de Heath escapou alta e dura, como se quisesse dizer que a raiva de Kat era irrelevante.

— Minha querida *lady* Katherine, se você considera esta propriedade abandonada e estas construções em ruínas como algum tipo de "fortuna", acho que não estamos falando a mesma língua. Quanto a roubar, posso te garantir que sou dono de cada cantinho de High Farm. E que consegui tudo isto de forma absolutamente legal.

— Sim, talvez tenha conseguido de forma legal, mas duvido que de forma justa!

— O jogo foi apenas a cartada final. Ele já estava nas minhas mãos... Eu apenas ofereci uma última chance. E ainda assim você me acusa de ter enganado o seu irmão?

A raiva que irradiava no tom de voz de Heath a atingiu em cheio, fazendo a sua cabeça girar, os seus olhos se arregalarem, a sua boca rosada ficar aberta, em choque.

— Não! Eu nunca pensaria uma coisa dessas. Você nunca faria isso.

A consternação em sua voz convenceu Heath de que ela dizia a verdade. Porém, com os seus olhos fixos nele e a sua boca entreaberta daquela forma, era duro não sair correndo para abraçá-la.

— Que cheiro bom...

Ele fez um sinal com a cabeça em direção à panela e à colher de pau que Kat tinha nas mãos.

— Quer comer um pouco? Você já comeu?

— Não... Não comi. E claro que sim, gostaria de poder comer um pouco, caso tenha preparado suficiente.

— É mais do que suficiente — ela respondeu sorrindo. — Quando faço sopa, sempre termino preparando uma quantidade industrial. Sente-se.

E fez um gesto em direção à desgastada mesa de madeira onde tigelas e pratos estavam empilhados, com algumas colheres e facas ao lado.

— Está quase pronto.

Enquanto caminhava pelo piso desnivelado, Heath foi atingido por um jorro de prazer e desejo misturado a um vazio profundo, uma mistura tão estranha que ele não saberia dizer onde começava um sentimento e terminava o outro.

Tudo poderia ter terminado assim, ele pensou, sentado à mesa. Caso o pai de Kat não tivesse morrido, caso o seu irmão não tivesse se revelado aquele terrível tirano que parecia odiar tudo à sua volta, caso ela não tivesse sido tentada por todo o luxo e riqueza oferecidos por Charlton, pelas roupas, jóias, dinheiro, posição social... Caso não o tivesse rejeitado, caso não tivesse atirado ao chão o coração que ele um dia deixara em suas mãos.

Antes aquele era o seu sonho. Um sonho secreto, que não revelaria a

ninguém, já que não tinha qualquer esperança de, que pudesse se transformar em realidade. Uma casa, um porto seguro, um lugar para voltar após um duro dia de trabalho. Um local onde encontraria sua esposa, uma mulher que transformaria sua casa, fosse ela grande ou pequena, num verdadeiro lar, em algo que nunca tivera na vida. O lar que sempre sonhou.

E não seria qualquer mulher, mas sim a mulher que ele sempre quis. A única que poderia satisfazê-lo por completo. A única que realmente desejava.

Katherine Nicholls se transformara em Katherine Charlton, a mulher que virara as costas para ele e se casara com um dos seus maiores inimigos.

Heath tinha várias casas. Mais do que precisava. Casas grandes, enormes, em todos os continentes. Num gesto inconsciente, pousou a mão na esmeralda que levava presa à orelha, um símbolo vivido e brilhante da força da sua riqueza, um fragmento mínimo de tudo o que possuía. Ele era rico, o seu poder era inimaginável. Mas nenhuma das suas casas era mais do que um simples local para viver, comer e dormir, um local para sanar as necessidades do seu corpo, para tentar relaxar sua mente.

Nenhuma delas poderia ser descrita como um verdadeiro lar. E, certamente, nenhuma se encaixaria no seu sonho.

Um sonho bobo, ele disse a si mesmo, num ataque de fúria que o fez arrastar uma cadeira pelo chão de pedra da cozinha.

Aquela cozinha foi a primeira parte da casa que ele conheceu, o primeiro local onde o senhor Nicholls o deixou quando o trouxe das ruas de Liverpool, onde o encontrara.

Chegara ali enrolado no pesado casaco do pai de Kat e Joe, que o encararam assim que Heath botou os pés naquela casa. Os olhos de Kat eram curiosos, os de Joe, hostis.

— Quem é ele? — perguntou Joe! — E o que está fazendo aqui?

— Eu o encontrei morto de fome nas ruas de Liverpool. Estava pedindo dinheiro para comprar comida — respondeu o seu pai. — Mal fala inglês e ninguém por lá sabe nada sobre ele. Preciso informar às autoridades, ver o que eles podem fazer... Mas não poderia deixá-lo sozinho por lá. Ele precisa de um banho quente. Joe, vá buscar roupa limpa para ele.

— De jeito nenhum! Por que eu daria as minhas roupas para esse mendigo cigano?

— Sopa... — disse Kat, enchendo uma tigela azul com aquela comida quente e sentando-se à mesa, à sua frente, arrancando-o das lembranças do passado e voltando a fincar os seus pés no presente. — Tem pão no armário. Está um pouco duro, mas posso tostar se você quiser.

— Não precisa. A sopa será suficiente. Obrigado.

A primeira coisa que comera naquela casa fora uma sopa de vegetais, ele pensou. Ao contrário do seu irmão, Kat notara que ele estava morto de frio e colocou uma tigela de sopa quente em suas mãos. Se fosse um bobo, poderia dizer que se apaixonara por ela naquele instante, embora Kat tivesse

apenas sete anos e ele onze, dois a menos que Joe.

Pegou uma colher e mergulhou na sopa, depois parou. Não poderia seguir adiante. As memórias estavam vivas, sua garganta era um nó, comer seria impossível.

— Ele precisava de ajuda... E se as autoridades concordarem, acho que eu poderia adotá-lo.

— Adotá-lo? — perguntou Joe, num misto de terror e nojo.

— Sim... e vocês teriam um novo irmão.

— Eu não quero um irmão! Não quero nada relacionado a esse cigano sujo — disse Joe, olhando para Heath com tanto ódio e veneno que ele pensou que poderia morrer naquele mesmo instante. Quando Joe finalmente descobriu que o jogo de videogame que pedira ao pai caíra do seu bolso no caminho para casa, saiu voando para o quarto, batendo a porta.

— Nunca o aceitarei como irmão... Nunca! — gritou ao subir as escadas. — E se você tiver algo nessa cabeça, devolva-o às favelas, ao lugar a que ele pertence.

— Eu retiro o que...

— O quê? — Ao ser arrastado de volta das suas memórias, Heath reagiu sem pensar, franzindo a testa: — Desculpe...?

— Eu estava dizendo que retiro o que disse sobre você querer ver Joe morto — disse Kat, colocando sua tigela na mesa e sentando-se à frente de Heath. — Nunca deveria ter dito aquilo.

— Mas eu estive muito perto várias vezes.

Ele deveria tomar a sopa, mas Kat se sentara à sua frente, e o cheiro da sua pele seguia na sua direção, seus olhos azuis estavam pousados nos dele, seu cabelo preto caía como uma suave nuvem sobre o seu rosto... E Kat mergulhava a colher na sopa.

— Mas nunca fez nada, nem faria, mesmo com toda a provocação do mundo. E Joe provocou bastante. Você poderia ter revidado com força, mas nunca... Tem algo de errado com a sopa?

Desde o momento em que ela colocara a tigela em sua frente, Heath parecia perdido nos seus pensamentos, fora deste mundo. Parecia absorvido numa reflexão interna. E não parecia nada contente, pois suas sobrancelhas estavam franzidas.

— Não... Está tudo bem.

A resposta de Heath foi vaga. Sua tentativa de sorrir educadamente não passou de uma leve curvatura dos lábios.

— Só estou esperando que esfrie um pouco.

— Mas se esperar muito, vai ficar congelada!

Ela queria adotar um tom casual, mas fora tomada pela memória triste que invadira seus pensamentos desde o momento em que Heath aparecera

naquele ambiente antes tão familiar, tão presente na adolescência deles dois. Era complicado não se ater a fatos e imagens do passado.

— Você não hesitou tanto na primeira vez que te ofereci sopa — ela disse, com voz um tanto trêmula.

E se lembrou do primeiro dia que o vira, após ser resgatado das ruas de Liverpool pelo seu pai. Um rosto obscuro e sujo, incapaz de dizer mais do que duas palavras em inglês. Um menino com aspecto selvagem, mas ao mesmo tempo, solitário. Ao contrário do seu irmão, que desatara uma raiva profunda ao ver um estranho em casa, ela queria dar-lhe as boas-vindas. Porém, incapaz de entender a língua que ele falava, resolveu demonstrar sua preocupação oferecendo-lhe comida. Uma tigela de sopa, ela se lembrou. Exatamente a mesma receita.

— Eu teria comido qualquer coisa — ele respondeu. — Você foi a primeira pessoa, além do seu pai, que me ofereceu ajuda. Joe olhava para mim como se quisesse me matar.

— Acho que ele te enxergava como um rival no coração do meu pai. Os dois sempre tiveram um relacionamento... complicado.

— Ele me enxergava como um carrapato...

— A verdade é que você parecia uma espécie de alienígena naquela época.

Kat sabia que estava apenas preenchendo um silêncio, mas ao mesmo tempo, tentava reviver o Heath que conhecera. O menino que fora seu amigo e não um estranho.

Era irônico pensar que ela já desejara que Heath finalmente conseguisse fazer algo com a sua vida. E ali estava o perfeito exemplo do que queria para ele.

Entre eles, havia um abismo enorme. E não apenas por conta da grande mesa onde estavam sentados. Ainda assim, Kat nunca o enxergara daquela forma, com os olhos de uma mulher...

— Ninguém entendia nada do que você dizia. Demoramos muito para descobrir que falava português. — Ao dizer isso, ela foi tomada por uma idéia repentina: — Claro... Por isso você foi para o Brasil?

Heath fez que sim enquanto girava a colher na sopa.

— Eu queria encontrar alguém da minha família. Não sabia quase nada sobre eles... Minha mãe me trouxe à Inglaterra, mas me abandonou ao notar que nenhum homem ficaria com uma mulher que tinha um filho pequeno.

Kat queria escutar o resto da história, até o dia em que Heath foi encontrado pelo seu pai nas ruas de Liverpool. A verdade é que, durante um tempo, uma assistente social tentou, sem sucesso, encontrar a família desaparecida de Heath, até o dia em que o pai de Kat o encontrou.

Ele ergueu a mão para tocar o brinco de esmeralda, como se tocasse um talismã que o conectava com o seu passado. E algo se quebrou no coração de Kat. Ela não entendia como uma mãe poderia abandonar um filho numa terra estrangeira. Sem pensar duas vezes, estendeu a mão, querendo tocá-lo,

e desta vez, o seu gesto não tinha nada de sensual. Porém, rapidamente, mudou de idéia e disse:

— E encontrou alguém?

— Encontrei o meu pai.

— E era o imperador da China? Ou do Brasil, pelo menos?

Esse comentário fez com que Heath abrisse um breve sorriso, pois se lembrou da velha brincadeira deles dois. Mas ele fez que não.

— Ele é um homem rico e poderoso, dono de várias jazidas em Minas Gerais. Na verdade, comecei a trabalhar para ele antes de descobrir quem era...

— Heath Montanha...

— Sim, esse é o nome da minha família. Aparentemente...

— E daí saiu a sua riqueza, certo? — ela perguntou, mas ele voltou a fazer que não com a cabeça.

— Sou apenas um dos muitos filhos bastardos que ele teve com várias amantes. E rapidamente notei que ele não estava muito preocupado com os seus deveres de pai. Talvez por isso minha mãe o tenha abandonado e vindo para a Inglaterra. Eu ganhei o meu dinheiro sozinho. O meu pai trabalha em minas de topázio e água-marinha, mas eu encontrei uma rica jazida de esmeraldas...

Mais uma vez ele tocou o brinco, dizendo:

— A mina de Itabira. E esta foi a primeira pedra que encontrei.

— É linda — disse Kat simplesmente.

Ela notava uma agitação no fundo da sua mente, algo que não poderia deixar quieto. Algo de que deveria se lembrar, algo importante. Mas não entendia o que era.

— Há quanto tempo não nos sentamos aqui...

— É verdade. Mas também é verdade que esta cozinha não mudou muito desde a primeira vez que nos vimos.

E também desde a última vez que o vira, ela pensou. Naquele dia, naquela cozinha, ela brigou com Heath por ele ter sido tão duro com suas visitas: Arthur Charlton e outros.

— Imaginei que fôssemos amigos — foi o que ele disse naquela noite, tantos anos atrás. — Mas acho que você se esqueceu disso. Pense bem... Pense nas várias vezes que você marcou de sair com os seus novos "amigos", nas noites que estive fora, que dormiu na Grange, que foi a discotecas...

— Quero me divertir — ela respondeu, notando que Heath a deixara vulnerável. — Não posso ficar todo o tempo em casa com você, que está sempre de mau humor, nunca tem conversa...

— Claro — ele concordou. — Estar com Arthur Charlton deve ser *muito* divertido. Ele vai ser conde, tem uma boa herança... Mas você nunca parou para pensar por que estou sempre de mau humor?

— Por que sente ciúme? Por que tem de ficar em casa trabalhando enquanto a gente se diverte?

— Se você pensa assim — ele disse, naquela noite, tantos anos atrás — é porque não me conhece de verdade.

— Não conheço o quê? Talvez não te conheça mesmo, pois você não é quem costumava ser. Na verdade, eu nem tenho certeza se realmente gostaria de conhecê-lo melhor.

Essas foram as últimas palavras que Kat lhe dirigiu. Naquela mesma noite, ele pegou suas coisas e foi embora, sem dar adeus nem explicações. Virou as costas e deixou para trás tudo o que havia entre eles.

— Até a sopa é a mesma. Não... não é gostosa? — ela tentou dizer, notando que a lembrança daquela rejeição fazia as palavras tropeçarem na sua língua.

Tentou ficar mais calma desviando o olhar para as mãos de Heath, uma delas segurava a colher, a outra estava pousada no tampo da mesa, ao lado da tigela. Porém, vendo aqueles dedos longos e bronzeados, ela ficou imaginando o prazer que sentiria caso ele a tocasse, caso aquelas palmas duras pousassem na maciez da sua pele. E só de pensar nessa conexão, seu corpo ficou em brasa.

Nunca sentira o mesmo por Arthur. Sempre acreditou que a paixão aumentaria com o calor e a amizade que imaginava compartilharem, mas se enganara. Com o seu marido, tentou de tudo: vestidos de seda, perfumes caros, cremes para deixar sua pele mais suave. Mas nada parecia fazer diferença. Nada fazia Arthur desejá-la da forma como ela queria ser desejada. Na presença de Heath, no entanto, mesmo vestindo jeans e camiseta, sentia-se uma verdadeira mulher. Um olhar de Heath e o seu corpo pegava fogo.

— A sopa está ótima.

Para deixá-la mais tranqüila, Heath tomou uma boa colherada de sopa e sorriu.

— Por que está sorrindo? — ela perguntou.

— Porque a sopa está boa.

— E isso te faz sorrir?

— Sim, pois nunca imaginei que você tivesse dotes culinários... ou que gostasse de cozinhar.

— Mas eu tinha quinze anos!

— Eu sei, claro que sei!

Ele falou com uma entonação tão forte, tão cínica, que ela ficou paralisada, olhando para ele confusa.

— Você tinha quinze anos e eu quase dezenove — ele disse, como se isso explicasse tudo. O duro tom de voz continuava presente, deixando seu comentário com cara de verdade absoluta.

— E daí... — ela começou a dizer, mas ouviram um barulho vindo do andar de cima, era o som dos pés de Joe, e Kat se levantou correndo. — Vou

subir para garantir que ele não caia por aí. Talvez uma sopa o ajude a melhorar um pouco.

No entanto, a tarefa foi mais longa do que ela imaginava, pois Joe estava acordado, mas nada sóbrio, e o seu humor era terrível. Por isso, Kat demorou para descer novamente. Quando finalmente desceu, notou que Heath terminara sua sopa, tinha lavado a tigela e a colher e as secava.

— Vai buscar Harry no colégio? — ele perguntou, acenando para o relógio na parede.

Assustada, ela viu que horas eram e notou que nunca chegaria a tempo.

— Não vou conseguir chegar a tempo, preciso ir em casa pegar o carro.

— Você não veio de carro?

— Não. Vim a pé. Precisava tomar um pouco de ar.

Ela não o encarou enquanto falava, pois tinha medo de que Heath também estivesse se lembrando de todas as vezes que fizeram aquele caminho juntos, a pé, delirando com a liberdade e a vida selvagem das colinas. Aproveitando o seu tempo juntos.

— Se quiser, posso te levar no meu carro.

— Seria muito gentil da sua parte. E temos de ir já. Mas por que você...

— Porque alguém precisa fazer isso.

— Mas ele é filho do Joe, filho do homem que você odeia...

— Já conversamos sobre isso. Ele é uma criança, não tem culpa de nada.

— Mas se você colocar o meu irmão na rua...

— Eu alguma vez disse que vou fazer isso?

— Mas eu imaginei...

— Não fique imaginando coisas. Você está equivocada, *lady Katherine*.

O que ele dissera fora uma constatação ou uma ameaça? Ela não sabia como interpretar e a expressão no rosto de Heath não ajudava.

Ele deixou o pano de prato na pia e ficou olhando pela janela, vendo as pesadas nuvens de chuva que se aproximavam.

— Qual é o seu plano então?

— Plano? — ele perguntou, dando de ombros, demonstrando indiferença. — Eu não pensei em nada disso.

Mas Kat não acreditava. Se aprendera algo sobre aquele novo Heath, era que tudo na sua vida seguia um ritmo perfeitamente calculado. Só de olhar para o seu rosto frio, para os seus olhos brilhantes, ela notava que Heath estava no controle de tudo.

— Se você é realmente o novo dono da fazenda...

— E sou.

— Então Joe não tem nada. Nem casa nem trabalho.

E eu deveria me preocupar com isso?

— Com todo o prazer, estou disposto a oferecê-lo um trabalho.

Uma pausa calculada deixou claro que ele tinha mais coisas a dizer e que ela deveria escutar.

— Cuidando dos porcos, talvez...? — ela perguntou. Soara inocente, mas Heath deveria saber exatamente aonde queria chegar. Sabia que Joe odiaria o trabalho... Na verdade, odiaria qualquer trabalho oferecido por Heath, pois nunca aceitaria se subordinar ao homem que arruinara sua vida.

— Com direito a moradia, claro — disse Heath, e Kat já imaginava o que ele diria em seguida. — Acho que a minha cama continua armada naquele galpão, certo?

— Você não pode deixar ninguém vivendo naquele horror. Isso é cruel...

Quando o som da sua voz atingiu Heath, ela notou em seus olhos que ele se lembrava muito bem dos meses passados naquele mesmo galpão horrível.

— Nunca entendi como você aceitou ficar por lá, como não foi embora.

— Eu queria muito ir embora.

— E por que não foi?

— Não vale a pena responder isso...

E ficou claro que Heath não lhe diria nada mais. Ele vestia o paletó. A conversa chegara ao fim. Heath apontou com a cabeça para o seu carro estacionando do lado de fora.

— Se vamos buscar Harry, precisamos sair agora.

A viagem até o colégio fora rápida e confortável no possante carro de Heath, mas a mente de Kat ainda era um vendaval.

— Para onde pretende levá-lo? — perguntou Heath, desligando o motor e recostando-se no seu assento. Sem dúvida, o silêncio de Kat durante a viagem teria algo a ver com a preocupação de que Heath poderia fazer mal ao seu sobrinho. No entanto, se ela soubesse que a realidade era completamente oposta... Harry era muito parecido com Heath quando tinha a sua idade. Mas um pouco melhor alimentado, claro. Porém o seu pai era tão ausente quanto foram os pais de Heath. — Não seria boa idéia levá-lo de volta a High Farm com o pai no estado em que está.

— Você tem razão.

Ela fazia que sim com a cabeça, observando os portões da escola se abrirem, buscando o seu sobrinho entre a onda de crianças que saíam.

— E aquela fazenda, na verdade, já não é a casa dele — disse Kat.

Se ela dissesse aquilo para atingi-lo, conseguira, pois Heath apertou o volante com força.

— Tirando Joe de High Farm, você deixará Harry sem a única casa que conheceu como sua durante toda a vida. Não acredito que você possa fazer uma coisa dessas.

— Já te disse para não ficar imaginando coisas.

Ele só queria mudar de assunto, pois a verdade é que não tinha resposta para nada daquilo.

— Você não vai tirar o meu irmão de casa?

Ele passou uma das mãos pelo cabelo e notou que Harry aparecera no portão do colégio. Era um menino pequeno e de cabelo escuro, com mais ou menos a mesma idade de quando o pai de Kat o tirou das ruas de Liverpool, levando-o para a sua casa.

Isso o fez parar e pensar. Aquele menino era filho do homem que ele arruinara, do homem que ele passara a vida odiando, do homem contra quem ele jurara vingança. Aliás, por isso fora até ali. No entanto, em algum ponto dessa história, tudo mudara.

— Joe pode terminar ardendo no inferno, mas Harry é diferente...

E Harry caminhava na direção do carro, com um sorriso grande estampado no rosto. Imediatamente, Kat curvou o corpo para receber o sobrinho, o que a deixou mais perto de Heath, pressionando a sua coxa, e o calor do corpo de Kat parecia vencer a barreira do jeans e chegar à sua pele. A linha suave das suas costas, a curva da sua cintura, o seu cabelo negro jogado para trás, tudo parecia tão sensual que ele tinha de lutar para manter o controle. O seu perfume parecia tomar conta do ar, envolvendo-o como fumaça, colocando seus sentidos à prova, enevoando sua visão, deixando-o sem ar.

Ele queria afastar os olhos, olhar para qualquer outro lugar. A sua calça jeans ficara apertada na região em que o seu corpo endurecera ao notar todos os sinais de feminilidade que ela extravasava. Ele moveu o corpo no banco, tentando aliviar a tensão. Precisava olhar para outro lado, evitar pensar no fato de que ela era uma mulher e ele, um homem. Um homem que a desejava mais do que desejara qualquer outra mulher em toda a sua vida.

Mas foi então que ele olhou para fora do carro, focando através do pára-brisa, e voltou a ver os olhos de Harry. Não poderia negar. Ao olhar para os seus olhos, via os olhos de Kat, os mesmos olhos azuis profundos que os marcavam como tia e sobrinho. No olhar inocente de Harry, enxergou a Kat que conhecia e amava desde a infância, passando pelos momentos turbulentos de sua adolescência. E por isso, o menino era uma fraqueza para ele, não importando quem fosse o seu pai.

— Como eu poderia fazer isso com Harry? Como poderia deixá-lo sem casa, sem um teto? Eu já estive nessa situação. Já vivi isso na pele duas vezes e nunca faria nada parecido a uma criança.

Kat voltou recostar o corpo, olhando para ele. E os seus olhos estavam arregalados, sua boca se abria num sorriso.

— Você quer dizer...

— Quero dizer que o seu irmão poderá ficar em High Farm até encontrar um lugar para onde ir. Não preciso daquele quarto, pelo menos até começar as obras que transformarão aquela casa em outra muito mais ordenada. Porém, assim que ele encontrar outro lugar...

Harry chegou, entrando no carro e caindo nos braços da tia, e eles foram obrigados a mudar de assunto. Mas antes, Kat o encarou e, por cima do cabelo escuro do sobrinho, murmurou:

— Obrigada.

— E agora, para onde vamos?

Ele mal conseguia sé concentrar, mas ao ser obrigado a ligar o carro e engatar a marcha, pôde se distrair um pouco. Tinha de se controlar ou dirigir seria tarefa complicada.

— Voltamos à Grange? — ele perguntou sem olhar para Kat, pois não queria sentir o mesmo calor de antes, não naquele momento.

— Sim, por favor. — Sua voz soou muito formal e educada. — Se não for incômodo para você, claro.

Ao tomar o caminho de volta à Grange, Heath se lembrou da forma como Isobel flertara corri ele.

Também notara algo nos olhos de Kat ao encarar Isobel. Algo próximo ao ciúme. No entanto, caso perguntasse, ela certamente negaria com todas as suas forças. Mas poderia usar essa informação para obter alguma vantagem.

— Sem problema — ele respondeu, sorrindo para si mesmo e pisando fundo no acelerador.

CAPITULO SEIS

— Heath vai me levar a Leeds para almoçar, mas acho que serei capaz de convencê-lo a fazer umas comprinhas também.

Ao anunciar os seus planos, Isobel sorria como uma criança que acabara de ganhar um doce.

— Talvez consiga fazer com que ele gaste um pouquinho comigo.

O seu sorriso era brilhante ao erguer as sobrancelhas, num entusiasmo exagerado.

— Porque... ele é muito rico, certo?

Tudo o que Kat fez foi soltar um murmúrio qualquer, e Isobel tomou essa resposta como a que queria escutar. Já era demais ver a fascinação da sua cunhada por Heath, e estava cansada de ouvir essa história de que a riqueza era parte importante do poder de atração daquele homem.

— Isobel, você acha que está agindo corretamente?

— Corretamente? — repetiu sua cunhada sorrindo. — Isso é para gente como você, para gente antiga. Tenho apenas vinte anos e quero me divertir um pouco.

— E você acha que Heath também quer isso?

— Claro!

Isobel girou os olhos, assustada com o tom de Kat, balançando a cabeça.

— Se eu conseguisse fazê-lo enxergar que sou a pessoa com quem ele quer se divertir.

— E você está segura do que está fazendo? Heath não é o típico homem com quem você costuma sair. Ele é muito mais velho e...

Perigoso era a palavra. Ameaçador. Enigmático. Ela sabia que seria complicado explicar tudo isso a Isobel. Para sua cunhada, Heath era a personificação do charme.

Letal era outra palavra. Letal ao seu equilíbrio. Letal à sua saúde mental. Só de estar no mesmo lugar que ele, Kat ficava nervosa, sentindo o mundo girar ao seu redor.

— Ah, isso é verdade. Existe uma grande diferença de idade. Ele é velho — disse Isobel, mas ao mesmo tempo, ela notava que, aos trinta anos, Heath era um homem perfeitamente conservado. — Mas ele é delicioso... *delicioso!*

E abanou o rosto com uma das mãos, como se estivesse morta de calor.

— E é um homem de verdade!

— Você está dizendo que...

Kat tentou se controlar. Ela mesma ficou assustada com a forma como reagiu ao ouvir as palavras de Isobel. Aquilo não deveria importar tanto.

— Ah, nós não nos beijamos ainda! — disse Isobel sorrindo. — Mas eu já tentei... Se não estivesse tão claro que ele é heterossexual, eu juraria que era gay. Mas não é, não pode ser.

Num gesto inconsciente, Kat passou a mão pela boca, traçando a linha dos seus lábios, a carne suave que já fora beijada por Heath, num beijo quente. Lembrando-se daquele momento e da evidência de que ele também ficara excitado, Kat não poderia duvidar que Heath fosse hetero. Só de pensar nisso, o sangue começou a correr com força nas suas veias, umedecendo a área entre as suas pernas. Quando era beijada e tocada por Arthur, ela não sentia nada disso. E tentara. Imaginava que um dia chegaria ao êxtase com o marido, mas ele nunca a desejou de verdade. Aliás, considerando o local em que foi encontrado na noite de sua morte, ele nunca desejou qualquer mulher.

Arthur foi encontrado morto numa cama ao lado de outro homem, com o corpo repleto de heroína.

Ela sentiu um arrepio na espinha ao se lembrar daquelas noites longas e miseráveis ao lado de Arthur. Noites em que tentava consumir o seu casamento, embora ele nunca conseguisse manter uma ereção, jogando na sua cara que era culpa dela, dizendo que era frígida, que não era sexy, que não era uma mulher de verdade. E, por não ter experiência, ela acreditava.

Mas precisava provar a si mesma que a relação falhara por um

problema do Arthur e não dela. E a forma como respondera ao beijo de Heath, além dos sonhos eróticos que começaram a invadir a sua mente, era uma prova irrefutável disso.

Eu sei o que há de errado com você!

A voz de Arthur ecoava na sua cabeça, acusando-a, raivoso.

Você não gosta dos verdadeiros homens! Ainda sonha com aquele cigano... É disso que você gosta.

Para o seu assombro, tudo indicava que Arthur tinha razão.

— Claro que estou brincando. — Na frente do espelho, acariciando seu cabelo loiro, Isobel notou o silêncio de Kat e sua fuga da conversa. — Ele é hétero, obviamente. Mas já acendi a luz verde algumas vezes e nada... Será que não está interessado em mim?

Por um momento, Kat notou o reflexo dos olhos azuis de Isobel no espelho, olhos iguais aos de Arthur.

— Não! — respondeu a própria Isobel, sem perceber que Kat mal podia falar. — Isso não. Talvez ele esteja bancando o cavalheiro, pois é cigano e eu sou a filha de um conde. Mas enfim, a verdade é que sou uma mulher perfeita...

Passando a mão por suas curvas voluptuosas, ela sorriu brevemente, aprovando sua aparência.

— Vou fazer com que me leve para almoçar hoje. E o *senhor* cigano nem vai notar quando eu der o bote. Tenho um vestido novo ma-ra-vi-lho-so...

Mas Kat já agüentara muito.

— Chega... por favor! É muita informação.

— Sinto muito, Kat.

De repente, Isobel ficou quieta.

— Eu deveria ter notado. Claro que você deve estar se sentindo mal. Afinal de contas, há mais de um ano não...

Aquilo era demais. Saber que a sua cunhada imaginava que ela estaria sentindo falta do marido, falta de algo que nunca teve, foi a gota d'água.

— Chega, Isobel. *Chega!*

Ela não sabia se queria gritar, chorar ou fazer tudo isso ao mesmo tempo, mas foi salva pelo barulho da campainha. Sem pensar duas vezes, foi até a porta e abriu. Era Heath, o personagem dos seus pensamentos.

O que a pegou de surpresa, abalada emocionalmente. Não estava preparada para vê-lo, não sabia como reagir. E se deixou levar pelo instinto, revelando todo o seu nervosismo.

— Bom dia, senhor Montanha. Bom te ver.

O som ácido daquele *bom te ver* não tinha nada a ver com o que ela sentia.

— Me diz uma coisa, no Brasil é normal que as pessoas apareçam na

casa de outras sem avisar?

— Bom dia para você também, *lady Katherine* — ele respondeu, e o brilho no fundo dos seus olhos escuros deixava entrever algo que foi imediatamente confirmado por Isobel.

— Eu pedi que ele viesse — disse a cunhada de Kat, aproximando-se de Heath e oferecendo seu rosto para ser beijada. — Afinal de contas, somos amigos agora... Certo, querido?

— Claro.

E Heath se curvou para beijá-la, mas na bochecha, não na boca, como ela teria preferido. Porém, em nenhum momento, Heath deixou de encarar Kat, notando uma sombra de susto em sua expressão, que mudara completamente.

— Os amigos de Isobel sempre são bem-vindos por aqui — disse Kat, tentando consertar rapidamente a situação, enfatizando o *Isobel* e querendo se convencer do que dizia. Tinha de controlar seus batimentos cardíacos, pois não queria ficar com o rosto vermelho.

— Claro que sim — disse Isobel sorrindo, pressionando o seu corpo contra o de Heath.

— Especialmente quando a convidam para almoçar no Quatro's, certo? — perguntou Heath, aparentemente sem afetação, mas deixando Kat chocada.

— No Quatro's... Você quer dizer...? Kat, você ouviu isso? Vamos almoçar no Quatro's.

— Eu ouvi — disse Kat secamente.

— Vá pegar o seu casaco — disse Heath. — Está frio lá fora.

— Não demoro, mas preciso trocar de roupa. Não estou vestida para um almoço no Quatro's!

Kat esperou Isobel subir as escadas, depois olhou para Heath com os olhos faiscantes.

— O que você está fazendo com ela?

— O que estou fazendo?

A expressão de Heath era de pura inocência, mas Kat queria arrancar aquela máscara do seu rosto.

— Vou levar sua cunhada para passear em Leeds.

— Não que... Quero dizer... O que você está fazendo com ela... No longo prazo ou...

As palavras deslizavam de sua língua ao notar que Heath erguia as sobrancelhas.

— O que foi, *lady Katherine*? A senhora acha que eu deveria relatar minhas intenções? Ou quer me entrevistar para ver se sirvo para a sua cunhada?

— Não seja ridículo!

— Ridículo?

A forma como ele disse aquele *ridículo* fez com que ela sentisse um frio na espinha.

— Ridículo... — ele repetiu. — Então é isso o que sou? Mas qual o problema se eu quiser sair com Isobel?

— Só queria saber o que vocês estão fazendo...

— Isso é problema meu.

— E meu. Prometi a Arthur que cuidaria dela.

A menção ao nome do marido fora um erro. Heath parecia ainda mais raivosos.

— Ela... ela é minha cunhada.

— E uma mulher bem crescida também.

— Mal passou dos vinte anos...

— Com essa idade, eu já estava no mundo tentando sobreviver, dependendo unicamente de mim... E era dois anos mais novo do que ela.

A verdade é que ele caíra no mundo por conta da sua família, pensou Kat, por conta do seu irmão e porque o nome de Heath fora posto na lista negra pelo seu marido, fazendo com que ele não conseguisse trabalho em lugar nenhum ali perto. Isso ela não poderia negar.

— Mas ela é inocente...

Heath ergueu uma das sobrancelhas, num gesto cínico, questionando o seu argumento.

— Ela acha que sabe muita coisa, mas é uma ingênua. Viveu superprotegida por aqui... e no colégio interno.

— Então você acha que eu não sirvo para a sua cunhada bem educada?

— Não... Não é isso. É...

— É o quê? — ele perguntou imediatamente. — A verdade, minha querida Katherine, é que você não tem nada a ver com isso. Eu poderia passar a noite com ela se ela quiser. E você não poderia fazer nada para nos deter.

— Não...

Olhando bem no rosto de Heath, vendo sua pele bronzeada, suas bochechas bem desenhadas e seus olhos escuros, ela sentiu um calor intenso.

— Então é isso... O seu rico marido vai se revirar na tumba se souber que um mero cigano colocou suas mãos sujas no corpo de um membro da sua ilustre família?

— Eu nunca te chamei de cigano.

— Isso é verdade — ele disse. — Você nunca me chamou assim. Foi a única. Mas não teria cometido nenhum erro, minha querida. Pois isso é exatamente o que eu sou. A minha mãe era cigana, nascida e criada entre ciganos. E por isso, o meu pai não se casou com ela... Por isso, ela veio à Inglaterra, em busca de membros de sua família, e terminou perdida e sem um tostão nas ruas de Liverpool.

— Eu nunca pensei nada mal de você.

— Então por que fica tão nervosa quando digo que vou passar um tempo ao lado da sua cunhada? Seria por ciúme, minha querida?

— Ciúme!

Ela não acreditava nas próprias palavras. E notou que a risada que soltara era de nervosismo. Pela primeira vez, desde o momento em que aquela conversa nada confortável começara, Kat desejou que Isobel surgisse imediatamente. Mas sabia que sua cunhada demoraria muito para escolher a roupa ideal.

— Você só pode estar brincando.

Ela tentou afastar os olhos, olhar para fora da janela, para as escadas, para qualquer lugar, mas não conseguiu se mover. Estava completamente atraída pelos olhos de Heath. Era como se ele pudesse enxergar o interior do seu corpo, sua alma, arrancando todos os seus segredos.

— Não é brincadeira.

Ele murmurou alguma coisa em português, e Kat não conseguiu afastar os olhos daquela boca sensual, lembrando-se do sabor daqueles lábios.

— O quê? O que você está dizendo?

O sorriso de Heath a assustou, fazendo o estômago de Kat virar um nó.

— Eu disse que você é uma mentirosa... Mas uma mentirosa bem bonitinha.

— Bonitinha...

Kat repetiu aquela palavra sem parar para pensar e suspirou, notando a excitação nos olhos escuros de Heath, que não saíam de cima dela.

Ele teria notado que era a primeira vez que alguém a chamava de bonita na vida? Que bálsamo para a sua alma, para a sua autoestima... E pensar que o seu marido só lhe dirigia palavras duras, como se quisesse destruir toda a sua força, deixá-la sem personalidade.

De alguma forma, ela conseguiu se controlar, afastando da sua mente a hipnose que parecia tomar conta de tudo ao seu redor.

— Não estou mentindo! — ela disse desesperada.

Mais uma vez, ele arqueou a sobrancelha, questionando a veracidade das suas palavras, e ela começou a mover a cabeça freneticamente.

— Não sou mentirosa! — ela repetiu, da forma mais fria e clara que pôde.

— Sério? E se importaria em comprovar isso?

— Não... — ela respondeu, mas talvez quisesse dizer: — Sim...

Ela não sabia o que dizer e as respostas pareciam inúteis. Sua voz perdera toda a força, e o mundo ficara pequeno, muito pequeno.

Heath se movia, aproximando-se lentamente, quase imperceptivelmente. Pé ante pé...

Ela deveria se afastar, sair do seu alcance. Disse a si mesma que queria se afastar, mas o seu corpo não obedecia. Em vez disso, ficou plantada no mesmo local onde estava, com os pés fincados ao chão, respirando pesadamente e com o coração a mil.

— Como nós poderíamos fazer isso, minha querida?

— Nós...?

Nós não vamos fazer nada, ela quis dizer, mas não conseguiu articular as palavras. Ao falar, notava o cheiro de Heath no ar. Sua boca ainda sentia o gosto dele, e queria mais.

— Nós... — ela repetiu, quase num murmúrio.

— Nós... — disse Heath, fazendo que sim com a cabeça. — A palavra certa é "nós". Nós dois. Não eu e você, mas nós dois, juntos. Nós.

Enquanto dizia a última palavra, baixava a cabeça em direção à dela. O desejo enfraquecia as pernas de Kat, e ela precisava da força de Heath para se manter de pé.

Três beijos. Em toda a sua vida, eles tinham trocado apenas três beijos, e todos muito diferentes, únicos, o que fazia Kat pensar que passara uma vida inteira sendo acariciada por ele.

O primeiro beijo fora naquela mesma casa, quando Heath reapareceu, e ela foi invadida por uma paixão violenta, paixão que parecia capaz de queimar o seu coração. Depois, a lenta sedução do segundo beijo a fez perder os sentidos, deixando-a fora de si, enchendo-a de desejo.

Mas esse último, foi uma experiência totalmente nova. Quando os seus lábios se tocaram, ela notou que o encontro poderia arrumar o seu coração. Era o tipo de beijo que ela sonhava, queria e precisava. O beijo que passara toda a vida esperando.

Beijar Arthur, e ser beijada por ele, era como beijar um adolescente excitado, mas sem qualquer doçura. Ela imaginava que aquilo seria o começo e que depois melhoraria, mas a verdade é que, com o tempo, tudo piorou. E Kat assumia a culpa, pois não conhecia nada melhor... Até o momento em que Heath lhe demonstrou o que é um beijo entre um homem e uma mulher... Até o momento em que Heath lhe demonstrou *como* um homem deve beijar uma mulher.

Aquilo era o beijo de um homem. E ela o recebera como mulher, sabendo que as sensações que despertava eram as mais femininas possíveis. E o tal beijo abriu sua mente e seus sentidos a novas experiências: o calor da sua pele, o cheiro do seu corpo, a força dos seus músculos, o gosto da sua boca, a doçura e dureza ao mesmo tempo. E o calor começou a viajar por todas as suas veias e nervos.

De repente, o beijo já não era suficiente. Ela queria mais. Precisava de muito mais. Queria tocá-lo e aproximou a mão do seu braço, do seu peito. O calor da pele de Heath parecia capaz de queimar suas mãos, marcando-a. Ela precisava sentir aquele calor nas mãos, nos lábios, no corpo. Os seus mamilos tocavam as costelas de Heath, sua cintura se encaixava na pélvis masculina. Notou um membro duro pressionando o ponto do seu corpo que pulsava por

ele. Sua cabeça girava. E sentiu um jorro de alegria e satisfação ao notar que era capaz de despertar o desejo de qualquer homem... E principalmente de um homem como Heath.

Era ótimo saber que as feridas abertas por Arthur podiam ser curadas daquela forma maravilhosa. Enquanto as mãos de Heath passeavam pelo seu corpo, pelas curvas da sua cintura, ela gemeu alto, deixando o ar escapar entre os seus lábios. E queria mais que um simples beijo, permitindo que a língua de Heath dançasse na sua boca, numa deliciosa provocação de intimidade.

Heath, por sua vez, também deixou escapar um gemido, gemido que estaria sufocando há tempos. Suas mãos contornavam os seios de Kat, acariciando-a com o calor das suas palmas.

Então era isso... Era sobre isso que as pessoas tanto falavam: sobre sexo.

Para ela, era como se, finalmente, com quase 25 anos, estivesse desabrochando. Como se fosse uma espécie de Bela Adormecida despertada do seu sono. Fora beijada, não por um lindo príncipe que a levaria embora num cavalo branco, mas por Heath, o menino que antes fora seu amigo e que desaparecera da sua vida, para, muito mais tarde, retornar profundamente modificado. Continuava sendo um cigano, como ele mesmo reconhecia, mas, ainda assim, completamente diferente. Um homem curtido e moldado pela vida, temperado pela dureza da realidade e que voltara fortalecido, tanto que era capaz de baixar completamente a guarda de Kat, penetrando em seus pontos mais vulneráveis.

Assim como Pandora, que abria a caixa entregue pelos deuses, deixando escapar toda a selvageria desconhecida, Kat sabia que seria impossível se conter novamente.

Não que ela quisesse. Estava adorando tudo aquilo, principalmente o desejo que despertara em seu corpo.

Mas o som de uma porta sendo fechada no andar de cima quebrou o encanto que tomara conta da sua mente. Ela ouviu uns saltos altos batendo contra o chão. Era Isobel, que voltava.

O barulho foi como um tapa na cara de Kat, que ficou paralisada e deu um passo para trás, lutando contra os impulsos carnavais que faziam o seu corpo protestar.

Sua cunhada, Isobel, voltava contente, animada, pois almoçaria com o homem que acabara de provar que Kat estava realmente sendo movida pelo ciúme.

Ela? Movida pelo ciúme?

Como poderia sentir ciúme se estava assombrada com o que acontecia com o seu corpo? Pior, como deixou tudo aquilo acontecer? Como permitiu que Heath despertasse o seu apetite sexual quando estava óbvio que ele não sentia nada em troca?

A maravilha das suas descobertas sobre ser uma mulher de verdade foi confrontada com uma realidade que a deixou desesperada: ficara completamente vulnerável a um homem que a usava para conseguir o que

queria.

— Não! — ela murmurou, pois não queria que Isobel a escutasse. Porém, ao ouvi-la, Heath abriu um sorriso demoníaco.

— Mentirosa — ele murmurou, aproximando-se mais uma vez.

— Eu já disse que não!

Com medo de não ter forças para resistir novamente, Kat ergueu uma das mãos e se afastou o máximo que pôde. No entanto, ele deve ter se aproximado mais do que devia ou talvez ela tenha se antecipado e, com a mão que erguera, Kat acabou dando um tapa no rosto de Heath. O barulho do tapa ecoou no assustador silêncio que se formara entre eles.

Heath ficou paralisado. Seu corpo e músculos não se moviam, a única emoção que deixou escapar surgia através dos seus olhos, raivosos.

O silêncio era assustador, deixando-a nervosa. Kat notou a batalha que Heath travava consigo mesmo, determinado a não responder à mesma altura. Ele provavelmente contou até dez, vinte, cem... E se distanciou, deixando claro que o calor de momentos antes desaparecera por completo e que seria impossível restituí-lo.

Mas o pior é que ela continuava querendo mais, querendo novas demonstrações daquela sensualidade em alto grau. Queria se sentir atraente, desejada. Queria se sentir viva.

Queria tudo aquilo de volta. Queria Heath de volta. O Heath que acabara de descobrir. O homem que já não era o menino que ela um dia conhecera, mas que mantinha vivos todo o poder e a força de sempre.

Finalmente Heath se moveu, e a forma como se afastou de Kat, com a testa franzida, deixou claro que não a machucaria, o que era uma atitude muito dura. De alguma forma, piorava tudo, pois o medo físico era substituído pelo medo emocional.

— Certo — ele disse finalmente, com voz fria, entre os dentes, sem qualquer traço de emoção. — Muito bem, *lady Katherine*. Já entendi a mensagem... Em alto e bom som...

Para o horror de Kat, ele fez uma careta.

— Ah, não... — ela tentou dizer, mas as palavras ficaram presas na sua garganta.

Heath deu um passo para trás, com o rosto e os olhos congelados.

— Tenho certeza de que você vai querer tomar um banho agora, para apagar as marcas deste cigano do seu corpo. Vou te deixar em paz para que faça isso.

— Eu... — ela tentou falar novamente, mas era impossível.

Heath caminhou em direção às escadas, oferecendo o braço a Isobel, que finalmente descia.

— Pronta?

— Prontíssima. Kat, não sei quando vamos voltar, então não espere por

mim — disse Isobel, com uma entonação altiva. — E não se preocupe, estou em boas mãos.

Mas o pior é que eram exatamente aquelas mãos o que deixava Kat preocupada. Porém, caso lhe pedisse que não saísse de casa, Isobel se rebelaria. E que argumentos poderia usar para convencê-la, principalmente naquele momento em que Heath já notara e experimentara a força do seu ciúme?

— Vou tomar cuidado com ela — disse ele, e o brilho nos seus olhos demonstrava que entendia muito bem o duplo sentido do seu comentário. — Não se preocupe.

Enquanto Kat continuava lutando, tentando encontrar uma resposta à sua provocação, Heath arrastou Isobel para fora de casa, fazendo com que ela entrasse no carro que estacionara cuidadosamente à porta.

Seria por ciúme, minha querida?

As palavras de Heath ecoaram com tanta força em sua cabeça, que se ele não estivesse colocando a chave na ignição, Kat poderia jurar ter ouvido sua voz.

Você é uma mentirosa... Mas uma mentirosa bem bonitinha.

Ela estivera mentindo ou simplesmente contara a mais pura verdade? E quando? Quando lhe disse não ter razão para sentir ciúme... ou quando o beijou com todo o coração? Kat tinha a sensação de que sua cunhada não estaria em segurança ao lado de Heath, mas a verdade é que nem ela estaria segura ao lado dele, certo?

Ao ver o carro se aproximando dos portões, a sensação de dor era muito mais aguda do que dez anos antes, quando Heath foi embora dali.

Kat se sentira muito triste e solitária naquela época, principalmente ao ouvir as injustas acusações do irmão. Mas a dor que sentia naquele momento era infinitamente pior, pois tinha certeza de que o perdera completamente. Vira o seu olhar de raiva, a sua cara feia, ouvira o tom duro de sua voz quando ele disse: *Muito bem, lady Katherine. Entendi a mensagem... Em alto em bom som...*

Aparentemente, deveria ser mais fácil desta vez, pois ela sabia exatamente para onde ele estava indo e por quanto tempo. Sabia que ele voltaria: Porém, de alguma forma, isso piorava a situação, pois ela não tinha idéia de como encará-lo após tudo o que acontecera.

CAPITULO SETE

Quando Heath se aproximava da Grange, um trovão ressoou, e uma chuva pesada começou a cair sobre o pára-brisa do carro. Um raio poderoso iluminou a porta de entrada da casa, e por um momento, foi como se alguém tivesse ligado um refletor bem atrás deles. No banco do carona, um menino murmurava, pois o caminho tortuoso de High Farm até ali o deixara com sono.

— Corre.

Pousou uma das mãos no ombro do menino, para que ele voltasse a dormir. As coisas já estavam complicadas demais. Seria mais fácil se Harry pudesse dormir pelo resto da noite, pois, assim, ele teria tempo de fazer o que precisava ser feito.

Com um murmúrio e um suspiro, o menino se enrascou numa manta que Heath colocara sobre o seu corpo no início da viagem.

Não havia nenhuma luz acesa, mas ele não esperava que houvesse. Era quase duas da manhã e ninguém em sã consciência estaria fora da cama, com todos aqueles raios e trovões. Ele também deveria se deitar. Sozinho. Sem dar importância às idéias loucas de Isobel Charlton.

Um sorriso seco tomou conta dos seus lábios ao se lembrar da forma como Isobel reagiu ao receber a ligação. Ela não gostou nada de saber que o almoço seria cancelado de forma tão abrupta. No entanto, acalmou-se quando Heath lhe disse que poderia manter a reserva e convidar alguns amigos... E que ele pagaria a conta.

Heath coçou o queixo e, sem dizer nada, xingou Joe Nicholls. Aquele homem estava entregue à bebida. E se não fosse por Harry, ele não se importaria com isso.

Abrindo a porta do carro, olhou para o menino no banco da frente. Ele ainda dormia, graças a Deus. Mas o que ninguém sabia era onde estava o seu maldito pai. Reclamando do frio e da chuva, Heath levantou o colarinho do casaco e correu para a proteção da porta de entrada. Quando tocou a campainha, o som ecoou pela casa em silêncio.

— Atende, Kat!

Ele murmurou essas palavras ao mesmo tempo que odiava o fato de ter de estar ali, de ter que vê-la. Preferia deixá-la sozinha durante o fim de semana, como planejara anteriormente. Queria que ela parasse para pensar, pois, de alguma forma, estavam fazendo progressos. Aquele beijo a deixara muito perto de admitir que sentia desejo por ele, e isso despertava um sentimento de triunfo em Heath. Sentimento que, misturado ao desejo que ele sentia, era perigosamente explosivo.

Lembrando-se de tudo isso, sentiu uma fúria suficiente para deixar aquela noite fria um pouco mais quente. Tão quente que ele poderia jurar ter visto um vapor subir de seu paletó empapado de chuva. Kat se entregara aos seus braços, mais desejosa do que ele jamais imaginara. Mas então surgiu Isobel, e ela reagiu como um gato acuado, vestindo mais uma vez a máscara de Senhora da Casa, assustadíssima com a idéia de que alguém a visse nos seus braços.

Você está dizendo que eu sinto desejo por Heath? Está de brincadeira!

A voz de Kat invadiu os seus sonhos, assombrando-os. *Você... acha que eu olharia para ele? Ele não tem dinheiro, não tem trabalho... não tem classe! A família Nicholls pode ter caído em desgraça algumas vezes, mas mantemos o nosso orgulho. Aliás, existe alguém neste mundo que seria capaz de desejá-lo?*

— Anda, Katherine!

A raiva que sentia e as terríveis condições meteorológicas o levaram a bater novamente na porta, parando apenas ao pensar em como ela se sentiria, ou melhor, como qualquer pessoa se sentiria, ao ouvir tal ruído no meio da noite.

— Katherine!

Entre o barulho da chuva e dos trovões, ele teve de gritar para ser ouvido e notou um sinal de vida na casa. Uma luz fora acesa no topo das escadas, e através do vidro da porta, surgiu a silhueta de alguém vestido de branco.

— Quem é?

— Sou eu, Heath. Preciso conversar com você.

— Heath... — Ela parecia horrorizada. — O que você quer?

— Katherine, abra a porta para que eu possa te contar...

Era irônico pedir que ela abrisse a porta de uma casa que lhe pertencia. Os documentos tinham sido assinados no dia anterior, e a casa e tudo o que havia lá dentro passaram a ser seu, como pagamento pelas altíssimas dívidas de Arthur Charlton. Porém, ainda assim, tinha de pedir permissão para entrar, para que ela abrisse a porta.

— Estamos no meio da noite. Está chovendo muito...

— Eu sei muito bem que horas são... Mas abra esta maldita porta!

Não. Aquela não era a forma correta de pedir. Ela poderia chamar a polícia, e isso era a última coisa de que ele precisava. Não pelo seu bem, mas pelo bem do seu irmão e do menino que dormia no carro.

— Kat...

Heath se aproximou da porta para que Kat o escutasse melhor.

— Quero entrar, por favor... Tem alguém aqui fora que precisa de você.

Aquele *por favor* a pegou de surpresa. Heath realmente estava pedindo *por favor* naquele tom de voz?

Quero entrar, por favor... Tem alguém aqui fora que precisa de você.

Heath precisava dela. Afinal de contas, por que outro motivo apareceria por ali no meio da noite?

Porém, aquela já não era a sua casa, ela pensou, triste, como se já não fosse suficientemente ruim ver Heath indo embora de braço dado com Isobel... Os credores de Arthur tinham ficado com tudo, não sobrara nada.

— Kat...

O que ele queria? Estaria doente? Ferido? Só de pensar nisso, ela

começou a abrir as fechaduras da porta, girando a chave.

A porta se abriu, e um vento gelado invadiu a casa, fazendo com que ela tremesse compulsivamente, louca para ver...

— O que foi? Qual o problema?

Mas ele já virará de costas. Tudo o que ela pôde ver foram os seus ombros largos e o seu cabelo preto empapado de chuva e revoltado por culpa do forte vento. Heath voltava ao carro estacionado bem em frente a casa. A porta do motorista estava entreaberta, a luz acesa, e ela notou um vulto no banco do carona.

— Heath... O que é isso?

Ele a ignorou, curvando-se para dentro do carro e pegando... alguém... ou algo?

— Está tudo bem.

A voz de Heath era tranqüila, mas ele não falava com ela. Falava com quem carregava nos braços.

— Abra a porta, Kat...

Heath gritava ao vento, suas palavras se perdiam, mas ela entendeu e se afastou da porta, abrindo-a completamente. Outro raio iluminou a cena enquanto ele entrava em casa, fechando a porta com um chute.

— Para a sala...

Ele a seguiu. Kat abriu a porta da sala. Heath deitou a pessoa que carregava no sofá com cuidado e voltou a endireitar o corpo.

Foi então que ela viu... E colocou uma das mãos sobre a boca. Heath estava completamente sujo. Seu paletó, além de empapado, estava cheio de manchas de barro. Sua camisa, a mesma camisa branca que vestia ao vir buscar Isobel, estava arregaçada e escapara da cintura da calça. No colarinho, havia mancha de sangue. Sua boca também sangrava um pouco e havia um corte na sobrancelha. Sua bochecha fora golpeada e estava púrpura.

Ah, Heath...

Finalmente, olhou para quem estava deitado no sofá...

— Harry? Você o trouxe aqui? O que aconteceu?

— O que aconteceu? — ele perguntou, passando as mãos entre o cabelo, deixando à mostra outro machucado no seu rosto. — O seu irmão... Foi isso o que aconteceu...

— Joe? O que ele fez agora?

— Tomou um porre monumental... Enxugou duas garrafas de uísque de uma vez. Depois quase tocou fogo em High Farm e em si mesmo. E quando tentei levá-lo para casa... — disse, apontando para as feridas no seu rosto.

— Mas você estava indo para Leeds.

— E acha que eu deixaria a casa... — e olhou para o menino que, felizmente, continuava dormindo no sofá.

— Acha que eu deixaria Harry sozinho. Deixei uma pessoa observando os movimentos da casa e, quando me contaram o que acontecia, corri para lá.

— E Isobel?

Heath tentava arrumar um pouco suas roupas, colocando a camisa para dentro da calça, mas parou e ficou olhando para Kat.

— Resolveu passar a noite com uma amiga, já que eu não tinha nada a lhe oferecer.

Kat não sabia se ficava aliviada, chocada ou se não acreditava no que ele dizia. Mas a verdade é que a sua cabeça ficou a mil. Porém, quando Heath passou a mão na boca e notou que ainda sangrava, ela disse:

— Deixa que eu...

Mas ele não queria sua preocupação, virou-se em direção à porta e disse:

— Cuide de Harry. Alguém precisa encontrar o idiota do seu irmão antes que ele cause maiores problemas.

— Encontrá-lo?

Ela queria fazer algo mais do que simplesmente repetir o que ele dizia, como um papagaio, mas acabara de acordar e ainda se sentia um pouco zozna com toda aquela história.

— Ele está rodando de carro por aí... Dirigindo muito acima do limite de álcool permitido. Preciso encontrá-lo antes que mate alguém... Ou a si mesmo. Cuide de Harry.

E foi embora. Voltara à chuva, naquele momento tão forte que Kat mal pôde ouvir o barulho do carro.

Só voltaria a vê-lo muitas horas mais tarde. E foram várias horas de angústia, sem dormir. Harry acordou e perguntou por Heath, depois pelo pai. Ela não sabia o que dizer e ficou murmurando palavras soltas. Depois ofereceu algo quente para que ele bebesse e o colocou na cama, na mesma cama que sempre usava quando dormia ali.

A tempestade diminuía de intensidade, e o dia começava a amanhecer quando ela ouviu o som do carro de Heath se aproximando, arrancando-a do sono que a invadia. Rapidamente ela se levantou e caminhou até a porta, onde chegou no exato momento em que Heath colocava a mão na maçaneta.

— O que aconteceu? Você o encontrou?

— Preciso me sentar um momento, Kat.

A voz de Heath era rouca ao seu ouvido, ele parecia tão cansado que mal conseguia andar.

— Foi uma noite horrível.

Por algum motivo, pareceu certo tomar a mão de Heath e levá-lo à sala de estar, ao sofá onde Harry esteve deitado por algumas horas.

— Ele está na cama... dormindo — ela respondeu ao notar o olhar preocupado de Heath. — Acordou no meio da noite, mas dormiu novamente.

Heath fez que sim com a cabeça, sem dizer uma palavra, com expressão dura no rosto. Sua aparência era muito pior do que antes.

— Joe sempre despertava o filho muito cedo. O mais provável é que durma horas seguidas.

E seria melhor assim.

— Quer beber alguma coisa?

Ela sabia o que deveria perguntar, e o olhar de Heath lhe dizia que as notícias não eram nada boas.

— Tomei um café na delegacia.

— Delegacia?

Será que Joe fora preso por dirigir bêbado? Ela rezou para que fosse apenas isso...

— Kat...

Heath se aproximou e a abraçou com força. E com esse abraço, conseguiu dizer tudo o que queria.

Na verdade, era o mesmo abraço que lhe dera no dia da morte do seu pai. Deixou o rosto de Kat enterrado no seu ombro, a bochecha no seu peito. Ela podia ouvir as batidas pesadas do seu coração, o calor e o cheiro de Heath.

Há muitos anos, numa noite como aquela, Heath lhe disse que era hora de ir para a cama. Mas Kat não queria sair da sala sem antes dar um beijo de boa noite no pai. Porém, ao ver a forma como a sua cabeça pendia contra o peito, ela imediatamente entendeu o que acontecera.

E Heath estava ao seu lado, para tomá-la nos braços, para segurá-la quando suas pernas fraquejavam. E também para esperar, sem dizer nada, pois não havia nada a ser dito. Tudo o que tinha de fazer era ajudá-la a enfrentar a terrível verdade, absorver o choque, até o momento em que ela pudesse encarar os fatos.

Desta vez, no entanto, talvez não fosse tão inesperado. Ela sabia que Joe estava decaindo há meses. Notara os mesmos sinais no seu marido, e havia pouca chance de que a situação se revertisse. Mas Kat mantinha suas esperanças vivas... E vê-las destruídas era o pior de tudo. Após um longo e brutal silêncio, Heath sentiu o seu corpo menos tenso e se moveu cuidadosamente, recostando-se no sofá e levando-a junto. Ainda a segurava, agarrava suas mãos. E Kat deixou escapar um longo suspiro.

— Pode perguntar... — ele disse em tom suave.

— O que aconteceu?

— Ele perdeu o controle do carro... e a tempestade piorou tudo... Não usava cinto de segurança. Deve ter morrido instantaneamente. Na condição em que estava, o mais provável é que não tenha notado nada.

— Obrigada.

Isso foi tudo o que ela pôde dizer, e sentiu que o abraço de Heath era

mais forte, como se quisesse lhe dar forças. De alguma forma, instintivamente, ele entendera do que ela precisava. Kat estava com os olhos cheios de água, mas as lágrimas só brotariam quando ela finalmente assimilasse o acontecido.

— Vou ter de contar tudo isso a Harry — ela disse com voz trêmula.

— Eu posso contar se você preferir.

— Você faria isso?

Sim, ele faria isso por Harry, ela notou. Algo naquele menino atraía Heath, talvez por ser um pouco parecido com ele quando tinha a sua idade.

— Claro que sim, Kat...

E soltou uma de suas mãos, segurando o seu queixo e erguendo sua cabeça. Seus olhos se encontraram.

— Eu odiava o seu irmão, mas nunca quis que ele morresse... Se pudesse salvá-lo, eu o salvaria.

— Eu sei.

Como poderia duvidar disso vendo a expressão estampada no rosto de Heath, uma expressão que lhe dizia o quanto estava desapontado por não ter conseguido salvá-lo.

— Mas acho que ele e Arthur entraram num caminho de autodestruição desde o início. Joe sempre foi muito ciumento, e a sua única chance de felicidade era ao lado de Frances. Mas ela morreu... — disse Kat, que ficou com um nó na garganta e fez que não com a cabeça, triste.

— E algo morreu nele ao mesmo tempo... — disse Heath, vendo que ela não conseguiria terminar a frase. — Eu entendo isso.

Os olhos de Heath ficaram profundos, escuros, e Kat notou que ele "entendia" por experiência própria. Saber que ele amara e perdera o ser amado foi como uma estocada no seu coração. Acontecera tanta coisa naqueles anos em que estiveram separados... Tanta coisa mudara nele... Mas, ao mesmo tempo, algumas vezes era como se fosse o mesmo Heath de sempre.

— Ele piorou muito ao perder Francês. Por isso, comparada à sua vida em High Farm, as visitas à Grange eram uma espécie de conto de fadas, pois aqui tudo era calmo e bonito...

Ela ficou sem voz e olhou em volta, lembrando-se de que aquele fora o primeiro cômodo que conhecera na Grange, naquela noite em que ela e Heath foram surpreendidos passeando pelo jardim.

— Eles te trouxeram para cá aquela noite...

Era como se Heath tivesse lido os seus pensamentos.

— Quando o cachorro me mordeu... — ela disse, lembrando-se.

Ela sempre quis conhecer aquela casa por dentro. A casa da família que o seu irmão chamava de "burguesa". Kat queria dar uma olhada, nada mais, e implorou para que Heath a acompanhasse. Ele disse que não, que aquilo era uma bobagem. Mas ela seguiu em frente, ignorando o seu conselho e despertando o cão de guarda, que caiu em cima dela, mordendo sua perna de

forma tão cruel que a fez desmaiar de tanta dor.

— Eu estava perdida e assustada. E quando entrei aqui, com a mãe de Arthur ao meu redor, limpando a minha perna, imaginei que tivesse morrido e ido para o céu.

— Nada a ver com as condições terríveis de High Farm. Mais uma vez era uma constatação. Mas ela notou suas bochechas coradas ao pensar nas condições muito mais "duras" que foi obrigada a enfrentar na Grange.

— Não, mas...

Ela não ousou contar-lhe nada. Não queria dizer que, mesmo com todo o conforto, algo sempre faltou: a companhia do seu amigo Heath. Ele cumprira sua ameaça. Voltara para casa, deixando que ela resolvesse sozinha o problema que criara.

— Mas o melhor de tudo foram os cuidados da senhora Charlton. Ela me ofereceu uma comida maravilhosa... Depois me deitou numa cama muito confortável. Eu nunca antes tinha experimentado o que era ter uma "mãe". A minha morreu quando eu tinha sete anos.

— Então foi por isso que desenvolveu tanto gosto por maquiar-se e vestir-se bem?

— Sim, eu admito. Nunca tinha feito nada daquilo. E quando a senhora Charlton me ensinou como pentear o meu cabelo, como me maquiar... Sabe, de repente, as pessoas pararam de rir de mim no colégio. Se Arthur Charlton estivesse interessado em mim...

Falar nele fora um erro. Kat notou que Heath mudara de expressão, que os seus olhos ficaram frios e distantes. O mesmo aconteceu quando ela voltou à High Farm, depois da temporada de "cura" na Grange. Heath ficara distante. Por isso, ela procurou a amizade de Arthur e dos seus colegas, para preencher esse vazio na sua vida.

E Arthur nunca a desejara verdadeiramente. Ela servia apenas para disfarçar sua verdadeira personalidade, suas inclinações.

— O que aconteceu com nós dois, Heath? Como chegamos aqui?

Pelo olhar de Heath, Kat imaginou que ele não responderia nada. Mas havia algo mais em sua expressão, algo diferente.

— A vida passou pela gente — ele disse em tom áspero. — Nós crescemos. Mudamos...

— Acho que foi mais do que isso. Você se afastou de mim... Ou melhor, não... Você não se afastou, você se transformou numa pessoa hostil, não queria continuar sendo meu amigo.

— Não, eu não queria mesmo continuar sendo seu *amigo*.

CAPÍTULO OITO

Não, eu não queria mesmo continuar sendo seu amigo.

Ao ouvi-lo dizer isso em tom baixo, gutural, Kat olhou para ele, atônita. O cuidado silencioso desaparecera, o ouvinte paciente fora embora e, em seu lugar, havia um homem de expressão dura e olhos profundos, perigosos.

Ele se parecia com o Heath da noite em que ela chegou em casa de uma festa, muito bem vestida e penteada. A senhora Charlton a levava ao seu cabeleireiro. Kat adorara o resultado, assim como os seus amigos. E na festa, atraía os olhares de alguns meninos, que a cercaram de forma inédita em sua vida. Ela dançara a noite inteira, paquerara e fora paquerada. E voltara para casa nas nuvens, encontrando um Heath carrancudo.

— Se divertiu? — ele perguntou, e a frieza em sua voz a fez responder no mesmo tom.

— Muito — ela disse, com um amplo sorriso no rosto. — Você não acreditaria como é legal estar ao lado daquela gente...

— Gente com dinheiro e que sabe como gastá-lo — disse Heath. — E você sabe como chamam as mulheres que ficam com caras apenas pelo seu dinheiro?

Ela ficou nervosa e via o rosto de Heath cada vez mais fechado, seus olhos ferviam.

— Felizardas? — ela perguntou.

— Interesseiras — ele respondeu ácido. — Claro que tem outra palavra. Uma palavra muito menos educada. Mas tenho certeza de que você sairia correndo para o lado do seu irmão se eu dissesse.

Ela perdeu a cabeça. E o som da palma da sua mão contra a bochecha de Heath tomou conta do silêncio que se instalara entre eles dois. Ela ficou paralisada vendo Heath acariciar as marcas dos seus dedos na bochecha.

Ele não disse nada mais. Simplesmente fez que sim, como se confirmasse tudo o que imaginava sobre ela. Depois virou as costas e foi embora.

— Heath... — ela disse, mas ele a ignorou, e Kat não teve forças para ir atrás dele. O medo de uma nova rejeição era forte demais. — Sei que Joe se colocou entre nós dois e... — ela ficou sem palavras, pois na verdade não queria dizer o que estava dizendo.

— Não foi culpa do Joe nem do seu novo amor pela riqueza e pela vida noturna — disse Heath lentamente. — Foi culpa sua.

A forma como ele disse isso fez com que ela sentisse um tremor na espinha. O calor dos seus olhos a queimava. E pela rigidez do corpo de Heath, ela notou a força que ele fazia para tentar manter algum controle.

— Minha?

O que ele queria dizer? O que estaria insinuando?

— Sim, sua — ele respondeu, e Kat se lembrou do dia em que Heath voltara, quando a abraçou e beijou...

— Se você soubesse há quanto tempo eu queria fazer aquilo...

Dessa vez, o tom de sua voz a deixou completamente perdida, sem saber como reagir ao impacto do que acabara de ouvir. E Kat notou que a última coisa que queria fazer era tirar os olhos de cima dele. Ao mesmo tempo, enxergava o homem que ele fora e o que ele era. Aquele adolescente, pouco mais que um menino, fora seu amigo e, por conta dos tropeços de vida, fora forçado a crescer rapidamente, transformando-se num homem maduro. Ela ainda era uma menina quando Heath já era um homem feito...

E Heath tentava se controlar ao lado de Kat, para o bem dela.

No entanto, a verdade é que ela estava agindo como uma cega, como uma estúpida cega.

— Heath... — ela dizia o seu nome como se fosse algo novo, desconhecido. E na verdade, era isso, um nome desconhecido, pelo menos dito daquela forma. — Você está querendo dizer...?

— Eu te amava, Kat — ele disse, sem pensar duas vezes. — Eu te amei até quase enlouquecer. Você não saía da minha cabeça, assombrava os meus sonhos à noite, enquanto eu dormia... ou melhor, tentava dormir... — e ele sorriu, um sorriso cínico, cruel. — Para falar a verdade, acho que não dormi durante dias, embora tenha tentado. Trabalhava todas as horas que podia, até cair na cama, inconsciente, esquecendo-me da fome que me consumia. No entanto, era fechar os olhos e toda a esperança de dormir se perdia, pois você voltava a invadir o meu pensamento.

Pouco a pouco, Kat conseguia recuperar as peças de um quebra-cabeça que parecia perdido para sempre, organizando seus pensamentos. Porém o tal quebra-cabeça não formava a mesma imagem de antes...

Heath a amara. Aquelas palavras não paravam de ecoar na sua cabeça. Ele a amara...

— Mas você nunca disse nada.

E ele a encarou com um olhar ao mesmo tempo descrente e de reprovação.

— Claro que não! Para começo de conversa, você ainda era menor de idade. E, por outro lado, como o seu irmão reagiria se soubesse que um cigano te desejava?

— Você... Você nunca sequer me beijou.

— Claro que não. Caso contrário, não seria capaz de parar. Eu me conheço, sei até onde posso me controlar... E você está fora do meu controle. Sabe Deus o que aconteceria caso eu tivesse colocado minhas mãos sujas em cima de você,

Ele ergueu as mãos, como se quisesse demonstrar que passara grande parte da vida fazendo trabalhos pesados.

— Não, por favor. Não...

Ela agarrou suas mãos, segurando-as firme.

— Por favor, não... — ela repetiu, agora em tom mais suave.

E no fundo do seu coração, Kat sabia que as suas palavras não eram a resposta ideal ao que ele acabara de dizer. No entanto, era o que precisava dizer.

— Isso é tudo? — ela perguntou.

— É o suficiente, certo?

— Não, não é o suficiente... Eu preciso ouvir tudo o que você tem a dizer. Preciso conhecer a verdade. Por favor, Heath, vamos dizer toda a verdade que há entre nós dois. Este é o momento ideal para fazer isso.

— O que você quer que eu diga?

— Foi minha culpa, certo? Foi porque eu mudei? Pelo tempo que passei com Arthur... aqui na Grange? Pelas coisas que queria para a minha vida?

Ele pousou os olhos nas mãos de Kat, que agarravam as suas, e ela notou que novas barreiras eram construídas entre eles dois.

— Você começou a fazer de tudo para que eu não me aproximasse.

— E eu não entendia por que você continuava morando aqui... depois de tudo o que Joe tinha feito. E, em seguida, veio Arthur...

A reação de Heath a deixou assustada. Era como se ele estivesse em outro planeta ou talvez acuado ao notar que ela o instigava daquela forma...

— Por quê... por que você não foi embora?

O olhar oblíquo de Heath deixou claro que a sua pergunta não precisava de resposta. Mas ela queria escutar alguma coisa. Qualquer coisa. Sua mente parecia partida em duas.

— Heath... Por favor.

Ele ficou parado no centro da sala, encarando-a.

— Eu fiquei aqui por você.

— Por mim...

Ela suspirou ao dizer essas palavras. O seu coração parecia dançar ao pensar no que ele acabara de dizer. Quer dizer que Heath agüentou o péssimo tratamento de Joe e os insultos de Arthur para ficar perto dela?

— Eu imaginava que você era muito jovem e inocente para perceber o que o seu irmão queria.

Ele estaria sugerindo o que Kat imaginava? A sua expressão a deixava assustada.

— High Farm precisava de dinheiro. Charlton tinha muito dinheiro... Ou pelo menos parecia ter. Um casamento entre vocês dois seria o ideal. E Charlton não se opunha à idéia.

— Eles planejaram tudo isso? Naquela época...? Novas peças do

quebra-cabeça eram recuperadas.

Peças que davam um novo matiz a toda a história, que a faziam enxergar que nada era exatamente como ela pensava.

Joe encorajara suas visitas à Grange. E durante todo aquele tempo, Heath parecia cada vez mais distante dela.

Mas será que ela também não se afastara de Heath?

Ao mesmo tempo, seu irmão parecia cada vez mais vingativo frente a Heath, fazendo-o trabalhar em condições desumanas, mantendo-o fora de casa. Sendo honesta, ela algumas vezes preferia isso a ter de agüentar sua cara feia quando voltava para casa tarde da noite.

Quantas vezes ela se perguntou por que Heath não mandava seu irmão ao inferno e sumia dali?

Ela fora uma boba e uma cega ao não enxergar o que ele estava fazendo. Não foi capaz de ler seu caráter complexo. E fora atraída pelas intenções aparentemente charmosas de Arthur. No fim das contas, o seu erro lhe custou muita dor.

— Quanto a Arthur...

Ela devia uma explicação a Heath, tinha de contar-lhe a verdade, mesmo morta de vergonha.

— Eu imaginava que o conhecia, mas no fim das contas, notei que não era o homem que idealizei. Assim como Joe, estava sempre envolvido em jogos, sempre perdendo dinheiro... Quando ele morreu, o número de credores que apareceu por aqui foi enlouquecedor. Parecia que todo mundo queria alguma coisa. E pediam mais dinheiro do que eu jamais imaginei que alguém poderia gastar durante uma vida inteira.

Heath não parecia surpreso, nem mesmo chocado. E a sua reação foi um alívio para Kat.

— Mas não parou por aí. Depois vieram as drogas. Eu era tão inocente... Não enxerguei nada disso. Ele estava completamente viciado em heroína... E gastou muito dinheiro em boates onde podia nutrir os seus hábitos, beber até cair...

As palavras começavam a escapar, mas a verdade é que nunca fora capaz de confessar essas coisas a ninguém, e o silêncio de Heath era um ótimo encorajador.

— Por que você se casou com ele? — perguntou Heath sem qualquer pitada de recriminação.

— Cometi o maior erro da minha vida.

Ao terminar de dizer essas palavras, ela notou a grandeza do erro que cometera ao escolher Arthur e não Heath.

— Eu... imaginava que Arthur, com o seu sorriso sempre aberto, sua risada solta, fosse realmente o homem charmoso que parecia ser. E imaginei também que a minha vida na Grange seria um sonho. Porém, assim que cheguei aqui, o meu primeiro impulso foi ligar para você, pois me senti perdida

e com medo. Os Charlton logo fizeram com que eu me sentisse mais tranqüila. Mas eu deveria ter seguido os meus instintos. Porém... naquela noite do cachorro... você não me abandonou aqui, certo?

Ela nem precisava que ele confirmasse com a cabeça, mas Heath respondeu:

— Eles me chutaram daqui.

— Estavam tentando nos separar. E eu ajudei.

— Você nem precisava fazer nada.

— Fui muito orgulhosa. Muito estúpida. Você disse que eu não deveria entrar e...

Seguindo seu impulso, ela curvou o corpo e tocou o braço de Heath com força. De repente, ele parecia a única coisa que restava no mundo.

Naquela época, engolira a versão de Joe e Arthur para os fatos e perdera o melhor amigo que teve em toda a sua vida.

— Heath, eu sinto muito. Sinto muito mesmo. Gostaria de poder voltar atrás e consertar tudo.

— Não podemos alterar o que passou — ele disse. — Mas poderíamos parar de repeti-lo. Poderíamos interromper tudo isso e recomeçar.

— E você acha que poderíamos? Que poderíamos recomeçar?

Ela não se importava com o tom da sua voz, já não ligava de estar demonstrando a Heath tudo o que sentia.

— Poderíamos tentar.

A mão pousada no seu braço não foi suficiente. Ela queria estar mais perto, queria tocá-lo, agarrá-lo...

Queria beijá-lo. Mas um beijo seria a forma de selar esse pacto? No mínimo, poderia ser uma promessa de reconstruir a confiança que um dia tiveram.

— Eu adoraria...

Ela ficou na ponta do pés, aproximando-se para beijar a bochecha de Heath. Não arriscaria beijá-lo na boca. Tinha medo da sua rejeição...

Amor. Era isso o que ela queria.

Heath era o homem que ela *amava*.

— Kat...

O som da sua voz fez com que a pulsação de Kat voltasse a acelerar. Algo se transformara tão profunda e fundamentalmente que ela notou que não poderia retroceder.

— Eu adoraria — ela repetiu, já que não ousaria dizer as palavras que tinha na ponta da língua.

Ela curvou o corpo para beijá-lo novamente, mas, desta vez, ele murmurou algo em português. Algo que não tinha nada a ver com os sons familiares de Yorkshire, e Kat girou o rosto e suas bocas se encontraram. A

partir daí, nada voltou a ser o mesmo. Era como se nunca tivesse sido beijada na vida... Pelo menos, não daquela maneira.

A sensação era a de ter várias abelhas invadindo a sua mente, loucas, deixando-a perdida e sem reação. Ela abriu a boca, convidando-o a invadi-la, e curvou o corpo contra o dele, perdendo totalmente o controle. A única coisa que enxergava era Heath: o seu cheiro, o seu corpo. Ele estava em todos os lados, envolvendo-a, apoiando-a, desejando-a.

— Minha querida...

Heath começou a falar em português, beijando-a entre cada palavra que deixava escapar.

Ela não saberia dizer se por conta do impacto dos beijos ou da pressão do corpo de Heath contra o seu, mas a verdade é que começaram a caminhar juntos, trôpegos, até se encostarem contra uma parede, quando ela notou a evidência da excitação de Heath contra o seu ventre.

O roupão branco que ela vestira rapidamente antes de atender a porta se abriu, revelando a camisola azul de algodão que usava por baixo. Os lábios de Heath, quentes e desejosos, deixaram os seus e passaram a beijar o seu queixo, sua garganta, seu pescoço, sua nuca, chegando à linha dos seus seios.

— Ah, Heath...

Ela dizia o seu nome com um suspiro, apoiada unicamente na parede às suas costas. Os seus seios estavam excitados, pesados, seus mamilos roçavam contra o algodão da camisola. Heath deixou escapar um gemido que ecoou pela sala, depois aproximou sua boca do seio de Kat, deixando-a louca.

— Heath...

Ela queria tocá-lo, sentir sua pele, aproximar-se um pouco mais. Na luta para se livrar dos seus braços, o roupão escapou completamente do seu corpo, caindo aos seus pés, mas ela nem ligou. Kat abria os botões da camisa de Heath com tanta fúria que um deles saiu voando pela sala, desaparecendo, e ficou sem fôlego enquanto acariciava a sua pele quente e os seus músculos rígidos, passando as mãos pelo seu cabelo.

Heath murmurou alguma coisa, algo que ela mal pôde ouvir.

— Eu te amo...

Ela mal reconhecia aquela voz dura e sem fôlego, que deixava escapar palavras presas há anos em sua garganta.

— Eu te quero...

Os joelhos de Kat tremiam, ela parecia a ponto de cair no chão. Porém, com um golpe firme, conseguiu fazer com que Heath se aproximasse ainda mais do seu corpo. Sua camisola estava na altura da cintura, expondo suas coxas e os pelos entre as suas pernas. Contra a sua pele exposta, o peso de Heath era uma promessa maravilhosa do que ela tanto desejava.

— Foi uma noite terrível, mas...

Ela tentava passar o braço ao redor do pescoço de Heath, tentava beijá-

lo mais uma vez, mas notou que algo mudara, já não se parecia ao calor que experimentara poucos segundos antes. Um ar frio tomou conta do espaço entre eles dois, fazendo-a tremer. E ele se afastou.

— Heath? — Ela teve de lutar para abrir os olhos, sua visão estava embaçada. — O que aconteceu?

— Não! — ele gritou veemente. — Não! Isso não!

Caso ele tivesse batido com força no seu rosto não teria doído tanto nem Kat teria ficado tão desorientada. Não encontrava as palavras, não conseguia pensar. Sentiu que deveria fugir dali, mas não tinha forças para isso. Se não fosse pela parede às suas costas, teria caído no chão. — O que foi... Heath...? — era tudo o que ela conseguia murmurar.

— Já disse que não — ele repetiu frio, decidido. — Isso não vai acontecer hoje. Esta noite não. Não desta maneira.

— Mas...

Não desta maneira... Não desta maneira... As palavras de Heath ecoavam em sua cabeça. *Não desta maneira...* Ela não sabia se ele, assim como Arthur, estaria se afastando dela, rejeitando-a como mulher... Mas ele a desejava. E isso nunca acontecera com Arthur. Heath se, demonstrara ardente e apaixonado. *Ele* instigara tudo aquilo. Mas algo que ela dissera ou fizera...

— Eu já disse que não.

O que acontecera? O que dera errado? Ele parecia tão envolvido... e de repente... tudo se evaporava, como se a paixão louca que havia entre os dois nunca tivesse existido.

Ou será que ela entendera tudo errado desde ó princípio? Encare a realidade, ela disse a si mesma, você não tem muita experiência no assunto. Ela se casara com um homem que não sabia como excitar uma mulher e que nem estava interessado nisso.

Talvez estivesse faltando alguma coisa. Talvez Heath não estivesse tão interessado nela, não estivesse tão envolvido, não a desejasse tanto quanto a desejara anos atrás... Mas, naquela época, ela era uma menina inocente e não entendia nada. Quando passou a entender, começou a sentir medo, pânico, um frio na barriga, pois talvez fosse tarde demais.

Durante todo aquele tempo ele a desejava... E ela nem notara. E quando resolveu se entregar, tudo indicava que eleja não sentia o mesmo.

E o pior, o que mais doía era ter a certeza de que o amava. Pela primeira vez na vida, Kat amava alguém, amava profundamente, como se as suas almas estivessem unidas, e era forçada a admitir que *sempre* o amou. Mesmo quando imaginava que Heath não seria o homem ideal para ela, mesmo quando esteve cega, ouvindo as mentiras de Arthur e de sua família.

Por isso, o desaparecimento repentino de Heath doera tanto.

Mas ele fora embora para preservar a dignidade de Kat. Heath sabia que os seus sentimentos eram fortes demais para a menina que ela era. Ele a protegera frente ao irmão e também a protegera quando decidiu ir embora.

Joe... Ah, Joe...

A lembrança era dura, devastadora. Por conta do seu irmão, tudo aquilo começara. E fora o seu irmão o responsável por aproximá-la de Heath novamente. Ela pousou uma das mãos sobre a boca. Joe tinha os seus pecados, e eram muitos, muito mais do que ela jamais imaginara. No entanto, era seu irmão...

Não desta maneira...

Algo que ela dissera ou fizera.

Sua mente ficara mais calma, sua agonia amainara e tudo o que podia ouvir era a si mesma dizendo: *Foi uma noite terrível, mas isso...*

Isso o quê? Seria possível que, mesmo naquele momento, Heath a estivesse protegendo, defendendo-a de si mesma? Ele sabia o que aquela noite lhe roubara, deixando-a vulnerável... E não tiraria vantagem da situação. Mesmo querendo muito.

Não daquela maneira...

Porém, se não fosse naquele momento, quando aconteceria?

Ela não ousou perguntar. Não arriscaria ter de ouvir um *nunca*. E não discutiria com Heath.

— Voltarei mais tarde, caso queira que eu converse com Harry — disse Heath, pegando seu paletó e vestindo-o. — Tudo o que eu puder fazer para ajudar...

— Obrigada.

Sentindo-se terrivelmente vulnerável e exposta, Kat disse: — Heath...

Algo na forma como ele a olhou fez com que Kat se curvasse para pegar o roupão caído no chão, querendo se cobrir. Mas notou que suas mãos tremiam e que não conseguiria vesti-lo.

Apertou o roupão contra a camisola ainda úmida da boca de Heath. E isso a fez tremer, esquecendo-se, por um segundo, do que estava a ponto de dizer.

— O que foi? — ele perguntou, notando que ela hesitava. — O que você quer?

— O que eu quero? Ah, eu... eu... eu só queria perguntar... Você voltará para o funeral...? Por favor...

O que ela fizera? Como conseguira que o rosto de Heath, de repente, ficasse tão perto do seu?

Claro, ela pensou consigo mesma: idiota! Sua idiota! Ela pedira o impossível, fora guiada por sua mente enevoada. Por que ele iria ao funeral do homem que mais odiava no mundo?

Sinto muito, ela pensou. No entanto, ao abrir a boca para se desculpar, Heath fez que sim, solene e abruptamente.

— Sim — ele disse. — Se é isso o que você quer, eu estarei por lá.

CAPITULO NOVE

A porta se fechara após a saída da última pessoa que fora prestar suas condolências na Grange, e na cozinha, Heath e Kat suspiravam e se espreguiçavam, murmurando *um finalmente!* quando ela comprovou que a casa estava vazia.

— Já foi todo mundo embora? — ele perguntou.

— Sim, todo mundo — ela respondeu. — Graças a Deus! Sei que as pessoas só querem ser gentis, expressar a sua dor, mas já se passaram quase duas semanas e eles não param de vir.

— Estão preocupadas com você.

— Eu sei... E sou grata por isso. Mas estou cansada, e conversar com as pessoas não ajuda em nada. Você não deveria estar preocupado com isso.

— Com o quê? Não deveria lavar a louça? — ele perguntou. — Ligar o lava-louça? Não vou morrer de cansaço por isso.

— Eu sei, mas eu não esperava que...

— Sei como organizar uma casa. Lembre-se: eu era o responsável pela limpeza dos pratos...

— É verdade. — ela concordou, abrindo um sorriso em seu rosto cansado. — Mas não aqui. Lá em High Farm talvez sim... E sempre discutíamos sobre quem deveria lavar e quem deveria secar, lembra?

— Você sempre insistia que eu deveria lavar, pois as minhas unhas estavam sujas do trabalho com os cavalos no estábulo.

— Você passava todo o tempo que podia no estábulo — disse Kat, balançando a cabeça lentamente. — Mas agora High Farm não tem cavalos... Há muito tempo não tem cavalos por lá. Você ainda cavalga? Tem cavalos no Brasil?

— Alguns.

Heath fechou a porta do lava-louça com força e ligou a máquina. Por um momento, o barulho da água foi o único som naquela cozinha. Ele pensava na sua propriedade brasileira, nos lindos campos atrás da casa, nos cavalos de puro sangue, mas que nunca significaram tanto para ele quanto os pangarés que o senhor Nicholls deixava que cuidasse em High Farm. A sua propriedade brasileira era um sonho, mas ele nunca a chamara verdadeiramente de lar.

De uma maneira estranha, a própria Grange se mostrava um local agradável, pois lhe proporcionava algo que há anos não existia em sua vida: o seu passado.

— Você está cansada — ele disse, afastando uma cadeira e fazendo um gesto para que Kat se sentasse. — Sente-se que vou preparar algo para beber.

— Chega de chá! — ela disse sorrindo. — Acho que estou lavada de tanto chá.

Mas o sorriso fraco desapareceu rapidamente, e tudo o que havia nos seus olhos eram lágrimas.

— Você conseguiu... E de forma brilhante.

— Alguém precisava fazer isso.

Ela se aproximou da mesa, mas ignorou a cadeira que ele lhe oferecera. Aproximou-se de Heath, olhando-o nos olhos. E os olhos de Kat estampavam o seu cansaço, já que não dormia bem há duas semanas, desde o acidente de Joe.

— Mas você me ajudou muito. Adoraria que aceitasse o meu convite e ficasse aqui e não em High Farm.

— E o que os vizinhos diriam?

Ele tentou manter o tom suave na voz, mas com Kat tão próxima, sua libido subia vertiginosamente. Uma libido que fazia com que o desconforto de High Farm fosse muito mais apelativo que o convite para dormir ali.

Se ela soubesse como seria um suplício dormir na sua casa, podendo vê-la, sabendo que estava no chuveiro ou, pior, na cama... Na cama que um dia dividira com o marido. Na verdade, já era bem complicado dormir há quilômetros de distância. Quando perdia o sono, imediatamente pensava nela. E quando finalmente conseguia dormir, lá estava ela nos seus sonhos. Eram sonhos tentadores, eróticos, que o deixavam excitado, acordando banhado em suor e com o coração a mil.

Aquilo era uma terrível e dura ironia, mas ele jurara a si mesmo que esperaria por ela, que esperaria até que ela quisesse fazer amor com ele. Porém, no momento em que ela disse que sim, ele teve de negar, afastar-se. Pois como saber se Kat estaria completamente consciente naquela noite tão dura?

Ele lhe dera a notícia da morte do irmão, e ela se apoiara nele num momento de terrível perda e desespero. Como confiar nessa situação? Poderia estar tirando vantagem do momento. E se ela se arrependesse no dia seguinte? Heath já sofrera tal rejeição antes e fora terrível. Não queria reviver a experiência.

No entanto, a verdade é que manter a distância foi muito complicado.

— Na verdade, acho que eu não ligo — disse Kat, subindo o tom da voz pela primeira vez em muito tempo. — E a verdade é que...

Heath parecia entender por que ela ficara sem palavras, sem terminar a frase. Kat cravou os dentes brancos no lábio inferior e olhou ao seu redor, parecia observar toda a casa, o jardim, como se buscasse por ali suas palavras perdidas.

— Eles podem pensar o que quiserem — ela terminou a frase. — Não deveriam se meter nisso.

Heath olhou para o seu relógio. Planejava esperar até que tudo estivesse completamente resolvido, mas talvez fosse melhor não adiar e, sim

conversar, tomar um drinque...

— Já que você não quer tomar um chá, que tal uma taça de vinho?

— Eu adoraria.

Ela pegou duas taças e colocou em cima da mesa, sentando-se enquanto Heath abria uma garrafa.

— Harry telefonou?

O menino estava na casa de um colega da escola e dormiria alguns dias por lá. Assim poderia se distrair um pouco de todo aquele drama.

Kat fez que sim.

— Ele disse que vai ver um filme com Mark no DVD. Um filme de suspense, que acha que eu não gostaria que visse, mas ele merece um desconto neste momento. E perguntou por você... Acho que Harry está criando um bom laço de amizade com você, que está se transformando numa espécie de herói para ele.

Heath não era o único herói na vida de Harry, pensou Kat. Nos últimos dias, o sobrinho não saía da sua vida, e a verdade é que teria sido bem mais complicado agüentar tudo aquilo sem ele. Desde o início, com Harry em choque e sem falar com ninguém, Heath era o único que conseguia se aproximar do menino. Talvez por saber exatamente o que significa sofrer um golpe tão forte naquela idade ou talvez por compartilhar o seu interesse pelos cavalos e futebol com Harry. A amizade dos dois foi muito importante para o menino. Heath também lidou com a histeria de Isobel no momento em que ela chegou em casa e recebeu a notícia, vendo os preparativos do funeral.

O funeral... Kat buscou a garrafa de vinho mais próxima e tomou um gole, sendo invadida pelas lembranças. Como poderia ter encarado tudo aquilo sem a ajuda de Heath? As últimas semanas foram como os tempos antigos em High Farm, quando vivia com toda a paz e segurança oferecida por Heath. Mas ele logo voltaria à sua vida, que construíra em outro continente, bem longe dali. Kat já lidara com isso antes, mas não passava de uma criança que perdia um amigo. Dessa vez, perderia o seu amor.

Heath pegou uma cadeira e se sentou à sua frente na mesa. Vestindo jeans e camiseta de manga comprida, ele estava lindo. A barba sem aparar e a esmeralda em sua orelha emprestavam-lhe um ar interessantíssimo, um ar que esteve escondido sob a camada de sobriedade no funeral ou sob a camada de alegria ao lado de Harry.

Restavam poucas marcas da última agressão de Joe ao rosto de Heath, mais uma vez usando força e violência. Kat ficou assustadíssima com o estado em que o irmão deixara High Farm. E por isso, convidou Heath a dormir na Grange.

— Não gosto nada da idéia de você voltar à High Farm — ela disse, lembrando-se de tudo aquilo.

— Não está tão ruim quanto antes — ele disse, procurando os olhos de Kat. — Contratei alguns homens para consertar o que era mais urgente. E o trabalho vai bem.

A sua desculpa era educada, mas não deixava de ser uma rejeição. No entanto, o que ela esperava? Que ele mudasse de idéia da noite para o dia?

— Vai ser ótimo ver tudo aquilo reformado e restaurado. Quanto tempo você acha que vai demorar até que tudo esteja pronto?

— Algumas semanas... Um mês talvez.

— E o que pretende fazer quando tudo estiver pronto?

— Tenho alguns planos.

Planos que não pretendia dividir com ela, como deixou claro pelo tom de sua voz. E Kat tomou outro bom gole de vinho para se livrar do gosto ruim de ver cada tentativa que fazia de se aproximar recusada por Heath.

Em poucas semanas, ele provavelmente terá ido embora, voltando à vida que construíra bem longe dali. Tinha coisas a resolver, como ele mesmo dissera, e o tempo estava passando.

Logo ela estaria sozinha novamente e teria de encarar o futuro. Porém ela não tinha a menor idéia sobre que tipo de futuro que lhe esperava. A única coisa certa é que não restaria nada da sua antiga vida.

A única notícia positiva era que a empresa que tomara conta da Grange, ou melhor, a empresa que era a *nova dona* da Grange, dera um passo atrás, deixando-a com um pouco de margem. Inesperadamente, eles enviaram um recado ao seu advogado oferecendo algumas semanas extras de prazo para que ela resolvesse sua vida pessoal após a morte do marido. Kat não esperava tamanha generosidade, mas o prazo não era eterno. A casa não lhe pertencia. Ela teria de arrumar suas coisas e ir embora.

O pior de tudo é que aquela era a única casa de Harry, que também seria colocado na rua.

Talvez Heath pudesse ajudar. Não financeiramente, claro. Ela nunca pediria isso, mas talvez pudesse oferecer algum conselho, sugerir uma forma de seguir em frente. Ela abriu a boca para perguntar, mas as lembranças tomaram conta da sua mente. Não sabia o que se passava na cabeça de Heath naqueles dias, sabia apenas que havia algo de paz entre eles. Não queria arriscar reabrir as feridas ou, pior, fazer com que ele fosse embora mais uma vez.

Pensando em como se sentiria caso isso acontecesse, ela entrou em pânico, e a sua mão começou a tremer ao levar o copo à boca, derramando um pouco do vinho, que caía em direção ao seu queixo.

— Cuidado...

Rapidamente, Heath curvou o corpo até encostar alguns dedos na sua boca, detendo o líquido que derramava antes que caísse na sua blusa branca.

— Obrigada...

Ela tentou dizer algo mais, mas sua voz falhou, e as palavras ficaram presas na garganta. No entanto, aquele toque foi suficiente para que ela voltasse a sentir o calor e o gosto salgado da pele de Heath misturados ao intenso sabor do vinho.

Após provar tudo isso, não havia retorno. Sentiu uma alegria enorme no peito e deixou a língua escapar mais uma vez da boca, provando o rastro daquela tentação.

Ouviu a respiração entrecortada de Heath, que ficou paralisado. Um nó se formou na sua garganta. Ela queria dizer alguma coisa, dizer o nome dele, mas a sua voz falhou mais uma vez. Ele mantinha os dedos pressionados contra a sua pele, a boca de Kat ficou seca, e os seus lábios voltaram a sentir o gosto de Heath.

— Kat...

A voz de Heath era rouca e áspera, e ela sabia que soaria exatamente igual caso conseguisse dizer qualquer coisa. De repente, lembrou-se de ter ouvido o mesmo tom anteriormente, mas a verdade é que era muito inocente para interpretá-lo.

— Eu vou te beijar. Mas se você não quiser que eu faça isso...

— Isso é tudo o que eu quero.

E para provar que dizia a verdade, ela curvou o corpo para a frente, com a boca entreaberta e os olhos fixos nele.

Seus hálitos se encontraram pouco antes dos seus lábios se tocarem, e para Kat, já havia tanta intimidade naquele momento que ela quase foi capaz de parar onde estavam. Queria continuar se deliciando com aquele instante, com o calor no seu rosto...

Porém, mesmo tendo fechado os olhos para apreciar melhor as sensações que experimentava, a boca de Heath tocou a sua, e o beijo que se seguiu despertou imediatamente um forte poder de sedução, deixando-a com vontade de muito mais...

O sabor de Heath era delicioso, mas ela queria mais...

Sentir a boca de Heath contra a sua era uma promessa de alegria, mas ela queria mais que uma promessa. Lembrou-se de como era sentir o peso do seu corpo contra o dela e ficou louca para experimentar tudo isso novamente.

Não saberia dizer quem fez o primeiro movimento. Sabia apenas que os dois se moveram e que, embora o tampo da mesa estivesse 'antes entre eles, surgiram, de repente, nos braços um do outro, com nada entre os seus corpos, exceto um louco desejo que os consumia.

A boca de Heath estava tão louca quanto a sua. A íntima dança das suas línguas alimentava a provocação, deixando suas respirações entrecortadas e seus corações a mil.

— Querida... Meu amor... — murmurou Heath, no momento em que afastou um pouco a boca, em busca de ar.

Porém aqueles poucos segundos afastados deixaram Kat louca de prazer, morrendo de vontade de mais, e ela passou os braços ao redor do pescoço de Heath, baixando sua cabeça e beijando-o desesperadamente.

Mais algumas batidas do coração, e os dois estavam completamente fora de si, tentando arrancar suas roupas, procurando todas as maneiras de se livrar das barreiras, em busca de uma ainda maior intimidade.

Heath a pressionava contra a mesa e a cintura de Kat arqueava contra o tampo de madeira. Suas costas estavam praticamente deitadas ali, e ela deixou escapar um breve sorriso ao notar que suas pernas deslizavam pelo chão de lajotas.

Uma das mãos de Heath estava posta entre o seu cabelo, soltando o rabo de cavalo para que pudesse acariciá-lo completamente, perdendo-se entre os seus fios. O beijo que lhe dava a tomara completamente, e Kat deixou que ele a explorasse com a língua. Ao mesmo tempo, os dedos da outra mão de Heath encontraram os botões de sua blusa, abrindo-os nervosamente, sem se preocupar com a possibilidade de rasgar o fino tecido. Kat também não ligava e sorria, encorajando-o. Porém, no momento em que a mão de Heath tocou a sua pele, Kat ficou paralisada. Em pouco tempo, Heath tocava os seus seios, e ela se deixou levar pelas sensações, com as pernas trêmulas.

Naquela situação, ela não conseguiria se manter de pé sozinha. O calor entre as suas pernas parecia roubar toda a força que lhe restava, e a sua estabilidade dependia completamente do apoio de Heath.

— Como vai ser? — ela murmurou no ouvido de Heath, passando a língua nos contornos da sua orelha, pressionando os dentes contra o brinco de esmeralda e fazendo com que ele soltasse um gemido. — Onde?

Afinal de contas, já não havia dúvida sobre o que fariam em seguida. Ela morreria caso não fizessem amor, caso ele parasse tudo de repente.

Mas Heath não tinha intenção de parar. O que fez foi olhar bem fundo nos seus olhos e beijá-la com força, antes de tomá-la nos braços e girar o corpo em direção à porta.

— Lá em cima — ele murmurou, com a voz rouca, os olhos intensos e subindo as escadas rapidamente.

Já estavam no meio do caminho quando ele olhou para Kat e notou uma expressão nova no seu rosto, uma vulnerabilidade misturada com determinação.

— Vamos para o *seu* quarto — ele disse. — Não... Nem precisou terminar a frase, pois ela entendera imediatamente o que ele queria dizer. O *quarto dela*. A *cama dela*. Não a cama que costumava dividir com o marido.

— No *meu* quarto — ela disse, pois também não queria que a sua primeira vez com Heath acontecesse na cama onde dormia com Arthur.

As palavras ecoavam na sua cabeça como explosões, e os beijos e carícias de Heath faziam com que se esquecesse de tudo. O pior é que havia algo que ela precisava contar, algo que poderia alterar tudo, embora ela rezasse para que isso não acontecesse.

Quando Heath, com um chute, abriu a porta do quarto para onde ela se mudara após a morte do marido, deixando-a na cama, Kat se aproximou e tomou o seu rosto entre as mãos.

— Heath — ela disse, em tom suave, mas decidido. — Tenho algo a dizer, algo que você precisa saber.

— Kat...

Ele tentou protestar, mas ficou parado, tenso, tentando bravamente se controlar. Ela sabia como Heath se sentia, pois o mesmo calor a invadia, complicando a situação. Mas ela precisava dizer....

— Eu sei... mas... Heath... A cama, a minha cama... Ela tropeçava nas palavras, cheia de nós na garganta, e a sua língua parecia presa ao fundo da boca. Respirando fundo, tomou coragem e disse rapidamente:

— Não se preocupe com Arthur, eu não sinto falta dele. Nós nunca... nesta cama nem em qualquer outra. Ah... O que estou querendo dizer é que nunca fiz isso.

— Você...

Por um momento, a expressão de Heath era como se ele tivesse acabado de receber um tapa na cara. O seu corpo poderoso ficou paralisado, sua testa, franzida.

— Você nunca...

— Nunca — ela confirmou, murmurando: — *Nunca*.

Ele permanecia parado, em silêncio.

— Acho que eu exagerei falando sobre isso agora...

— Claro que não, querida. Na verdade, você está me dando um presente.

Curvando novamente a cabeça, ele a beijou, fazendo com que toda a dúvida, a hesitação e o medo fossem afastados.

— Você é minha — ele murmurou. — Só minha. Como deveria ser.

As mãos de Heath se moviam pelo corpo de Kat, acariciando-a, tentando-a, como se o passado nunca tivesse existido e os dois vivessem perdidos num mundo secreto e sensual onde ninguém mais pudesse entrar.

— Não tenha medo. Vou te mostrar como fazer.

O medo era a última coisa que ela deixaria entrar em sua mente. Estava tomada pelo desejo, numa espiral de sensualidade que a consumia, atingindo pontos que ela nem sabia existir. Era como se estivesse se abrindo para ele, florescendo com as suas carícias.

Atiraram suas roupas para todos os lados e se deitaram no chão, impacientes, e uma sensibilidade extra nasceu daquele roçar de peles, até o momento em que Kat pensou que fosse desmanchar, dissolver-se completamente com o calor de Heath. Ele a acariciava e beijava sem parar. E ela não acreditava que todas aquelas sensações fossem reais, não imaginava que um homem fosse capaz de proporcionar tudo aquilo.

Mas ele não era qualquer homem... Era Heath.

— Vem...

Ela pousou as mãos nos ombros musculosos de Heath, aproximando-o do seu corpo e arqueando-se na sua direção, mordendo mais uma vez a sua orelha e sentindo um jorro de prazer masculino ao notar que ele respondia ao seu chamado.

— Vem agora... Eu quero você.

— Mas... Kat...

Por um momento, os olhos escuros de Heath encontraram os dela, como se cravassem sua alma, revelando seus segredos mais escondidos.

Exatamente como ela queria. Pela primeira vez na vida, Kat sentia que podia ser ela mesma.

— Eu sou toda sua. Como você mesmo disse... Sou sua — disse Kat fechando os olhos. E Heath engoliu em seco.

— Você é minha — ele disse profundamente. — E vou te mostrar...

O restante das suas palavras se perdeu nos gritos descontrolados de Kat, gritos de prazer, pois Heath resolvera explorar todo o seu corpo. Quando finalmente postou o seu corpo sobre o dela, abrindo as suas pernas, Kat já estava completamente entregue, louca por ele.

Mas ainda assim, no momento de maior desejo de Kat, ele hesitou por um segundo, olhou bem no rosto dela, passou os dedos em suas bochechas e cabelo espalhado pelo travesseiro e perguntou:

— Está pronta?

Incapaz de encontrar as palavras certas, Kat deixou que seu corpo falasse por ela, arqueando-se contra Heath, tomando-o para si. A dor repentina deixou-a sem ar e fez com que ele parasse por um momento, mas ela o agarrou com força, com medo de que fosse embora.

— Não vou a lugar nenhum — ele murmurou no seu ouvido. — Só quero que me diga...

— Agora... — ela disse, interrompendo-o. — Agora!

Sem razão para hesitar, Heath lhe proporcionou o que ela queria. Com um movimento lento e preciso, penetrou-a profundamente, fazendo com que ela atirasse a cabeça para trás e o abraçasse com as pernas, potencializando as sensações. O corpo de Kat se entregou ao desejo completamente.

Os movimentos eram selvagens e fortes, exatamente como a sua alma feminina precisava. Ela nascera para isso, vivia para isso, esperava por isso, pois queria se libertar.

No momento do êxtase, Kat foi enviada sem escalas a um mundo novo, deslumbrante. Um mundo onde sensações que, até então, eram apenas sonhos começaram a bombardear o seu corpo e a sua mente, lançando um jorro de prazer capaz de apagar tudo o que havia à sua volta.

CAPITULO DEZ

A manhã demorou a chegar após aquela noite tão sensual. Exaustos depois de horas fazendo amor apaixonadamente, Kat e Heath não se moveram até que o sol invadissem completamente o quarto.

Kat foi a primeira a acordar, bocejando e estirando o corpo, sentindo um pouco de dor em seus músculos desacostumados a tanta agitação e à umidade entre as pernas. Era um desconforto agradável, a evidência de um novo estágio em sua vida. Passara a ser uma mulher completa. Uma mulher com amante. Com um homem que significava tudo para ela. Um homem que ela adorava.

Deitada ao seu lado, com o cotovelo contra o travesseiro, olhou para o rosto lindo de Heath, vendo a forma como os seus cílios compridos tocavam a pele bronzeada logo acima das suas bochechas. Um pouco do bronzeado desaparecera naqueles dias passados na Inglaterra, mas a cicatriz abaixo do olho continuava bem visível.

Seus olhos se encheram de lágrimas ao se lembrar do que causara tal cicatriz, e ela passou um dos dedos sobre a marca com cuidado. Ele moveu os olhos lentamente, mas não despertou.

Curvando a cabeça, Kat beijou o local que pouco antes acariciara, desejando que o seu beijo acabasse com aquela pequena imperfeição. Mas ao mesmo tempo, sabia que não queria destruir a cicatriz, que era parte integrante de Heath, tanto quando o seu cabelo e a sua boca sensual. O que queria era apagar as lembranças do que causara tal cicatriz, do terrível ciúme que fez o seu irmão atingi-lo daquela forma.

Ao erguer novamente a cabeça, ouviu um suspiro e viu o cabelo escuro de Heath movendo-se contra o travesseiro.

— Kat... — ele disse suavemente, e ela pensou que nunca se cansaria de ouvir o seu nome vindo dos lábios de Heath.

— Sinto muito — ela murmurou. — Queria que isso nunca tivesse acontecido.

— Kat... — ele repetiu, dessa vez, com outra entonação. Ela ergueu os olhos e viu que Heath a observava com atenção.

— Minha querida... — ele disse, e algo no seu tom parecia atingir diretamente o coração de Kat. — Preciso te contar uma coisa...

Mas ele foi interrompido pelo som de um carro estacionando do lado de fora, depois de uma porta sendo batida e da campainha da casa sendo tocada com força.

— Quem será?

Perdida, Kat se levantou sem pensar duas vezes, aproximando-se da janela para olhar por trás das cortinas. Reconheceu o carro e o homem alto e de cabelo cinzento parado na porta da Grange.

— Katherine... Precisamos conversar...

Heath estava se levantando, mas algo em seu tom de voz soou desconfortável aos ouvidos de Kat. Ela não entendia por que Heath dissesse o

seu nome completo, mas naquele momento, seria melhor lidar com algo mais concreto.

— É Randolph, meu advogado. Não sei que o ele quer, mas deve ser importante.

Ela saía do quarto enquanto falava, terminando de vestir sua roupa íntima e um vestido.

— Kat...

O tom de Heath foi mais forte, mas ela não poderia se distrair. A campainha voltou a soar.

— Não posso deixar que ele fique me esperando. Preciso vê-lo...

E saiu batendo a porta do quarto. Heath voltou a se deitar entre os lençóis, xingando. Depois se levantou, procurando suas roupas caídas pelo chão.

Sem ter nada tão fácil para vestir quanto a roupa de Kat, ele demorou um pouco para conseguir descer as escadas, ainda descalço e atando o cinto. Ela já levava o advogado à sala de estar. Por uma porta aberta, Heath notou que as luzes da cozinha continuavam acesas, embora fosse dia claro. Era uma evidência da distração deles dois na noite anterior.

— Tem certeza de que não quer tomar nada? — perguntava Kat, com voz surpreendentemente calma frente à rapidez com que teve de organizar os seus pensamentos.

— Não, obrigado. Estou bem.

Droga. Randolph poderia ter aceito o drinque... Assim ele ganharia tempo, alguns momentos para ouvir o que Jordan Randolph queria dizer e também o que ela responderia. Naquela situação, caso quisesse entender alguma coisa, teria de confiar nas expressões faciais e nos sinais.

Resolveu entrar na sala.

— Ah. Bom dia, senhor Montanha. Eu não esperava vê-lo por aqui.

A expressão no rosto de Kat era de assombro.

— Senhor Montanha? Vocês se conhecem?

— Não, nós não nos conhecemos.

A resposta de Randolph chegou na hora certa, atraindo a atenção de Kat. Mas ela franziu ainda mais a testa. Heath se lembrou imediatamente da sua imagem na cama, no andar de cima, sobre o seu corpo, de pernas abertas, oferecendo-se a ele. E a verdade é que aquela mulher à sua frente parecia uma cópia pálida da Kat de minutos antes.

— Eu o chamei para uma reunião aqui — disse Heath. — Mas... — E lançou um olhar de desaprovação ao advogado. — Eu disse às dez e meia.

— Já passa das dez e meia — respondeu Kat, com um tom de voz assustado, apontando para o antigo relógio num canto da sala. — Nós estamos atrasados.

E ele sabia por quê. Sombras de arrependimento tingiam a voz de Kat.

O prazer que compartilhavam se evaporara completamente, desaparecendo sob o carpete. Algo parecido a um gancho cruel e frio revirava as entranhas de Heath.

— Tudo bem.

Jordan Randolph entendeu o que acontecia e tentou aliviar a tensão.

— Tenho toda a manhã livre, não se preocupem. Não hesitaria em dar toda a minha atenção a algo tão importante.

— Claro.

— Algo tão importante? Como assim?

A pergunta de Kat deixou claro que ela ficava mais curiosa a cada minuto.

— Não é... — ele começou a falar, mas ela o interrompeu.

— Eu não quero saber o que *não* é. Quero saber o que *é* — disse Kat, lutando para desatar os nós que se formavam na sua garganta.

Após o êxtase noturno, ela estava sendo arrastada a um pesadelo, e o Heath apaixonado se transformava em outra coisa, mim homem com o rosto entalhado em pedra e cujos olhos a examinavam sem perdão.

— Só quero saber o que o meu... ou melhor, o que o advogado de Arthur está fazendo aqui... Eu não pedi que ele viesse à Grange. Outra coisa que gostaria que me explicasse é como ele sabe que você se chama senhor Montanha... se o único assunto entre nós é a entrega da Grange à Itabira Corporation. E... Meu Deus!

Enquanto ela dizia aquelas palavras, foi tomada por uma lembrança repentina, lembrou-se de Heath dizendo: *Uma mina de esmeralda... A Itabira...* Querendo uma nova confirmação, bastava notar o rosto trincado de Heath.

De repente, ela tremia ao olhar para o homem sentado no sofá.

— Senhor Randolph... Conte-me a verdade.

— Não... — interrompeu Heath, num tom extremamente frio. — Isso deve ser resolvido entre nós dois, Kat. E já disse que precisamos conversar.

Ele foi até a porta, que abriu.

— Randolph, acho que você perdeu a viagem. Caso não se importe, posso ficar com os papéis, e ligarei quando precisar novamente da sua ajuda.

— Não será necessária qualquer conversa... — disse Kat, partindo para cima de Heath quando o advogado saiu da casa. — Não mesmo... Sou eu quem vai falar, e você vai escutar. Já entendi o que está acontecendo.

— Então você já entendeu? — perguntou Heath, deixando os papéis que Randolph havia trazido na mesa e olhando para ela.

Como ele poderia ser tão frio, tão distante, após a noite que passaram juntos? Como poderia ficar ali, de pé, tão calmo, com as mãos nos bolsos, quando, para ela, era como se o seu corpo estivesse se estilhaçando?

Na sua mente, os últimos meses eram repassados com um roteiro bem diferente. E o pior é que o novo foco era o real.

— Sim, eu sei, e vou te contar.

Ela quase fraquejou ao notar que ele não respondia, mas simplesmente fazia que sim com a cabeça. Arrancando sua força de algum lugar, Kat olhou para Heath e ergueu as mãos.

— Em primeiro lugar, você sempre odiou Joe... e Arthur... O que não é nenhuma surpresa, pois eles te trataram muito mal. Em segundo lugar, quando foi embora daqui, você fez uma promessa de que voltaria para se vingar. E, em terceiro lugar, você voltou com assuntos a resolver, o que deixou bem claro no dia em que chegou por aqui.

Ele estaria a ponto de dizer alguma coisa? Parecia que sim ou pelo menos acontecera alguma mudança na sua expressão... Porém, quando ela fez uma pausa, ele não disse nada. Ficou parado, observando-a, esperando que seguisse em frente.

— Em quarto lugar, você já tomou posse de High Farm e de tudo o que pertencia a Joe. Em quinto lugar, embora eu não tenha percebido, você está vindo para cima de mim.

Dessa vez, ele reagiu, definitivamente, erguendo a cabeça com força. E Kat notou uma chama nos seus olhos... Uma chama de rejeição, talvez? Porém Heath seguia mudo. Deixaria que ela falasse tudo o que queria.

— A Itabira Corporation... a *sua* empresa... está exigindo o pagamento das dívidas de Arthur. Dívidas incrivelmente altas. E a empresa ficará com a casa e com toda a propriedade como pagamento. Eu estive negociando com eles, e Randolph me ajudou com os representantes da empresa... Quer dizer, com os *seus* representantes... E durante todo esse tempo, você sabia de tudo.

— Sim, eu sabia.

Após um bom tempo calado, a primeira resposta de Heath era fria e não deixava dúvida. Mas o que ela esperava? Que ele negasse? Que reinterpretasse a situação? E havia outra interpretação possível?

— Você não apenas sabia como planejou a situação, autorizou, colocou em ação.

— Sim.

— E passou todo esse tempo brincando comigo.

— Não.

O tom de Heath foi bem diferente dessa vez. Enfático, ele rejeitava a afirmação de Kat.

— Não?

— Eu nunca brinquei como você.

— Claro que não — ela disse jocosa. — Você sabia que a sua empresa... quer dizer, que você ficaria com tudo isto, com tudo o que era meu, mas não disse uma palavra. E não chama isso de *brincar*?

Naquele momento, Kat se lembrou que Heath nunca sugerira que Joe e Harry viessem morar com ela e Isobel na Grange... E não fizera isso porque já sabia que a Grange, assim como High Farm, lhe pertenciam.

— Você passou as últimas semanas tentando entrar na minha vida... ganhar a minha confiança... E durante todo esse tempo, instruiu os seus representantes para que conseguissem me arrancar todos os centavos possíveis, deixando-me sem nada. Eu fiquei nas suas mãos. E você permitiu que Harry ganhasse a sua afeição...

Ela não usaria a palavra amor falando do sobrinho. Já era complicado demais tentar manter a expressão longe dos seus pensamentos. Passara alguns dias imaginando que amava Heath. Por um tempo, alimentou a esperança de que houvesse uma chance de que ele a amasse. Quando a apoiou após a morte de Joe, quando esteve ao seu lado no funeral, ela se deixou levar...

E chegara a... Teve de engolir algumas lágrimas, fazendo muito esforço. Mas a verdade é que chegara a oferecer a sua virgindade a ele, imaginando que Heath quisesse algo mais que a pura possessão do seu corpo. Porém, naquele momento, ele parecia unicamente interessado em tomar posse do seu dinheiro, da sua casa, dela...

— Que dizer que você não estava brincando? Então como deveríamos chamar isso?

Heath passou as mãos pelo cabelo, deu uma olhada nos documentos sobre a mesa e reconsiderou o que estava passando pela sua cabeça.

— Você acha que essa confusão toda tem a ver apenas com dinheiro?

Ele partira para o ataque em vez de se defender. E, mesmo sem levantar a voz, Kat deu um passo para trás.

— Parece óbvio...

— Óbvio? Mas se está tão claro que eu só queria o seu dinheiro, por que não fui diretamente a ele? Por que não disse que você estava "nas minhas mãos"?

— Por quê... por quê...

Ela tropeçava nos seus pensamentos, buscando um motivo, mas não conseguia chegar a nenhuma conclusão. Heath poderia ter conseguido o que queria de forma muito mais fácil, isso era verdade.

— Por quê? — ela perguntou finalmente.

— Porque o dinheiro e as propriedades não importam. Eu tenho o suficiente. Mais do que poderia usar em toda a minha vida.

— Mas você disse que tinha coisas a resolver...

— Sim, isso é verdade. Mas eu queria resolver algumas coisas com Joe e com o seu marido. E isso não significa que pensava em ficar ainda mais rico. Tudo o que queria era mostrar a eles a posição que alcancei. E fazer com que sentissem o que eu senti... Sem casa, sem apoio, sem poder...

— E tirou tudo deles.

Heath deu de ombros, dizendo que sim.

— Não tirei nada, consegui tudo legalmente. Arthur destruiu a própria vida. Devia mais do que você pode imaginar. Estava envolvido em negócios

corruptos para arruinar as minhas empresas, mas acabou arruinando a si mesmo. Eu assumi as dívidas e fiquei com tudo o que lhe pertencia antes da sua morte.

— E por que voltou?

Heath se sentou no braço do sofá, apoiando o seu pé descalço no estofado. A mudança de posição indicava uma mudança de humor, mas Kat continuava perdida.

— Você sabe qual é a resposta...

— Sei...?

Lentamente, ele começou a encará-la, absorvendo-a.

— Já respondi antes...

Ela cavou sua memória até se lembrar: *Eu fiquei aqui por você.*

Eu fique aqui por você.

Ele a observava com ainda mais intensidade, notando a mudança de expressão em seu rosto. Algo a fazia querer cavar mais fundo...

— Se... naquela época... você ficou aqui por mim... o que mudou? Por que foi embora?

Era a pergunta certa a ser feita, o que ela notou pela expressão de Heath. De repente, ficou claro que havia muito mais fatores na sua decisão do que ter sido maltratado por Joe.

— Fui embora por você.

— Por mim...? Mas o que eu fiz?

Quando terminou de formular a pergunta, ela já sabia a resposta e se lembrou:

Eu sinto desejo por Heath? Você está de brincadeira! Acha que eu olharia para ele? Ele não tem dinheiro, não tem trabalho... Não tem classe! A família Nicholls pode ter caído em desgraça algumas vezes, mas mantemos o nosso orgulho. Aliás, você acha que alguém neste mundo seria capaz de desejá-lo?

A mente de Kat rodopiava. Ela se sentia mal ao se lembrar de tudo o que dissera.

— Você... Você ouviu...

— Sim, eu ouvi.

Mas, de alguma forma, o rosto de Heath não demonstrava recriminação. Ele parecia entender.

— Sinto muito, eu não deveria...

O que mais ela poderia dizer? Realmente sentia muito. Muito mais do que ele poderia imaginar.

— Talvez você estivesse certa...

— O quê?

Kat não acreditava no que estava escutando.

— Talvez fosse mesmo preciso que você dissesse tudo aquilo. Talvez eu devesse escutar tudo aquilo.

— Não... Isso nunca!

— O que estava acontecendo? — perguntou Heath, mantendo o tom calmo, um tom que deixou claro que ele sabia de tudo. — Quem foi: Joe ou Arthur?

— Os dois... Arthur estava com ciúme, disse ter visto você me olhando. Disse também que eu te desejava... E Joe ficou furioso com o que ouviu. Disse que, se tudo aquilo fosse verdade, ele te mataria... E te deixaria sem casa, sem dinheiro, sem referências. Por outro lado, Arthur jurou garantir que você não conseguiria qualquer tipo de trabalho. Então eu... eu...

— Você achou que a única forma de me proteger era jogando o jogo deles, dizendo que não gostava de mim, que não queria nada comigo.

— Como você adivinhou?

— Naquela época, eu não percebi... — ele admitiu, passando mais uma vez as mãos no cabelo. — Imaginei que você estivesse sendo sincera e não quis ficar onde não era bem-vindo... ao seu lado.

Ao seu lado. Aquilo significava o que ela estava pensando? Ou estaria imaginando coisas?

— Eu não sabia que você estava escutando ou eu nunca...

— Olha... — Heath ficou de pé e se aproximou dela. A sua frente, esticou uma das mãos e passou os dedos no rosto de Kat, deixando seus olhos cheios de lágrimas. — Eu entendo.

Kat balançou a cabeça, fungando elegantemente o nariz.

— Mas não deveria... Não mesmo.

— Você tinha quinze anos. O seu irmão era o seu guardião. Arthur pertencia à aristocracia local e eu... Você estava certa.

— O quê...? Não, eu... — disse Kat, de boca aberta.

— Sim — ele disse firme, pousando um dos dedos nos seus lábios. — Sim, minha querida. Nada de dinheiro, trabalho, futuro... Você me descreveu perfeitamente. Eu precisava daquele despertar. Disse a mim mesmo que estava aqui por você, mas não oferecia o que você merecia.

Ela balançou a cabeça, tentando afastar as lembranças.

— Você me tirou daqui... Me ajudou... Eu me transformei num homem por causa de você.

— Por causa de mim? — E Kat afastou a boca do dedo de Heath. — Ah, Heath... Você sempre teve muito valor... Muito mais do que... Ai, meu Deus, o que você deve ter pensando quando me casei com Arthur?

— Sendo honesto... Eu te odiei por isso. Mas olhei bem para o meu próprio rabo e notei que Arthur tinha muito mais coisas a oferecer. Desejei que ele te fizesse feliz. Mas logo fiquei sabendo dos negócios em que ele se metera

com Joe e ouvi histórias sobre o verdadeiro Arthur Charlton. Planejei voltar, mas a queda de Arthur foi mais rápida do que eu jamais poderia imaginar. Antes que eu pudesse entrar em ação, ele estava morto. E eu não poderia fazer nada frente a uma jovem viúva.

— Eu estava perdida muito antes disso — ela disse baixinho. — Desde o primeiro mês de casamento. Desde o momento em que notei que nunca tivera um marido.

Heath sentiu a importância do que ela estava a ponto de dizer.

— O meu casamento com Arthur nunca foi consumido porque ele nunca conseguiu manter uma ereção. Tentava, mas não conseguia. A verdade é que ele era gay, mas não admitia nem para si mesmo. Sempre me acusava, gritava comigo, dizendo ser culpa minha... Dizia que eu não era sexy, que não era...

— Que não era sexy... — murmurou Heath, sacudindo a cabeça descrente. — Meu Deus!

— Ele disse que eu só ficaria excitada ao lado de um bruto... de um bruto como você.

Uma risada histérica escapou dos lábios de Kat, que ergueu uma das mãos trêmulas em direção ao rosto de Heath.

— Acho que ontem à noite... — E ela se lembrou dos momentos gloriosos nos braços de Heath. — Ontem à noite foi uma confirmação de que ele estava com a razão. Embora você não tenha sido nem um pouco *rude*. Heath...

Ela precisava falar. Queria que ele soubesse de tudo, para que não restasse espaço para dúvida.

— A verdade é que Arthur nunca teve uma esposa de verdade, nunca teve uma mulher que o amasse. Eu achava que gostava dele, mas no fundo, também achava que você estava perdido para mim, que nunca mais te veria. E nunca desejaria outro homem como um dia eu te desejei.

Heath fechou os olhos, e Kat notou que o atingira com as suas palavras. Não precisava perguntar, estava estampado no seu rosto, e ele não parecia ter vergonha de demonstrar seus sentimentos.

Respirou fundo, tentando encontrar coragem para seguir em frente.

— Vou te perguntar mais uma vez: por que você voltou?

— Eu achava que por vingança — ele respondeu em tom áspero. — Mas a verdade é que voltei por você, pois não conseguia te esquecer, por mais que tentasse. Voltei por você e... Se você me pedir, mas só se me pedir... Irei embora novamente. Mas primeiro...

Movendo-se lentamente, Heath pegou os papéis deixados por Randolph e entregou a Kat.

— A Grange... é sua. Sua e de Harry. Vocês sempre terão uma casa, propriedades e...

Ele a encarava com um olhar tão perdido que ela não teve outra reação além de sorrir. Sabia estar fazendo exatamente o oposto do que ele imaginava

que faria, mas não poderia reagir de outra maneira.

Pegou os documentos e rasgou em vários pedaços. No final, deixou que os pedaços de papel caíssem no chão, ao redor dos seus pés, como se fossem confete.

— Não quero nada disso. Não quero esta casa. É a casa de Arthur... A casa dos Charlton. Não quero nada relacionado a eles. Se quiser oferecê-la a alguém, que seja à Isobel.

— E você... Para onde vai? Onde vai morar? Se não quiser ficar aqui, eu poderia te levar para High Farm, mas aquela casa vai precisar de uma restauração... modernização... para que se transforme numa casa perfeita. Quero te oferecer uma casa, para o seu futuro e o futuro de Harry. Um lar onde possam ser felizes.

Kat sentiu um nó na garganta. High Farm sempre fora o seu lar, mas sem Heath não passava de uma mera casa. Mesmo maravilhosamente restaurada, não seria nada mais do que isso. Desesperada, ela fez que não.

— Não?

— Não... Não posso aceitar... Não está vendo? Você não quer ir embora. E não vai... — ela tentou dizer, mas, de repente, a boca de Heath estava colada à sua, e ela ficou sem ar. — Heath...

— Não... Espere... Preciso dizer uma coisa.

Olhando bem fundo nos seus olhos, ela notou uma chama, ainda que fraca. Mas uma chama de esperança.

— Kat... Vamos fazer isso direito. Estamos no caminho errado. Não deveríamos estar conversando sobre casas quando eu queria perguntar se você ficaria comigo... Quer ser a minha esposa? Posso te amar como eu sempre quis?

— Como sempre me amou — retificou Kat em tom suave, sabendo que era a mais absoluta verdade. — Isso é tudo o que eu quero. Não poderia ser feliz sem você na minha vida. Somos duas metades de um todo, e eu nunca me sentiria completa sem a sua companhia.

— Então você se casaria comigo?

Como resposta, ela o beijou, um beijo longo, apaixonado. E as palavras seriam inúteis. Porém, ainda assim, ela preferiu dizê-las:

— Claro, meu amor. Claro que sim. E quero estar onde você estiver... em High Farm ou na sua casa, no Brasil...

— O Brasil nunca foi a minha casa — ele respondeu. — Como poderia ser quando o meu coração ficou aqui com você? Chegou a hora de unir essas duas metades. Vamos construir um lar para Harry, para que ele cresça em paz. High Farm voltará à vida. Vamos lotar os campos de animais, os estábulos de cavalos e a casa de crianças nascidas do nosso amor. Será o nosso lar... O nosso futuro.

— Um verdadeiro lar.

Kat segurou a cabeça de Heath com as duas mãos, olhou bem fundo

nos seus olhos e viu o brilho da sua felicidade. Nesse momento, notou que ele finalmente chegara em casa, ao seu verdadeiro lar.

— Vai ser maravilhoso. Como poderia ser diferente? O meu lar será onde você estiver, pois devo estar sempre ao lado do homem que amo.